

# TECENDO MEMÓRIAS, CONSTRUINDO IDENTIDADES – A ESCOLA DE ENFERMAGEM DE CASTELO BRANCO



Politécnico  
Castelo Branco  
Escola Superior de Saúde  
Dr. Lopes Dias

77<sup>o</sup>  
aniversário  
ESALD



**Politécnico  
Castelo Branco**

Escola Superior de Saúde  
Dr. Lopes Dias

**EQUIPA EDITORIAL**

Helder Henriques, PhD

Rute Crisóstomo, PhD

Veronika Kozlova, PhD

**EQUIPA TÉCNICA**

Edite Santos/Rui Salgueiro - Design Gráfico

**PROPRIEDADE**

Edição e Administração

Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias  
Campus da Talagueira - Avenida do Empresário  
6000-767 Castelo Branco  
Correio Eletrónico: esald@ipcb.pt

Editor: Instituto Politécnico de Castelo Branco  
ISBN: 978-989-36221-4-8  
Título: Tecendo Memórias, Construindo Identidades  
- A Escola Superior de Enfermagem de Castelo Branco  
Autor: Hélder Henriques  
Suporte: Eletrónico  
Formato: PDF

# SUMÁRIO

05	Nota biográfica do autor
07	Nota de abertura
09	Dedicatória
11	Introdução
13	1. Olhares sumários entrelaçados: como se constrói uma profissão?
16	2. Escolas de Enfermagem em Portugal no Século XX: Um breve itinerário
18	3. A Escola de Enfermagem de Castelo Branco nos primeiros anos
21	4. Os atores educativos da Escola de Enfermagem de Castelo Branco (1948 – 1988)
23	5. Escutar a voz dos atores educativos: 5 testemunhos orais
25	António Luís Gil Lusio
32	Ismael Martins
45	José Manuel Preto Ribeiro
55	Maria Alice Proença Barata Garcia
63	Maria Augusta D'Ascensão Marinho de Magalhães
69	Em síntese...
71	Bibliografia



# NOTA BIOGRÁFICA DO AUTOR



Helder Manuel Guerra Henriques

Helder Henriques é doutorado em Ciências da Educação, na especialidade de História da Educação, pela Universidade de Coimbra. Realizou dois pós-doutoramentos em Ciências da Educação (Universidade de Coimbra e Universidade de Salamanca). Acrescentou à sua formação académica um Diploma de Estudos Especializados em Sociologia (Universidade da Beira Interior) e uma Pós-graduação em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural – Ramo Património Artístico e História da Arte (Universidade de Évora). Atualmente exerce funções na categoria de Professor Adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. É investigador integrado no Grupo de Políticas e Organizações Educativas e Dinâmicas Educacionais do Centro de Estudos Interdisciplinares – CEIS20 – da Universidade de Coimbra.



# NOTA DE ABERTURA

Celebrar 77 anos de uma escola é, antes de mais, dar voz à memória, reconhecer as raízes e homenagear os que ajudaram a construir um legado coletivo. A publicação deste livro insere-se nesse espírito de celebração, integrado nas comemorações da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, com vista a preservação e valorização do património humano e institucional da antiga Escola de Enfermagem de Castelo Branco, através de testemunhos na primeira pessoa que nos aproximam da sua história e identidade.

Mais do que um registo histórico, esta obra constitui uma homenagem àqueles que, ao longo de décadas, deram corpo e alma ao ensino da enfermagem em Castelo Branco. As vozes aqui reunidas ajudam a compreender as dinâmicas sociais, culturais e pedagógicas que moldaram o percurso desta escola até à afirmação da enfermagem como profissão autónoma, com identidade científica e reconhecimento social.

Em 2000, no seguimento da evolução do ensino superior e da necessidade de resposta a novos desafios da sociedade, a antiga Escola de Enfermagem deu lugar à Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, integrada no Instituto Politécnico de Castelo Branco. Esta transformação marcou não apenas uma mudança de nome, mas também uma reconfiguração da missão institucional, alargando a sua oferta formativa e reforçando o compromisso com a multidisciplinaridade, a investigação aplicada e a qualificação de profissionais preparados para responder às exigências do sistema de saúde contemporâneo.

Num tempo em que o ensino superior e os cuidados de saúde enfrentam transformações profundas, revisitar as histórias individuais e coletivas da Escola de Enfermagem permite reforçar o sentido de missão, o compromisso com a qualidade da formação e o papel insubstituível das instituições na construção de profissões. Através da palavra de alguns daqueles que viveram por dentro a evolução da escola e da enfermagem, com memória a como esta deu resposta

a necessidades nos cuidados de saúde em Castelo Branco, este livro, criado a partir de entrevistas realizadas no âmbito da tese de doutoramento do Professor Doutor Hélder Henriques, em 2011, convida à escuta atenta e ao reconhecimento dos caminhos já trilhados, mas também à valorização do legado que hoje se projeta no futuro.

É com profundo respeito pelas memórias aqui partilhadas, de alguns dos que fizeram história, que convidamos o leitor a mergulhar nestas páginas, como forma de honrar o passado e renovar o compromisso com uma profissão que continua a cuidar, a ensinar e a transformar.



Rute Sofia do Santos Crisóstomo  
(Diretora da ESALD)





A José Lopes Dias...

Aos estudantes, professores e funcionários que contribuíram para o progresso desta região e para a valorização da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias desde o momento da sua criação até ao presente.



# INTRODUÇÃO

O estudo das instituições escolares, dos seus atores educativos, dos saberes científicos que se produzem e transmitem nas instituições de ensino, da cultura organizacional construída, do modo como se ensina, mas também da forma como se relacionam com o contexto que envolve as organizações educativas, confere-lhes um estatuto de elevado interesse científico no processo de construção de profissões ou da transformação de atividades ocupacionais em atividades profissionais. É o caso da enfermagem em Portugal e do percurso que foi construindo, particularmente, ao longo da segunda metade da centúria de novecentos. O objetivo principal deste trabalho consiste em discutir o papel das Escolas de Enfermagem portuguesas na segunda metade do século XX. Para tal, utiliza-se como "arena" de discussão a Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período que se inicia com a sua criação, em 1948, até ao momento da sua integração no Sistema Educativo Nacional (1986) e no ensino superior politécnico (1988)[1].

Ao longo do texto encontramos diversas referências teóricas, cujo objetivo principal passa pela evidente e necessária relação com um conjunto de abordagens que permitem "colocar em crise" a importância das escolas de enfermagem na conquista do estatuto de profissão; por outro lado, encontraremos, igualmente, variadíssimas referências ao percurso histórico da Escola de Enfermagem de Castelo Branco. Por fim, oferecemos à estampa um conjunto de 5 testemunhos orais de antigos professores e/ou alunos da Escola Albicastrense (Henriques, 2012) que constituem elementos fundamentais para a compreensão do processo histórico da instituição, mas também para a interpretação da enfermagem enquanto grupo profissional. A busca do conhecimento com o objetivo de alcançar a compreensão sobre o processo de construção da enfermagem como atividade profissional, reconhecida socialmente e cientificamente, constitui uma oportunidade para, além de se exporem sumariamente diversas teorias no âmbito da Sociologia das Profissões,

[1] Este trabalho resulta, em grande parte, de uma investigação de doutoramento que realizamos na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, cuja tese foi defendida em 2012.

interpretar o caminho construído e analisar o processo de afirmação da sua respeitabilidade social e profissional.

Um olhar sobre uma atividade profissional como a enfermagem – cuja construção é permanente e relacional – representa a análise de um conjunto amplo de escolhas que os diferentes atores educativos, políticos, sindicais ou outros, foram produzindo com o objetivo de construir, com a necessária solidez, uma jurisdição profissional (Abbot, 1988) com estatuto reconhecido socialmente. Este processo aconteceu com o particular contributo das Escolas de Enfermagem que ao longo do século XX foram surgindo um pouco por todo o país. Contudo, há variáveis que devemos ter em conta quando estudamos, principalmente, atividades relacionadas com "os grupos que cuidam". Em regra, estes grupos estão associados a "uma extensão do trabalho que espera as mulheres na esfera doméstica, e neste sentido o trabalho que podem desenvolver 'naturalmente'" (Abbot e Meerabeau, 1998, pp. 8) no contexto da esfera pública. Esta perspetiva acrescenta uma variável relevante – o género – no processo de análise e de construção das profissões (Amâncio, 1993).

A enfermagem não escapa a este processo onde o ato de cuidar encontra, do ponto de vista histórico, no género feminino o elemento central do processo de construção de um grupo que, ao longo da segunda metade da centúria de novecentos, pretendeu estabilizar-se como atividade profissional e alcançar o reconhecimento social, que entendia merecer. Assim, a dimensão do género introduz maior complexidade à análise destes grupos uma vez que, socialmente, estamos perante uma "visão masculinizada da divisão do trabalho" (Henriques, 2014, pp. 52) tornando-se, na nossa perspetiva, um entrave ao reconhecimento da própria atividade, na medida em que representa a visão de uma sociedade profundamente patriarcal (Witz, 1992).

Outro elemento relacionado com o ato de cuidar prende-se com a perceção instalada de que se tratava de um ato essencialmente emocional. Também esta narrativa contribuiu para que a enfermagem se

# INTRODUÇÃO

debatesse ao longo do seu processo de afirmação com a necessidade de distinguir aquilo que significava “preocupar-se com” e “cuidar de” (Abbott e Meerabeau, 1998, pp. 10). Esta discussão leva-nos ao “problema” da cientificidade da enfermagem ou da formalização dos conhecimentos em enfermagem e à seguinte questão:

**Quando nos referimos ao ato de cuidar estamos a associá-lo a uma réplica de cuidados “genderizados” e moralmente instituídos na esfera pública, como aconteceu no período do Estado Novo, ou estamos a assumir que o ato de cuidar é construído por conhecimentos especializados que se aprendem em instituições “acreditadas” num percurso académico relativamente longo e obedecendo a princípios de racionalidade?**

Este é o binómio em que se foi produzindo a identidade e a jurisdição profissional do grupo dos enfermeiros em Portugal.

A questão anterior remete-nos para a importância da criação de diversas instituições especializadas que promoviam o ensino da enfermagem, o saber-fazer e a compreensão sobre aquilo que se fazia quer em contexto escolar e/ou académico, mas também em contexto prático onde os estudantes realizavam as suas primeiras incursões no mundo da enfermagem.

Assim, a formação especializada constituiu um instrumento de afirmação da enfermagem e de delimitação do seu campo de ação (Bourdieu 1985). Depois destas primeiras palavras, façamos uma breve viagem suportados pela Sociologia das Profissões que, acreditamos, permitirá uma compreensão mais fundamentada da problemática das profissões e da importância das instituições escolares em todo este processo.

A questão anterior remete-nos para a importância da criação de diversas instituições especializadas que promoviam o ensino da enfermagem, o saber-fazer e a compreensão sobre aquilo que se fazia quer em contexto escolar e/ou académico, mas também em contexto prático onde os estudantes realizavam as suas primeiras incursões no mundo da enfermagem. Assim, a formação especializada constituiu um instrumento de afirmação da enfermagem e de delimitação do seu campo de ação (Bourdieu 1985). Depois destas primeiras palavras, façamos uma breve viagem suportados pela Sociologia das Profissões que, acreditamos, permitirá uma compreensão mais fundamentada da problemática das profissões e da importância das instituições escolares em todo este processo.



Exterior da Escola - Largo Dr. José Lopes Dias

# 1.

---

## Olhares sumários entrelaçados: como se constrói uma profissão?

No âmbito da sociologia das profissões encontramos diversos modelos de análise que se podem aplicar ao estudo das profissões – a lógica funcionalista, a alternativa interacionista, os críticos das profissões, a perspetiva do poder, a abordagem sistémica, entre outras – que procuram definir de modo concreto e o mais objetivo possível o conceito de profissão e os seus diferentes atributos (Abbott, 1988; Dubar, 1997; Larson, 1979; MacDonald, 1999; Gonçalves, 2006; Rodrigues, 2002; Freidson, 1986, 1994; Johnson, 1972; Folgado, 2006, Hughes, 1981, Etzioni, 1969, etc).

O funcionalismo, na nossa perspetiva, assenta em três características ou atributos definidores de uma profissão: a existência de um conjunto de saberes científicos associados a uma formação académica relativamente longa; o reconhecimento social da atividade desenvolvida e, por fim, a existência de instituições especializadas na área de formação do grupo (Etzioni, 1969).

A alternativa interacionista defende que o mais importante não é o cumprimento de um conjunto de atributos pré-definidos que, na perspetiva funcionalista, permitia a construção de uma profissão, mas antes o modo, o processo e as circunstâncias que permitiam alcançar o objetivo de uma atividade se tornar uma profissão. Ou seja, transita-se de um conjunto de atributos associados a uma atividade, para um modelo que vai ao encontro do seu exercício profissional (Hughes, 1981).

Neste contexto é valorizada a existência de instituições de formação específicas não apenas para proceder à seleção dos indivíduos mais adequados para pertencer a um determinado grupo, mas também centrando-se na proteção do próprio grupo através de um “mandato” que era atribuído a quem frequentasse com sucesso um curso de enfermagem numa determinada instituição acreditada, protegendo-se desta forma uma cultura de grupo e zelando pela aprendizagem e rituais associados.

De acordo com Rodrigues (2002) a abordagem interacionista defende três eixos: a existência de licença e mandato sobre um conjunto de saberes; a constituição de instituições específicas de formação que protegem o diploma e a emergência de espaços de diferenciação internos – as carreiras.

O movimento crítico e reabilitador das profissões destaca a importância dos processos históricos e da memória na afirmação das atividades que se pretendem profissionais. Numa crítica ao movimento funcionalista, entendem as profissões como relacionais e dinâmicas, valorizando os processos para a obtenção e conquista do estatuto de profissão.

As décadas de 70 e 80 do século XX trouxeram novos entendimentos sobre os estudos relacionados com a problemática das profissões. Freidson (1986), destaca três elementos conceptuais que se encontram relacionados e que assumem importância no interior das “teorias do poder profissional” no âmbito das profissões: a autonomia, o credencialismo e o conhecimento.

A autonomia constitui a esfera de atuação técnico-científica onde um determinado indivíduo controla o saber permitindo o alargamento do seu “poder profissional”. O credencialismo, nomeadamente através das instituições de formação, permite controlar e selecionar aqueles que pretendem aceder a uma determinada atividade ou profissão e, deste modo, garantir o próprio prestígio da atividade profissional e do conhecimento que produz e mobiliza. O conhecimento, nesta teoria, apresenta-se como instrumento fundamental na relação com o meio social envolvente e na resolução dos problemas específicos que um grupo pode e deve resolver alimentando, assim, a sua respeitabilidade e prestígio profissionais.

# 1.

Olhares sumários entrelaçados:  
como se constrói uma profissão?

Por fim, a abordagem sistémica das profissões, defendida por Abbott (1988), centra-se na importância da construção de uma jurisdição profissional e nos processos relacionais entre os diferentes grupos, as disputas, os conflitos e a competição com o propósito de constituir ou manter e defender a sua jurisdição profissional. Nesta disputa valoriza-se o domínio do conhecimento abstrato controlado pelos grupos, do conhecimento académico ancorado nas instituições de formação, da respeitabilidade social e legal e valoriza-se o trabalho na comunidade.

Esta abordagem teórica aponta essencialmente para uma conceção holística do fenómeno profissional (Gonçalves, 2007/2008) que permite fixar jurisdições através do conhecimento formal e abstrato controlado por um grupo, interpretar a conflitualidade interprofissional, mas também incorporar o pressuposto de que as profissões não são "corpos" homogéneos, mas antes sujeitos às mudanças internas e externas (de contexto).

Posto isto, entendemos que a definição de uma atividade profissional assenta em dois campos de ação relacionais: o campo de ação formativo e o campo de ação do trabalho (profissional). A relação entre estes dois campos de ação estruturantes de qualquer grupo profissional apresenta-se dinâmico, interativo e produtor de uma determinada expertise que assume o objetivo de criar uma jurisdição profissional própria e autónoma.

Neste sentido, as escolas de formação inicial constituem o principal baluarte para a construção de uma atividade profissional. É neste contexto que se definem, transmitem e produzem conhecimentos especializados que, posteriormente, são aplicados em contextos de trabalho e que garantem a cientificidade associada a um determinado grupo que se pretende profissional.

A formação é um campo de ação estruturante onde se produzem e transmitem conhecimentos, acontecem experiências de aprendizagem, definem-se códigos de conduta e de valores associados a uma determinada atividade profissional e onde encontramos os atores educativos (principalmente estudantes e professores) produtores de uma cultura científica singular que, desejavelmente, se articula com a dimensão do trabalho (Canário, 2003).

Considerando a importância das instituições escolares enquanto produtoras de identidade e jurisdição profissionais, no caso da enfermagem estas assumem a centralidade no desenvolvimento de um grupo que "inicialmente resulta de um conjunto de saberes práticos e empíricos que aos poucos se vão formalizando no interior de instituições escolares, acabando por reivindicar para si a área dos cuidados de enfermagem, construindo deste modo e estrategicamente um [campo de ação] dominado,

pelo menos em parte, por si enquanto grupo profissional" (Henriques, 2018, pp. 103)

Às escolas de enfermagem coube, entre outros, um papel central no processo de seleção, ensino e certificação dos indivíduos considerados aptos para o exercício da enfermagem. Se, entre as décadas de 40 e 70 do século XX, as Escolas de Enfermagem assumiam com grande destaque no ensino da enfermagem a relevância da moralidade e o sentido caritativo na formação, a partir da década de 70 do século passado assistiu-se a um maior investimento na

**"construção de currículos e práticas pedagógicas que veiculassem os princípios da autonomia profissional e de cientificidade"**  
(Abreu, 2001, pp.49).

Este processo permitiu, gradualmente, conquistar "espaço" no âmbito da família das profissões da saúde e de transformar a "política do espírito" do Estado Novo num conjunto de valores cuja ação da enfermagem passou a ser dirigida ao Ser Humano que passou a ser interpretado na sua plenitude.

Assim, na década de 70, assistiu-se a uma deslocação do foco da enfermagem moral, técnica e dependente da medicina, para uma enfermagem concentrada na interpretação do Homem como um todo. Parece evidente referir que as Ciências Sociais e Humanas assumiram um importante papel no processo de emancipação da Enfermagem em Portugal (Canário, 2003) refletindo-se, isso mesmo, nos planos curriculares que foram surgindo, principalmente, em contexto democrático.

A compreensão teórica de uma atividade que pretende alcançar a respeitabilidade profissional e académica constrói-se de um modo relacional e multidimensional. Assim, além destes dois campos de ação estruturantes (a formação e a profissão), a construção de uma atividade profissional acontece por referência à relação entre três dimensões que encontram o seu suporte nos campos de ação anteriormente referidos: a dimensão do Estado, a dimensão da Ciência e a dimensão da Sociedade.

No processo de construção de uma atividade profissional, o Estado constitui-se como um dos principais elementos influenciadores dos grupos que pretendem afirmar-se profissionalmente. Cabe ao Estado, de modo direto ou indireto, a autorização para a abertura de instituições escolares, dos seus cursos, do número de estudantes que os devem frequentar, a definição das práticas de seleção e formação dos membros que, futuramente, integram uma

determinada atividade profissional.

A importância do Estado na valorização ou desvalorização de uma atividade ou grupo profissional é de tal ordem que, por exemplo, impedia o casamento no período do Estado Novo – como aconteceu com diversas atividades relacionadas com o educar e o cuidar – daquelas que optassem por seguir para a sua vida uma determinada atividade profissional, como a enfermagem.

Reafirmamos que o Estado constitui uma dimensão muito relevante na produção das configurações identitárias dos grupos profissionais. Através dos “discursos de poder” compreendemos as tensões que podem ser objetivadas “das instituições de formação que se encontram sob a sua dependência, dos processos de recrutamento e acreditação dos indivíduos ou da atribuição de licenças que permitem o exercício profissional” (Henriques, 2018, pp. 140). Rodrigues (2002) defende que “a análise das suas redes de influência e ação coletiva são centrais para a compreensão das profissões nas sociedades contemporâneas” (pp. 123).

Também o campo de ação da Ciência constitui uma dimensão da maior importância na construção dos grupos profissionais. O saber científico apresenta-se como um instrumento de ligação entre as instituições que formam e os contextos de aplicação dos saberes. As dinâmicas profissionais resultam, em grande parte, do conhecimento científico. É neste contexto que afirmamos o seguinte:

“(…) é a dimensão científica da enfermagem que permite um aprofundamento dos saberes mobilizados em relação à nova atitude profissional que o grupo assumiu nas décadas de 70 e 80. Já não interessava a “política de espírito” desenvolvida pelo Estado Novo, o que importava agora era centrar a atenção no próprio utente/doente aumentando a sua capacidade de diálogo com estes e com os grupos profissionais envolventes, fomentando a multidisciplinaridade, bem como com o próprio Estado. Há uma transição de uma atitude moral para uma atitude profissional, pelo meio encontra-se um caminho de proximidade à ciência, à racionalidade e a metodologias de saberes que aos poucos eram convocados nas escolas de enfermagem ao nível curricular e que ajudaram a fortalecer a enfermagem enquanto saber relacional” (Henriques, 2018, pp. 146).

A transformação da Enfermagem e do seu campo de ação, que era controlada pelo grupo profissional dos médicos, num novo modelo apelidado de cuidados de enfermagem, constituiu uma construção para o qual contribuíram as

Escolas de Enfermagem mas também o contexto político democrático com a afirmação de um Estado de Bem-Estar (Mozzicafreddo, 1982), as aprendizagens de novas técnicas e o desenvolvimento de saberes científicos, bem como o lugar relevante nos novos planos curriculares das Ciências Sociais e Humanas, além das lutas pela criação de uma carreira ou pela participação em congressos científicos onde se comunicava o trabalho realizado e conheciam as tendências relacionadas com a enfermagem noutros países.

Também o campo de ação Sociedade, assume importância na compreensão dos processos de consolidação dos grupos. É aqui que encontramos conflitos, tensões e lutas com o objetivo de valorizar a enfermagem em Portugal. Ora, para alcançar essa valorização torna-se relevante compreender o modo como se posiciona a instituição formadora, quem a frequenta e com que propósitos o faz.

Nesta dimensão conceptual evidenciam-se dois planos relevantes: por um lado, a análise dos processos de recrutamento dos futuros enfermeiros e a base social de partida para a afirmação do grupo; por outro lado, as estratégias utilizadas, depois da formação inicial, para aumentar a credibilidade profissional e a respeitabilidade social da atividade desenvolvida.

Parece óbvio afirmar que o conjunto de ideias expressas neste ponto constituem, essencialmente, um caminho que levou à consolidação da enfermagem como uma atividade profissional. Não deixa de ser, igualmente, um conjunto de fundamentos teóricos que nos devem inquietar na medida em que o processo de afirmação do estatuto de qualquer profissão é relacional e, por isso, está em permanente mudança.

# 2.

## Escolas de Enfermagem em Portugal no Século XX: Um breve itinerário

A criação de instituições escolares dedicadas ao ensino da enfermagem representou um avanço no objetivo de alcançar maior respeitabilidade científica e social. Pese embora as tentativas associadas a diversas administrações hospitalares do último quartel do século XIX e, particularmente, a tentativa de Costa Simões (1819 - 1903) na criação da Escola de Enfermagem em Coimbra (1881) (Silva, 2008, pp.50), a primeira escola oficial de enfermagem surgiu em Lisboa, por iniciativa do Hospital Real de S. José (1901): a Escola Profissional de Enfermeiros. Nos três primeiros decénios do século XX destacaram-se, ainda, as Escolas Oficiais de Lisboa e de Coimbra, assim como as escolas privadas da Misericórdia do Porto e da Misericórdia de Braga.

No período do Estado Novo a feminização da assistência acentuou-se. A mulher assumiu o papel da cuidadora com referência a uma ordem moral de um regime político autoritário, apoiado em princípios da Igreja Católica. Assim, na década de 40 do século XX surgiu a Escola de Enfermagem da Casa de Saúde da Boavista, criada em 1935, pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição; em 1937, a Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo, fundada pelas Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo; no ano seguinte, em 1938, foi fundada a Escola de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal, dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus e, em 1940, foi criado o Curso de Enfermagem do Sanatório "Dr. João de Almada" pelas Irmãs de S. José de Cluny (Silva, 2008: 144). Apesar do Estado Novo reservar um lugar muito definido e controlado à mulher, "prolongando a casa para a esfera pública", a década de 40 do século XX revelou-se um momento de transição no que respeita intervenção do Estado no processo de organização da enfermagem[2]. O edifício legislativo construído e dedicado ao ensino da enfermagem revela a importância que o regime político atribuiu a quem podia estar mais próximo das comunidades.

Não se tratou, verdadeiramente, de uma valorização científica da enfermagem, mas antes da criação de uma ordem moral vigilante capaz de garantir a condução daqueles que se encontravam a necessitar de cuidados de saúde, mas, principalmente, orientação moral e boa conduta. A enfermagem foi-se tornando instrumental para o Estado Novo no objetivo de instituir uma "política do espírito".

Em 1940, pela mão de Francisco Gentil, surgiu uma instituição - a Escola Técnica de Enfermeiras - que pretendia a enfermagem com um campo de ação tecnicamente definido preparando "enfermeiras de cultura superior no que respeitava às ciências naturais e de saúde pública e, sobretudo, no campo da física das radiações, o que, segundo se diz no preâmbulo do decreto da sua criação, não cabia no âmbito das escolas então existentes" (Soares, 1997: 39). Esta Escola representou uma iniciativa que se traduziu num caminho que outras escolas haveriam de tentar seguir ou acompanhar.

A formação tinha a duração de três anos e as enfermeiras obtinham o título profissional abrindo-lhe portas em instituições hospitalares ou outras. Maria Isabel Soares (1997) caracteriza esta instituição do seguinte modo:

[2] Decreto-Lei n.º 32 612, de 31 de dezembro de 1942 [Transforma e amplia a Escola de Enfermagem Artur Ravara e estabelece princípios para as outras escolas]. Decreto - lei n.º 31.913 de 12 de março de 1942 [Realça a importância do recrutamento de enfermeiras viúvas e sem filhos]. Decreto-Lei n.º 36 219, de 10 de abril de 1947 [Reorganiza o ensino da enfermagem]. Decreto n.º 38 884 de 28 de agosto de 1952 [Reforma do ensino da enfermagem]. Decreto n.º 38 885 de 28 de agosto de 1952 [Regulamento das Escolas de Enfermagem]

“o texto legal distingue-a das outras porque a sua finalidade é a preparação profissional e formação moral do pessoal de enfermagem feminino do instituto. Tem autonomia pedagógica, embora sob a orientação da comissão diretora do Instituto. Só podendo ser aceites indivíduos do sexo feminino e as suas diplomadas podem exercer enfermagem em estabelecimentos hospitalares e de saúde pública. É financiada pelo orçamento privativo do Instituto, com auxílios particulares e a colaboração da Fundação Rockefeller. Competia ao presidente da sua comissão diretora a função de inspetor de ensino, sem, contudo, explicitar em que consistia essa função. O pessoal em serviço no Instituto podia ser admitido à frequência da escola com a dispensa das habilitações exigidas. O regulamento e os programas eram aprovados pelo Ministério da Educação Nacional. A diretora era uma enfermeira e o curso funcionava em regime de internato” (Soares, 1997: 40).

Como se percebe, apesar da valorização do conhecimento científico nesta nova escola, continuamos a verificar no ensino da enfermagem a presença de uma dimensão moral muito intensa. Desde logo, a valorização da prática de internato, a moral ou a preferência na admissão de elementos do sexo feminino.

No final da década de 40 do século XX, surgiram mais algumas Escolas de formação de enfermeiras. Em 1947, em Coimbra, foi criada a Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel, ancorada na União Noelista de Coimbra. Em 1948, surgiu no panorama português a Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha “filial na Sociedade Nacional da Cruz Vermelha e, por esta via, na Cruz Vermelha Internacional” (Silva, 2008: 145). No mesmo ano, surgiu no interior do País uma iniciativa ousada e diferenciadora: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco, particular, e fundada pelo médico José Lopes Dias (Dias, 2009).

Uma década depois, verificamos a existência de cerca de 23 Escolas de Enfermagem. Existiam várias escolas oficiais,

na dependência do subsecretariado da Assistência que ministravam formação de base: Artur Ravara (Lisboa); Hospital de Santa Maria (Lisboa); Ângelo da Fonseca (Coimbra); Hospital de S. João (Porto); S. João de Deus (Évora). Existiam seis escolas oficiais de formação especializada (psiquiátricas na zona norte, centro e sul) e ainda existiam as Escolas de Enfermagem Materno-Infantil – Maternidade Alfredo da Costa (Lisboa); Maternidade Júlio Dinis (Porto) e Maternidade Bissaya Barreto (Coimbra). E, por fim, as escolas particulares, em número de 10: Escolas S. Vicente de Paulo e Franciscanas Missionárias de Maria (Lisboa); Ordem Hospitaleira S. João De Deus (Telhal); D. Ana José Guedes da Costa; Franciscanas Hospitalarias Portuguesas de Calais (Porto); Rainha Santa Isabel (Coimbra); Dr. Henrique Telles (Braga); S. José de Cluny (Funchal) e Dr. Lopes Dias (Castelo Branco) (Amendoeira, 2006: 128). A este conjunto ainda se vieram juntar, a partir de meados da década de 60, a Escola de Enfermagem da cidade da Guarda e a Escola de Ensino e Administração em Enfermagem (1967).

Já na década de 70, ainda no interior do regime político do Estado Novo, com o alargamento da rede de escolas de enfermagem, verificou-se a criação das Escolas de enfermagem de Bragança, Portalegre, Viseu e Faro (1971). Depois da instituição do regime democrático, o Estado assumiu o objetivo da criação de escolas em todas as capitais de distrito, com exceção de Aveiro e Setúbal. Além disso, oficializou a Escola de Enfermagem de Castelo Branco (1973) que passou a designar-se por Escola de Enfermagem do Dr. Lopes Dias, em homenagem ao seu fundador. Muitas instituições foram, gradualmente, incorporadas no ensino superior politécnico (1988) valorizando a atividade e o ensino da enfermagem em Portugal e concluindo um processo onde o conhecimento académico constitui fator de definição de uma jurisdição profissional e de elevada respeitabilidade social.



Interior da Escola - Largo Dr. José Lopes Dias

# 3.

## A Escola de Enfermagem de Castelo Branco nos primeiros anos

Em 1948 iniciou o funcionamento da Escola de Enfermagem de Castelo Branco. O seu fundador, que mais tarde, emprestou o seu nome à Escola, foi o médico José Lopes Dias. Impulsionador da medicina social em Portugal, dirigiu a escola até à década de 70 do século XX. Tal como já afirmamos “esta escola deu um importante impulso para o desenvolvimento da assistência social e sanitária no distrito de Castelo Branco” (Henriques, 2014, pp. 56).

A Escola de Enfermagem de Castelo Branco iniciou a sua atividade oferecendo três cursos: o curso de Enfermagem Geral, o curso de Auxiliares de Enfermagem e, ainda, o curso de Auxiliares Sociais. Um dos propósitos da criação desta instituição dedicada principalmente ao ensino da enfermagem prendia-se, na perspetiva do seu fundador, a um combate contra a existência de “centenas e centenas de curandeiros”. Deste modo, através da Escola de Enfermagem seria possível a “preparação dos técnicos da enfermagem [que] permitirá levar de vencida essa praga, de todos os tempos, modificando as condições em que se deve executar a profilaxia e a assistência às populações rurais”[3].

Esta Escola, numa fase inicial, assumiu como modelo, pelo menos no plano curricular, os planos de estudo que eram utilizados na Escola Oficial Artur Ravara. As primeiras disciplinas lecionadas ao curso de Enfermagem Geral foram as de Enfermagem, Moral, Higiene e profilaxia, Enfermagem cirúrgica, Anatomia e fisiologia, Farmacologia e terapêutica, Assistência e serviço social, Educação física.

Com a reforma do ensino da enfermagem de 1952 produziram-se alterações significativas no plano curricular das escolas de enfermagem.

[3] Arquivo da Escola de Enfermagem de Castelo Branco. Livro de Correspondência Recebida e Expedida, 1948. Ofício enviado ao Ministro do Interior por José Lopes Dias dando conta da sua reflexão sobre a necessidade da Escola de Enfermagem em Castelo Branco e analisando a legislação conexa ao ensino de enfermagem.

“No caso da Escola de Enfermagem de Castelo Branco, encontramos um plano de estudos adaptado à duração do curso de Enfermagem Geral (dois anos) que no primeiro e no segundo ano possuíam as mesmas disciplinas. Os anos letivos encontravam-se divididos em semestres. No 1º semestre, do 1º e 2º ano, os alunos frequentavam as seguintes disciplinas:

Noções de química e física para enfermeiros; Noções gerais de ciências naturais, bacteriologia e parasitologia; Anatomia e Fisiologia; Contabilidade, escrituração comercial e dactilografia; Técnica de enfermagem e Educação física. No 2º semestre de ambos os anos letivos, frequentavam: Anatomia e fisiologia; Higiene e profilaxia; Noções gerais de assistência e serviço social; Alimentação e dietética; Técnica geral de enfermagem; Administração hospitalar e Educação física” (Henriques, 2014, pp. 59 e 60)

No ano letivo de 1952/1953 verificam-se mais alterações e o curso era composto pelas disciplinas de Enfermagem, Higiene, Moral, Enfermagem cirúrgica, Anatomia, Farmacologia (1), Farmacologia (2), Deontologia, Inglês (1), Inglês (2), Físico-química e Análises. Mais tarde, a partir de 1954, o curso geral de enfermagem da Escola de Castelo Branco, agora já com a duração de três anos e alinhado com as outras instituições escolares, era constituído, no 1º ano, pelas seguintes disciplinas: Ciências, Anatomia e fisiologia, Patologia geral, Nutrição e dietética, Adaptação profissional e História da enfermagem, Psicologia, Moral e religião, Técnica de enfermagem e um estágio anual.

No 2º ano, verificamos que o plano de estudos era composto pelas disciplinas de: Patologia médica, Patologia cirúrgica, Farmacologia e terapêutica, Psiquiatria, Urologia e venereologia, Obstetrícia, Puericultura e pediatria, Moral e religião, Técnica de enfermagem médica, Técnica de enfermagem cirúrgica e um estágio anual.

No 3º ano do curso de Enfermagem Geral, os alunos frequentavam Patologia médica, Patologia cirúrgica, Higiene e medicina preventiva, Educação sanitária, Noções de vida social e de organização da assistência, Noções gerais de administração de organismos da assistência, Moral e religião, Técnicas de especialidades médicas, Técnicas de especialidade cirúrgica e um estágio anual (Henriques, 2014, pp. 61).

Os professores destas disciplinas eram principalmente médicos. Valorizava-se, portanto, a técnica médica verificando-se um desajustamento entre aqueles que ensinavam e os que praticavam a enfermagem.

**A primeira Monitora de Enfermagem da Escola de Enfermagem de Castelo Branco foi Maria Branca Mourão Lamarchand Souchet. Nasceu a 9 de fevereiro de 1923 em Salvaterra do Extremo, concelho de Idanha-a-Nova, no distrito de Castelo Branco. Filha de Amélia Souchet e de Carlos Júlio Souchet Lopes. A sua mãe era doméstica e o seu pai era “proprietário” rural e trabalhou como “empregado da companhia de algodões”. Branca Souchet foi admitida ao primeiro curso de enfermagem geral, em 1948, numa turma constituída por 20 estudantes, 16 do sexo feminino e 4 do sexo masculino.**

Iniciou funções em 1952 e foi-lhe atribuída a disciplina de Técnicas de Enfermagem em colaboração com o médico António Ramos Proença.

Em síntese, existiu tensão entre um grupo profissional constituído, como é o caso dos médicos, e o grupo que procurava o seu reconhecimento e a construção de uma jurisdição profissional. Aliás, verifica-se um processo de desvalorização do ensino da enfermagem na medida em que os saberes de natureza intelectual eram ministrados por médicos e, por outro lado, as práticas em contexto de trabalho eram geridas por monitoras que se encontravam dependentes dos médicos. A prevalência do ato médico na construção da enfermagem foi significativa. A partir da década de 60 assistimos a um crescente equilíbrio entre o número de professores com formação em medicina e enfermagem. Nas décadas de 70 e 80 o ensino da enfermagem passa a ser lecionado maioritariamente por enfermeiros.



Grupo de alunos da Escola de Enfermagem de Castelo Branco com professores e monitora. (Arquivo da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias)

Em Castelo Branco os primeiros professores que ensinaram na Escola de Enfermagem (1948) foram: José Lopes Dias, fundador e diretor da instituição, licenciado em medicina, diretor do Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo da Mota, e lecionava, entre outras, as disciplinas de Assistência Social; Deontologia; Ética profissional; (1953) Puericultura, Assistência social, Adaptação profissional, Doenças Infectocontagiosas e Saúde Pública; Higiene e Medicina preventiva; Bacteriologia, parasitologia e Nutrição; António Ramos Proença, Licenciado em Medicina, subdelegado do Instituto de Assistência à Família, lecionava, entre outras, as disciplinas de Enfermagem; (1953) – Patologia Geral e enfermagem médica; obstetrícia e ginecologia. Técnicas de Enfermagem (em colaboração com a Monitora Branca Souchet); Clotilde da Costa Castanheira, licenciada em medicina, Encarregada da Consulta de Higiene Pré-Natal, lecionava Anatomia e Puericultura; Manuel Lopes Louro, licenciado em Medicina, médico interno e radiologista do Hospital da Misericórdia de Castelo Branco, lecionava Higiene; Patologia Geral;(1953) – Bacteriologia e Higiene, Noções de Bacteriologia, Higiene e Patologia geral, Dermato-sifilografias; Isaura Costa, visitadora social e analista; Filomena Xavier Barata, Auxiliar Social de 2º do Instituto de Assistência à Família e, também, a Enfermeira-Chefe do Hospital da Misericórdia de Castelo Branco. Podemos afirmar que no decorrer da segunda metade da centúria de novecentos, verifica-se no ensino da enfermagem a predominância de uma conceção moral até à década de 70. No decorrer da década de 70 e 80 observa-se uma tentativa de valorização da enfermagem através da aposta numa conceção e conhecimento mais técnico e científico. De igual modo, contribuiu para este processo de valorização a necessidade de aumentar a exigência habilitacional na admissão de novos candidatos ao curso de enfermagem geral nas escolas de enfermagem.

# 3.

## A Escola de Enfermagem de Castelo Branco nos primeiros anos



Os estudantes realizam exames de aptidão sob o olhar atento de José Lopes Dias. (Arquivo da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias)



Grupo de enfermeiras junto do diretor da Escolas de Enfermagem. (Arquivo da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias)

A partir de 1965 passou a exigir-se o 2º Ciclo do ensino liceal para ingressar nas Escolas de enfermagem ao contrário do que estava definido desde 1947 (1º Ciclo do ensino liceal). A democratização da educação aprofundou ainda mais esta exigência e depois de 1979 apenas podiam frequentar estas Escolas quem tivesse o curso complementar dos Liceus.

Em 1988, com a integração no ensino superior politécnico, passou a ser exigido o 12º ano de escolaridade para

concorrer às escolas de enfermagem portuguesas. Do mesmo modo, a crescente participação do grupo dos enfermeiros nos congressos nacionais de enfermagem permitiram ter contacto com outras realidades e aprofundar o processo de cientificidade desejado pelo grupo tendo em conta o objetivo maior de alcançar uma jurisdição profissional controlada e um estatuto social reconhecido pela comunidade.



Homenagem dos alunos ao Dr. José Lopes Dias - 1967  
(Placa atualmente exposta na Escola de Saúde Dr. Lopes Dias)

# 4.

## Os atores educativos da Escola de Enfermagem de Castelo Branco (1948 – 1988)

Entre 1948 e 1988 verificamos que se inscreveram na Escola de Enfermagem de Castelo Branco 633 alunos no curso de Enfermagem Geral. Com uma predominância de 80% para o sexo feminino. As oscilações antes e depois do ano de 1974 (Revolução de Abril) não são muitas, mas ilustram o caminho que se estava a construir. Até 1974 o público do curso de enfermagem geral era constituído maioritariamente (83%) por elementos do sexo feminino. Os Homens representavam apenas 17%. Não é de estranhar tendo em conta a associação do ato de cuidar ou ensinar ao sexo feminino. Depois de 1974, a percentagem de elementos do sexo feminino diminuiu para 78% e aumentou, proporcionalmente, a dos indivíduos do sexo masculino para 22%.

As origens geográficas dos atores educativos que frequentaram a instituição escolar podem dividir-se em três núcleos principais: em primeiro lugar, 429 (67,8%) alunos tinham origem no distrito de Castelo Branco. Em segundo lugar, nos distritos da Guarda (57) (9%) e de Lisboa (32). Por fim, a escola atraiu alunos dos distritos de Portalegre (15) e de Santarém (11) (5%). Os restantes alunos diluíam-se nos vários distritos nacionais, mas também um conjunto de alunos proveniente das ex-colónias (46) (7,2%), residualmente de Espanha, França e da Venezuela. Do conjunto de alunos cuja origem se encontra no distrito de Castelo Branco, no que diz respeito ao curso de enfermagem geral, destaca-se, em primeiro lugar, o eixo Castelo Branco – Fundão – Covilhã. Verificamos que 35% (de um universo de 429 estudantes anteriormente mencionado) tinham a sua origem no concelho albacastrense. Logo a seguir destaca-se o concelho da Covilhã com 24%, seguindo-se o concelho do Fundão com 10%. A tendência geral apresentada para o curso de Enfermagem geral era idêntica no curso de Auxiliares de Enfermagem, mas detalharemos um pouco mais a seguir.

Importa ainda referir que um dos elementos mais relevantes para compreender a construção de um grupo que pretende alcançar um estatuto profissional reforçado prende-se com a análise da origem social dos elementos que compõem o respetivo grupo de futuros enfermeiros. Tal como afirma Henriques (2018) afirma, o curso de enfermagem geral

*“era procurado por alunos cujos pais desenvolviam maioritariamente trabalhos manuais (ofícios), em meio rural e/ou urbano e pertenciam a uma classe média baixa que queria afirmar-se através dos seus descendentes. Esta tendência esbate-se à medida que entramos no Portugal democrático, assumindo uma importância crescente o grupo dos funcionários ligados ao Estado, nomeadamente os funcionários públicos e as forças de segurança”*  
(2018, pp. 295).

A Escola de Enfermagem de Castelo Branco, no período analisado, apresenta-se como um importante fórum de análise social na medida em que se vislumbra a procura de um atividade que estava em processo de afirmação por parte daqueles que viviam dos seus ofícios (entre outros, ferrador, carpinteiro, corticeiro, tipógrafo, serralheiro, padeiro, sapateiro, alfaiate, estucador); em segundo lugar, a Escola foi lugar de frequência da pequena e média burguesia rural (entre outros, Agricultor, Lavrador, Feitor, Proprietário), em terceiro lugar destaca-se o universo dos “trabalhadores Urbanos Não Qualificados” (essencialmente elementos ligados ao Exército, Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, Guarda-fiscal e prisional).

# 4.

Os atores educativos da Escola de Enfermagem de Castelo Branco (1948 - 1988)



A composição da origem social dos alunos da Escola de Enfermagem de Castelo Branco entre 1948 e 1988 (Retirado de Henriques, 2018, pp. 294).

O grupo dos "Empregados públicos/serviços" (entre outros, empregado bancário, funcionário dos CTT, empregado de escritório, trabalhadores municipais/camarários, funcionários públicos, ajudantes de farmácia, contínuos escolares, professores, enfermeiros ou agente de seguros) constitui 9% de admitidos na Escola. Logo a seguir os grupos dos Assalariados Agrícolas" e dos "Comerciantes" (8%). As Atividades profissionais do grupo "Profissionais Liberais e Atividades Similares", "Burguesia rural" e a "Burguesia urbana" representam apenas cerca de 3% do universo analisado entre 1948 e 1988.

Um cenário idêntico ao descrito verifica-se com o curso de Auxiliares de Enfermagem que foi lecionado entre 1948 e 1974. Este curso iniciou-se com o propósito de combater a falta de enfermeiros que se fazia sentir por todo o país e era-lhes oferecida uma formação rápida, com processos de recrutamento minimalistas, funcionando com uma duração entre 1 ano a um ano e meio. Identificamos 1265 alunos matriculados neste curso, terminando o curso 1133.

No que respeita ao género, a distribuição foi de 80% para o sexo feminino e 20% para o sexo masculino. O pico de matrículas no curso de Auxiliares de Enfermagem verificou-se no ano de 1963/64 com 93 inscritos.

No que respeita à proveniência geográfica deste curso destacam-se os distritos de Castelo Branco (64,1%), da Guarda (12,33%) e de Portalegre (4,5%), seguindo-se o distrito de Santarém (3,7%) e o de Lisboa (2,76%). No que respeita ao distrito de Castelo Branco, assumem importância os concelhos de Castelo Branco (34%), seguido do concelho de Penamacor (13%) – concelho natal de José Lopes Dias – o concelho da Covilhã (12%), o concelho do Fundão (10%), Idanha-a-Nova (8%), e os restantes concelhos de forma residual. Podemos concluir que a instituição escolar que analisamos apresentou-se como uma oportunidade de elevação social para os grupos que dificilmente tinham condições económicas para enviar os seus filhos para os centros urbanos universitários. Aliás, isso torna-se evidente com o número pouco relevante de estudantes do curso de enfermagem geral oriundos de famílias com maior capacidade financeira como era o caso dos profissionais liberais, da burguesia urbana ou rural. Apesar de se reconhecer as dificuldades associadas às atividades que o grupo da enfermagem desenvolvia encontrou-se nesta instituição a possibilidade de afirmação social, o desenvolvimento da profissionalização do ato de cuidar e uma oportunidade de ter um emprego num contexto social difícil, particularmente, para as mulheres (Escobar, 2004).



(Arquivo fotográfico da ESALD)

# 5.

## Escutar a voz dos atores educativos: 5 testemunhos orais

O testemunho de antigos alunos e/ou professores da Escola de Enfermagem de Castelo Branco assumiu particular importância quando procuramos responder à seguinte: como se construiu a identidade profissional dos enfermeiros em Portugal? De facto, muito do que fomos referindo anteriormente pode ser encontrado nas palavras transcritas para o suporte físico decorrentes dos testemunhos que agora publicamos na íntegra.

As fontes orais constituem um importante mecanismo de recolha de informação. A utilização deste tipo de testemunhos atribui importância ao papel do indivíduo no devir histórico, permite analisar as conjunturas que o envolveram num determinado momento, estudar o impacto dos aspetos culturais e políticos, mas, principalmente, revelar as suas histórias de vida. Portelli (2003) é muito claro quando afirma que “as fontes orais dizem-nos não apenas o que as pessoas fizeram, mas aquilo que elas quiseram fazer, o que elas acreditaram estar a fazer, e o que agora pensam que fizeram” (pp. 67).

Assim, a entrevista é um instrumento essencial no âmbito da utilização das fontes orais. Em regra, gravada em qualquer suporte (áudio, vídeo, digital), consubstancia um processo relacional e de “tensão” entre o Entrevistador e o Entrevistado que provoca o pensamento e o ato de reflexão. É a partir da intersubjetividade emergente do relacionamento entre ambos, tendo em conta o momento em que a entrevista é realizada, o seu contexto e a forma como é preparada, que torna a entrevista um instrumento fundamental para interpretar um determinado tempo histórico e o modo como o indivíduo se posicionou nele e construiu o seu pensamento sobre esse momento. Neste caso, foi construído um guião de entrevista, foram assinadas as declarações de consentimento pelos entrevistados e agora disponibilizamos um conjunto de 5 testemunhos que originalmente foram recolhidos com o

propósito da realização de uma tese de doutoramento apresentada e defendida na Universidade de Coimbra em abril de 2012.

As entrevistas, semiabertas, realizadas durante o ano de 2011 centram-se em cinco áreas fundamentais: o período institucional da escola antes da Revolução de 25 de abril de 1974; o período revolucionário e de transição da Escola de Enfermagem; a dimensão pedagógica e da organização curricular da Escola; a relação da Escola de Enfermagem com o meio envolvente.

Não pretendemos, neste ponto, analisar os discursos que o leitor terá oportunidade de conhecer. Apenas apresentamos sumariamente os entrevistados de modo a enquadrar o seu percurso académico ou profissional no contexto institucional que agora tomamos como objeto de análise a propósito das comemorações do 77º aniversário da Escola Superior de Saúde do Dr. Lopes Dias, herdeira da antiga Escola de Enfermagem de Castelo Branco.

A nossa escolha recaiu sobre os

**Enfermeiros António Gil Lusio, Ismael Martins, José Manuel Preto Ribeiro, Maria Alice Barata Garcia e Maria Augusta Magalhães**

Estes nomes surgiram através de uma rede de contactos previamente estabelecida e do cumprimento do critério de terem sido antigos alunos e/ou professores da Escola de Enfermagem de Castelo Branco. Além disso, este conjunto de testemunhos abrange temporalmente o período a que nos propusemos estudar (1948-1988).

Assumimos, desde já, que apenas construímos apontamentos biográficos sobre os antigos

# 5.

Escutar a voz dos atores educativos:  
5 testemunhos orais

estudantes e/ou professores da instituição a partir da documentação encontrada no Arquivo da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias. Não se trata de um exercício biográfico completo, apenas um esboço que permita a compreensão sobre o percurso inicial de quem foi entrevistado.



António Gil Lusio



Ismael Martins



José Manuel Preto Ribeiro



Maria Alice Barata Garcia



Maria Augusta Magalhães

# ANTÓNIO GIL LUSIO



António Luís Gil Lusio nasceu a 20 de agosto de 1956, filho de António Lusio e de Rosária Gil, casado, é natural da freguesia de Benquerença no concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco. Ingressou na Escola de Enfermagem de Castelo Branco/ Dr. Lopes Dias no Curso de Enfermagem Geral no ano de 1974. Em 1977 ingressa na função pública. Entre outras formações, realizou o curso de Especialização em Enfermagem Médico - Cirúrgica, obteve a equivalência ao grau de bacharel em Enfermagem, a equivalência ao Diploma de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem e o Curso de Pedagogia Aplicada ao Ensino de Enfermagem. Foi Enfermeiro - Monitor, enfermeiro assistente e professor adjunto.

**Helder Henriques (H.H.):** Agradeço por ter acedido ao meu convite para dar o seu testemunho enquanto aluno da Escola de Enfermagem entre 1974 e 1977.

**António Gil (A.G.):** Bom dia. É com todo o gosto que dou a entrevista!

**(H.H.): Como caracteriza o ambiente educativo na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período revolucionário?**

**(A.G.):** Eu iniciei o meu curso no dia 1 de setembro de 1974, tinha-se então dado a revolução, eu ainda nem sabia muito bem o que era a revolução, o que era abril, quais as expectativas que se esperavam, embora já naquele tempo nós vínhamos com o 9º ano, mas sabíamos muito pouco sobre a revolução sobre a democracia. Eram valores que ainda não se tinha percebido muito bem o que é que isso queria dizer. De qualquer modo eu lembro-me que foi uma escola que nos acolheu muito bem naquela altura. Naquele tempo pouca gente queria vir para a enfermagem. Eu lembro-me que éramos 16 alunos e no fim acabamos por ficar 14. Houve alguns que desistiram. Pelo menos duas. Eu lembro-me que já naquela altura foi um ambiente muito acolhedor. As professoras que nos acolheram, foi especialmente uma professora, recordo que estava ela no Conselho de Gestão, salvo erro, e acolheu-nos muito bem, de uma forma muito familiar que eu não estava muito habituado. Porque no Liceu era um ambiente, antes do 25 de Abril, era um ambiente muito diretivo, um pouco duro e aqui não. Eu lembro-me que naquela altura acolheram-nos muitíssimo bem. Começaram a tratar-nos como adultos. Informaram-nos muito bem acerca do curso, já era o curso geral naquela altura com três anos, portanto sei que estranhei no bom sentido. Porque de facto gostei do acolhimento que nos fizeram. Era uma escola muito pequenina, naquela altura éramos muito poucos alunos e sentíamos-nos, logo à partida, como membros de uma família a que íamos pertencer. Foi essencialmente esse ambiente que eu encontrei que achei muito positivo e construtivo. Depois como éramos poucos alunos também nos começamos logo a conhecer, começamos logo a sair todos, portanto foi muito agradável, tenho boas recordações, principalmente do primeiro impacto, foi bastante positivo.

**(H.H.): Recorda-se dos alunos participarem em algum tipo de órgão escolar nesse tempo?**

**(A.G.):** Lembro sim senhor. Lembro-me que estava tudo a ferver naquela altura, portanto tinha-se dado o 25 de Abril de 1974, havia muitos órgãos a cair naquela altura, mesmo até nas escolas de enfermagem. Lembro-me que em Coimbra, por exemplo, houve mudanças do Conselho de Gestão, naquela altura era Conselho de Gestão, salvo erro, e aqui em Castelo Branco não. Mas lembro-me que o então

diretor estava em formação em Lisboa, que era o enfermeiro Ismael Martins, e ficou uma senhora professora, que já faleceu, que era a Fátima e lembro-me que na altura nós elegíamos uma aluna para pertencer a esse órgão de gestão. Era uma aluna, até sei o nome dela era a Susana, foi eleita, havia então uma professora de enfermagem, havia uma aluna e um membro da secretaria. Eram estes três que eu recordo. A escola aqui já não era privada, era oficial, mas que faziam parte do órgão de gestão.

**(H.H.): Era a professora Maria de Fátima Fortunato?**

**(A.G.):** Era a Maria Fátima Fortunato naquela altura, era ela que estava à frente quando eu entrei na escola.

**(H.H.): Um pouco mais tarde, a partir de 1976, lembra-se da constituição das Assembleias Gerais de Escola?**

**(A.G.):** Lembro-me, sim senhor. Lembro-me que na nossa escola não foi assim...foi muito pacífica. Havia reuniões das assembleias-gerais, dos trabalhadores com os alunos, houve algumas, recordo-me disso perfeitamente bem, mas foi muito pacífico, porque éramos muito poucos alunos. Como lhe disse nós éramos 16 depois ficamos 14. Lembro-me que depois entrou outro ano e depois já éramos mais alunos, foi terrível porque, terrível entre aspas, porque nos entramos 16 no primeiro ano e depois logo a seguir houve uma explosão de alunos, a turma passou de 16 para vinte e tal, quase trinta, depois já havia mais barulho, digamos assim, entre os alunos.

*E lembro-me que houve algumas assembleias de alunos com algumas reivindicações, olhe lembro-me de uma das reivindicações, por exemplo, era que as raparigas tinham lar e os rapazes como eram muito poucos na enfermagem e a partir do 25 de Abril começaram a surgir em maior número do que anteriormente, também exigiram um lar.*

*Foi numa dessas assembleias que batemos o pé, lembro-me perfeitamente, e foi-nos concedido um Lar. Debaixo da escolinha velha, onde tirei o meu curso e onde depois fui professor, foi aí que constituímos a residência de rapazes, foi fruto dessa reivindicação, dessa assembleia-geral de alunos em que nós batemos o pé, lembro-me disso perfeitamente.*

**(H.H.): Os alunos eram muito reivindicativos?**

**(A.G.):** Não se esqueça que nós estamos na província. Havia já algumas reivindicações, mas nada comparado com Lisboa. Por exemplo, eu fui a Lisboa algumas reuniões que naquela altura começou...houve a greve geral dos enfermeiros, não sei se foi em 77 ou 76, a greve que marcou tudo, marcou a evolução toda da enfermagem, lembro-me que pediram a participação aos alunos e lembro-me que houve uma reunião de professores na Calouste Gulbenkian, que é hoje a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, eu lembro-me que comparado connosco eu vim de lá de boca aberta, porque eles eram muito mais reivindicativos, Batiam muito mais o pé. Nós aqui éramos muito mais pacíficos, enfim também começamos a bater o pé nalgumas coisas, mas nada que se comparasse.

**(H.H.): Recorda-se de algum episódio com alunos e professores?**

**(A.G.):** Lembro-me perfeitamente de um episódio que nunca esqueci na minha vida. E nessa altura já estávamos no 2º ano, a acabar o 2º ano, salvo erro, sei que estávamos em estágio. E de facto vivia-se muito o espírito de abril, os estudantes pensavam eles que podiam fazer tudo o que quisessem e muito bem lhe apetecesse. Eu lembro-me que nós para irmos para o estágio fardávamo-nos na escola, porque aquilo era ali a um passo do Hospital, atravessávamos a rua e estávamos dentro do Hospital. Eu lembro-me que uma colega minha, desapertou a bata, desapertou bastante a bata, eu lembro-me que uma professora viu e que isso causou um burburinho de um raio. Esse burburinho...e veio-nos a chamar a atenção de que nem tudo valia, havia valores, nomeadamente, o respeito, a dignidade que as pessoas tinham que manter e não podia ser aquilo que as pessoas lhe apetecessem. Lembro-me que esse episódio quase que ia dando expulsão da aluna.

*Nós reagimos bastante, mas lembro-me que a professora aí foi muito dura. Disse que apesar de estarmos num movimento de revolução, havia coisas que ela não admitia nomeadamente as faltas de respeito. A aluna se calhar fez aquilo ingenuamente mas também numa que também podia fazer aquilo que muito bem lhe apetecesse. Mas não porque a professora chamou-a à razão. Nunca me esqueci desse episódio.*

**(H.H.): Nos estágios também se sentiu muito o espírito revolucionário?**

**(A.G.):** Eu lembro-me que nós fomos muito bem recebidos nas práticas clínicas, naquela altura não se chamavam práticas clínicas, eram estágios. Lembro-me de um episódio

que se passou comigo. Já estava no 3º ano.

Estávamos em 77 ou finais de 76. Lembro-me que os rapazes começaram a ir à sala de parto naquela altura, felizmente, e neste momento continuam a ir, eu lembro-me que havia lá um médico que não gostava de nos ver na sala de partos. Esse médico já morreu, ele é muito conhecido na cidade, e lembro-me que ele quase que nos queria expulsar e eu reagi. Ele não gostou daquela reação e pôs-me fora da sala de partos. Lembro-me que depois saí educadamente, fui falar com o Enfermeiro Ismael Martins, que já tinha regressado de Lisboa, mas lembro-me que também reagir, não aceitei bem que o médico, via-nos com maus olhos na sala de parto. Mas depois foi um episódio que se passou e nós continuamos a ir à sala de partos na mesma.

**(H.H.): Dentro da escola, lembra-se da presença de alunos na Secretaria?**

**(A.G.):** Lembro. Foi no meu ano. Eu lembro-me. Por exemplo, como hei-de dizer, todas os espaços da escola, os alunos sentiam que tinham direito a invadir esse espaço. Eu lembro-me que nós tínhamos assim muito à vontade para entrar na secretaria.

*A curiosidade dos alunos, a ver o que estavam a fazer os funcionários, dialogar com eles, mas havia aquela vontade de invadir a secretaria.*

Naquele tempo lembro-me perfeitamente disso, eu fui um que se me apetecesse ir à secretaria entrava por ali a dentro e ia falar com a senhora X ou Y e claro estas coisas foram ultrapassadas. Mas é verdade, eu fui um dos que invadiu, no bom sentido, a secretaria.

**(H.H.): Lembra-se de alguma aula que tivesse sido alvo do espírito revolucionário?**

**(A.G.):** Eu acho que houve episódios desses. Mas comigo, na minha turma, penso que não se passou. Não me lembro na minha turma. Mas assim que a turma toda reagisse, eu sinceramente...lembro-me que tivemos uma reação num estágio em Lisboa, ficamos muito descontentes com a nota e houve assim uma reação da turma...porque eram dois cursos que tinham ido fazer saúde mental e psiquiátrica para Lisboa e lembro-me que o ano anterior tinha tido melhores notas e nós do 3º ano refilamos e depois houve alterações de notas. Mas não me lembro assim de mais nada comigo, mas acho que aconteceu noutra ano ou no ano anterior passou-se assim uma coisa do género.

**(H.H.): Quais os aspetos que mais marcaram a sua formação enquanto aluno da Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(A.G.):** Portanto como eu já disse, era uma escola rigorosa, a formação era com rigor, exigente, não apelavam nada ao facilitismo. Os professores eram facilitadores, lembro-me perfeitamente. O acolhimento foi também um dos aspetos. Depois também, vivia-se um espírito de quase de família. Depois esta escola era pequena, raramente ultrapassava os 100 alunos, 90 alunos, pelo menos os anos em que eu andei como aluno. Como lhe digo pugnava-se muito pelo respeito uns dos outros, pugnava-se muito por determinados valores, principalmente nos estágios, a maneira de lidar com os doentes, mas também o respeito quer pelos profissionais que estavam lá, quer pelos doentes. Como lhe digo rigorosos na maneira como lidavam connosco, que me marcou bastante como profissional.

**(H.H.): Enquanto aluno, que valores e qualidades eram privilegiadas na formação de enfermeiros na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(A.G.):** O rigor, a relação, a relação de aluno-aluno, aluno-professor. Mas vi que de facto havia um certo respeito, lealdade e foram coisas que foram muito...

**(H.H.): Considera que eram valores do Antigo Regime?**

**(A.G.):** Naquela altura toda a gente se queria livrar desses valores, mas o espreitar, o estar sempre em cima, já no meu curso nos começaram a dar uma certa liberdade, mas com responsabilidade, não posso esquecer. Havia colegas que os acusavam de estar sempre atrás da porta a ver se fazíamos bem ou mal, mas eu não senti isso. Havia uma certa liberdade, falava-se muito na liberdade na minha altura, mas eu penso que nesta escola a liberdade implicou sempre responsabilidade, isto é, você fez ou se vai fazer será responsável pelos seus atos. Foi uma coisa que me ficou desde aquela altura.

**(H.H.): Como eram vistos e vividos esses valores pelos alunos?**

**(A.G.):** Os alunos em crescimento, entrar no mundo da adultez, havia com certeza alguns excessos acredito. Mas julgo que os alunos da escola naquela altura eram todos muito obedientes. Geralmente os alunos eram quase todos de meios rurais. Que tinham formação, uma certa formação familiar muito vincada, e o respeito pelos professores imperava. Embora houvesse algumas vozes dissonantes, mais revolucionários, usava-se muito este termo, sim também havia, mas de uma maneira geral era uma escola muito pacífica nessa altura, nomeadamente em relação a outros contextos e até a outras escolas de enfermagem.

**(H.H.): Havia alunos ligados a partidos políticos?**

**(A.G.):** Havia! Havia! Havia uma aluna que era muito revolucionária, ela era toda de esquerda, pelo menos uma,

a outra também, influenciou-me a mim, chegou-me a influenciar para me filiar num determinado partido, estive ainda a dar o passo para a filiação, mas depois vi logo que não era esse o caminho que eu queria. Pelo menos uma eu tenho conhecimento que era filiada num partido de esquerda. Era uma aluna que, se calhar das mais reivindicativas, ela também era mais velha que nós, já tinha outras visões, conhecia bem o ambiente de Lisboa. Ela esteve nesse tal órgão de gestão, mas apesar de tudo, de ter esse espírito revolucionário era agradável, nunca faltou o respeito aos professores, mas era aquela aluna que às vezes nos abria mais os olhos em termos da revolução, para o esquerdismo, para a igualdade, para a liberdade. Era ela que falava já muito nessas palavras que para mim era quase novidade na altura.

**(H.H.): Recorda-se de algum episódio de agressão a um professor?**

**(A.G.):** Na minha turma eu não me recordo, não, não me recordo!

**(H.H.): Como era a relação com os dirigentes e professores nesse período?**

**(A.G.):** Era uma relação de respeito, embora houvesse professores preferidos. Lembro-me que na altura, estávamos nós no 3º ano, calhou-nos cá um professor, que era administrador do Hospital, que também era muito revolucionário e quase que nos conseguiu dar a volta. Levar-nos para aquele caminho da reivindicação. Lembro-me que esse professor influenciou-nos de tal ordem que, por exemplo, nós no fim de curso havia sempre uma festinha em que os alunos vão à Sé fazer o seu juramento, nós nem sequer lá fomos, por influência desse professor e nós como era administrador do Hospital, e também nos interessava ficar por cá, nós agarramo-nos um pouco a ele. Pronto ele era interessante, de esquerda, mas nós não fizemos festa de fim de curso. E interessante ao jantar, convidamos alguns professores, nomeadamente ele, e outros não. Mas já estávamos mesmo no fim.

*As coisas estavam a começar a aquecer muito em termos políticos, acabei em 77, e depois de uma boa reflexão que fiz fizemos mal, porque todos os professores que tive aqui considerei e considero todos muito bons. Aliás a bandeira da escola tem todas as fitas de curso menos a do nosso curso. O diretor não foi convidado, era o meu modelo de professor.*

Este professor veio abrir o hospital novo, veio em 76, o hospital abriu em 77, e a escola convidou-o logo para dar aulas de administração, porque já fazia parte do plano de estudos. E lembro-me que as aulas eram praticamente a discutir coisas políticas. Era uma época que se proporcionava muito a isso.

**(H.H.): Do ponto de vista dos alunos, quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(A.G.):** Olhe gostei muito da Fátima, foi uma senhora que era boa professora, depois ela, o Leonel, estes professores, havia uma D. Branca que estava no final de carreira, a sala de técnica que existia naquela altura era excelente, era uma senhora que deu o corpo, a alma e a vida dela toda à enfermagem. E do Ismael também.

*Porque havia aqui uma coisa muito interessante, eles viviam a enfermagem, eles andavam muito nas práticas clínicas quer em Castelo Branco, quer em Lisboa, eles faziam a enfermagem com os alunos lá nos campos. E essas experiências eram trazidas para as aulas.*

O Ismael que já num outro conceito de enfermagem, quase científica, enfim jamais esquecerei estes professores.

**(H.H.): Quando fez o curso destacava-se a importância das relações humanas na construção de uma enfermagem mais digna e profissional?**

**(A.G.):** Posso dizer que no tempo em que fiz o curso persistia muito o tecnicismo, muito, muito, muito. Isto é, eu para executar qualquer técnica tinha de saber de baixo para cima, de cima para baixo, os materiais, todos os passos, portanto persistia muito o tecnicismo e às vezes podia ficar esquecida a pessoa que estava ali, o doente, que apesar de tudo eu lembro-me mesmo os manuais, havia uns da Artur Ravara, foi por eles que eu estudei, se vir reportam-se muito pouco ao doente à pessoa.

*Muito tecnicismo e muitas vezes o doente, a pessoa, a sua cultura, o seu meio não estão lá.*

*Embora, posso dizer que nesta escola eu sempre notei que os professores incentivaram a considerar a própria pessoa.*

Eu às vezes ficava espantado, por exemplo lembro do Leonel [Pires de Paula], foi o que me acompanhou logo no primeiro ano, no estágio preliminar, os diálogos que ele estabelecia com os doentes. Em relação aos hábitos deles, lá nas culturas, porque eram quase todos agricultores aqui em Castelo Branco, das azeitonas, das uvas, o que é que é isso? Isso eram relações humanas, eram lições que nos davam também a nós. Mas claro persistia muito o tecnicismo.

**(H.H.): O conhecimento do doente/paciente era alvo de atenção nas aprendizagens nas diferentes disciplinas?**

**(A.G.):** Os próprios manuais não o referiam muito isso. Lembro-me no 2º ano quando transitamos para a área médica e cirúrgica e aí avançamos muito para a patologia. E também na técnica operatória, o papel do enfermeiro como instrumentista. Não se falava na receção ao doente, o acolhimento, não eram termos que se viam muito. Nestes meios dos enfermeiros que via trabalhar, e os meus próprios professores, havia sempre um diálogo com os doentes. Então de onde é que o senhor é? Donde é que vem? No fundo é descer um pouco ao nível deles e colocá-los à vontade.

**(H.H.): Havia a preocupação na formação de chamar a atenção para o saber-escutar e conhecer o doente em várias vertentes?**

**(A.G.):** Imperava o tecnicismo. Nós podíamos era colher às vezes pelo exemplo. Pelo profissional enfermeiro ou até pelo próprio professor. Mas era muito o tecnicismo. Bastante.

**(H.H.): Mais o exemplo, mas dentro do estágio? E Na escola?**

**(A.G.):** O exemplo no estágio. Na escola era muito o tecnicismo.

**(H.H.): Notava que a enfermagem se centrava cada vez mais nos processos de conhecimento como forma de valorização da atividade?**

**(A.G.):** Naquele tempo não existia, não conhecia o termo, não me lembro de ter uma relação terapêutica, o interface profissional/doente, sei lá, relações humanas, pelo menos eu não me lembro de falarem nisso como aluno.

*Hoje apela-se muito ao doente total, ao holismo, ao holístico.*

**(H.H.): No seu tempo de aluno havia professores externos que eram convidados a dar?**

**(A.G.):** Havia. Essencialmente médicos. Obstetras. Um cirurgião, este tal senhor administrador hospitalar, alguns enfermeiros mais reconhecidos. Lembro-me de uma enfermeira especialista em saúde pública que foi lá dar.

**(H.H.): Considera esta relação entre a comunidade e a escola era importante na entrada do mundo profissional?**

**(A.G.):** Era importante. Eu lembro-me que nos estágios havia já um conhecimento, havia mais à vontade.

Nós como alunos já os avaliamos como profissionais. Porque quem está do lado de cá também avalia. Só pode ensinar quem tem conhecimentos práticos. A teoria não vive sem a prática, nem ao contrário.

**(H.H.): Já existia a ideia do espírito de equipa?**

**(A.G.):** Nós não passávamos de alunos, mas já se falava de equipa. Lá no serviço depois... quer dizer hoje os chefes dizem que "aqui somos todos uma equipa"...naquele tempo eu nunca ouvi dizer isso. Os alunos são alunos têm o seu papel, hoje fala-se mais. Na escola o incentivo hoje será maior.

**(H.H.): O bem-estar da pessoa humana era um dos objetivos finais da enfermagem?**

**(A.G.):** Eu vejo o bem-estar na sua totalidade. Naquela altura estava voltada para as patologias. Eu lembro-me por exemplo, hoje essa linguagem não é aceitável em lado nenhum, os nossos alunos não podem nunca referir-se nem nos hospitais ou os nossos colegas enfermeiros ou aos médicos, era o doente da hérnia, ou o doente da apendicite e, portanto, estava voltado para a técnica e para a patologia. Embora hoje ainda possa subsistir muito pouco. O caso social ficava um pouco esquecido, não havia grande preocupação como é que agora vamos entregar o doente à sociedade.

**(H.H.): Em que momento considera que estava a enfermagem do ponto de vista da sua própria profissionalização?**

**(A.G.):** Já estava a seguir o seu caminho. Já estava. Embora a enfermagem após o 25 de Abril, digamos que, evoluiu bastante. Quer em termos profissionais, quer em termos de profissão em si. Eu lembro-me daquela greve de 75 ou 76, foi a greve em que a enfermagem deu o salto grande. Naquela altura a sociedade tinha uma visão um pouco diferente do que terá hoje, ainda que muita coisa ligada ao antigamente que nos viam muito como auxiliares dos médicos, depois com aquela greve os enfermeiros começaram a dar o salto e começaram a ganhar visibilidade social e ainda estamos nesta fase.

**Surgiram os sindicatos de enfermagem, que lutaram bastante, os enfermeiros trabalhavam 12 horas por dia, ganhavam muito pouco, eles começaram a partir daqui a mostrar à sociedade o que era a profissão de enfermagem.**

Devemos muito aos nossos sindicatos, o da zona Centro, o da zona Norte, depois lembro-me que houve um congresso, e neste congresso começou-se a falar de ordem dos enfermeiros. Quando se tem uma ordem é o estado que entrega à profissão a autorregulação e a partir daqui está todo o caminho aberto para a enfermagem evoluir.

**Lembro-me que foi nesse tal congresso, a partir daí, já com a greve, mostrou-se à sociedade que os hospitais não podiam funcionar sem estes profissionais e lembro-me que nesse tal congresso sai a ideia de haver apenas um nível de formação, que ainda mantemos, e temos uma ordem dos enfermeiros e fomos admitidos no sistema educativo nacional.**

**(H.H.): Considera que essa foi uma grande conquista por parte da enfermagem ao nível do seu próprio reconhecimento?**

**(A.G.):** Eu penso que foi uma grande conquista. Foi. Nós pertencíamos ao Ministério da Saúde e ao entrarmos no Sistema Educativo Nacional, evidentemente que a enfermagem é reconhecida como uma profissão, e depois mais tarde com a ordem então...é a ordem que regula a profissão, com mais responsabilidade pode crer. Mas o sistema educativo nacional foi muito importante aqui porque nós depois começamos a submeter-nos às regras dos outros e depois então no ensino superior deu-nos o reconhecimento de grau. Quando ainda estávamos fora do Sistema Educativo Nacional os enfermeiros não eram aceites pelas universidades. Mais tarde foram aparecendo no Abel Salazar, os mestrados, hoje os próprios doutoramentos. Isto é, a enfermagem começou a investigar, e ao investigar a profissão torna-se mais autónoma.

**(H.H.): Lembra-se nos planos de estudos da existência de uma disciplina intitulada Introdução à Investigação e Estatística no final da década de 80, já enquanto professor da escola? Foi importante? Foi o embrião?**

**(A.G.):** Quando vim para a enfermagem havia um plano de estudos a que nos chamávamos o "Livro verde". Esse "Livro verde", por trás dele estava uma senhora muito importante Mariana Diniz de Sousa. Era uma senhora com formação, esteve na América, e já vinha com uma visão da enfermagem muito à frente em relação a nós aqui no nosso Portugal. Eu lembro-me que esse livro verde já preconizava lá uma cadeira com aspetos, muito ténues, sobre investigação. Mas lembro-me que já havia objetivos, isto é havia já planos de estudo, programas curriculares, e objetivos determinados.

**Os objetivos de ensino-aprendizagem estão nesse "livro verde" e ainda hoje eu vou pegar no livro porque em termos curriculares é uma bíblia que está ali e vou lá beber bastante. Esse livro já introduzia umas noções de investigação.**

Penso que os alunos já tinham de fazer um trabalho muito simples, eu lembro-me que já havia alguma colheita de dados, nada muito estruturado, mas já havia, estávamos no início. Lembro-me que quando vim para a escola falava-se em processo de enfermagem. Falava-se em Wanda Horta, em Jorge Kasledein, também eram aqueles que começavam a falar em processo de enfermagem, que ainda hoje utilizamos, isto é, os enfermeiros já levantavam problemas, objetivos, faziam tarefas e avaliavam. Era um método científico que nós hoje preconizamos. Foi precisamente nesta altura em que vim para a escola que se falou nestas questões.

**(H.H.): Agradeço o seu contributo. Muito Obrigado.**

**(A.G.):** Espero que sim, que tenha dado alguns contributos. Obrigado.

**(Entrevista realizada no dia 29 de junho de 2011, pelas 9 horas)**



António Gil Lusio - ESALD - "Última Lição" - 07 de junho de 2022

# 5.

Escutar a voz dos atores educativos:  
5 testemunhos orais

## ISMAEL MARTINS



Ismael Martins nasceu a 21 de maio de 1934, filho de Joaquim Augusto Martins e de Urbana Clara, casado, é natural de Moita, no concelho do Sabugal, distrito da Guarda. Ingressou na Escola de Enfermagem de Castelo Branco (ainda particular), no Curso de Enfermagem Geral, no ano de 1963 onde se torna Auxiliar de Monitor. E mais tarde Enfermeiro-professor. Um ano mais tarde, ingressa na função pública. Entre outras formações, realizou o curso de Enfermagem Complementar (Seção de Ensino), obteve a equivalência ao grau de bacharel em Enfermagem, a equivalência ao Diploma de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem. Tomou posse como elemento da Comissão Instaladora da Escola de Enfermagem (1976) e, mais tarde (1981), como membro da Comissão de Gestão. Foi Diretor da Escola de Enfermagem de Castelo Branco/ Dr. Lopes Dias.

**Helder Henriques (H.H.): Em primeiro lugar, gostaria de agradecer-lhe por receber-me em sua casa e por estarmos a falar de um assunto que é muito importante para este trabalho que me encontro a desenvolver. Em segundo lugar, quero que fique registado que esta entrevista resulta já de algumas conversações que tivemos anteriormente. Agradeço, mais uma vez, a sua amabilidade e disponibilidade para ajudar na construção deste estudo. Começo esta entrevista perguntando-lhe, em termos gerais, que conceção tem da enfermagem antes e depois do 25 de Abril de 1974? Que permanências e mudanças resultaram desse momento? Pode falar-me um pouco deste assunto?**

**Ismael Martins (I.M.):** Vamos tentar. Em primeiro lugar gostaria de dizer que não era necessário agradecer, pois eu responderei com muito gosto às perguntas que me for colocando e oxalá eu, de alguma maneira, corresponda às suas expectativas. Vamos ver em que é que eu posso ajudar. A questão que me coloca em primeiro lugar, digamos da visão dos valores que tenho da enfermagem antes e depois do 25 de Abril, é uma questão abrangente.

*Em primeiro lugar, talvez conviesse referir que a enfermagem evoluiu muito ao longo principalmente, segundo o que eu penso e a ideia que eu tenho da história da enfermagem, dos séculos XV, XVI e XVII, séculos em que penso que a enfermagem se fundava essencialmente nos valores cristãos, na caridade, digamos assim, na prestação de cuidados aos necessitados com base na caridade, num certo samaritanismo, se lhe quisermos chamar assim.*

Bastará recordar que há duas figuras importantes que contribuíram para a evolução da enfermagem. Foi o nosso S. João de Deus, Alentejano de Montemor-o-Novo, cuja ação vem no século XVI. Foi militar, andou pela Espanha onde terá ouvido um sermão de um sacerdote. A partir daí dedicou-se inteiramente a quem necessitava de ajuda. Todas as pessoas que necessitassem de ajuda levava-as para um casarão onde as assistia. Depois começou a ter apoios e alguns aderentes às suas ideias e introduziu aí duas noções muito importantes: primeiro, o uso de uma cama individual para cada doente. Até aí os doentes eram colocados em camaratas, uns a seguir aos outros. Ele exigiu um lugar para cada doente. A individualização começa aqui. Depois, exigiu também que os doentes do foro psiquiátrico, que por essa altura era normal os físicos de então – os médicos – receitem agressões físicas – açoites - a esses doentes, não fossem castigados.

Proibiu que os assistidos por eles fossem punidos fisicamente. Dois marcos: a individualização do doente e a proibição de castigos a doentes do foro psiquiátrico.

A seguir a ele, no século XVII aparece S. Vicente de Paulo – foi sacerdote em 1600 – e também se dedicou à prestação de cuidados aos necessitados. Foi ele que instituiu as chamadas Damas de Caridade, mas, e aqui está outro ponto-chave, apercebe-se que não basta a caridade, nem ter apenas boa vontade de assistir. É necessário ter conhecimentos e aqui começa a outra grande inovação. Ele próprio tenta ministrar, ele e outros, conhecimentos a jovens recrutadas no meio rural, que lhe fossem dados conhecimentos próprios de prestação de cuidados aos necessitados e digamos que ele inicia aqui a enfermagem moderna, recrutando gente para aqueles cuidados.

Depois dele, no século XIX, não sei bem, penso eu que terá surgido pela primeira vez na história um Pastor Alemão um tal Fridner, ou qualquer coisa assim, criou o instituto Kaiserswerth, na Alemanha, onde se recrutavam, formavam e ensinavam jovens a prestar cuidados de enfermagem. Sabemos ao certo que em 1850 entra neste instituto uma jovem inglesa, não era bem jovem tinha 30 anos, de nome Florence Nightingale [F.N.], que só nesta altura consegue autorização dos pais para ir para enfermeira. Florence, porque embora filha de uma família nobre inglesa nasceu numa cidade italiana – Florença. Embora ela seja a iniciadora da enfermagem científica, é de qualquer modo motivada por um sentimento de boa samaritana que vai ajudar o outro, ajudar quem necessita. Os pais não queriam que ela fosse enfermeira. A par desta boa vontade de caridade, de inspiração cristã, judaico-cristã, havia também os oportunistas, os mercenários que apenas queriam cuidar em troca de dinheiro.

*Florence Nightingale penso que era uma questão de vocação. Consegue entrar nesse instituto, não sei quanto tempo lá está, depois vai para a Guerra da Crimeia onde desempenha com muita eficácia a sua profissão porque faz reduzir drasticamente o número de mortos, limitações e incapacidades nas enfermarias militares, principalmente com bons cuidados de higiene, suporte psíquico e moral aos acidentados da guerra.*

Desta experiência regressa a Inglaterra e em 1859 funda a primeira escola laica que se conhece, pelo menos no mundo ocidental, anexa ao Hospital S. Tomaz, em Londres. Esta escola vem servir de modelo inspirador para muitas outras escolas a nível da Europa, e não só, também dos Estados Unidos, mas principalmente da França, da Alemanha ou da própria Inglaterra.

*Ela própria [F.N.] dizia que para se ser um bom enfermeiro, ou enfermeira, tinha que se ter conhecimentos, tinha que se passar por uma escola, tinha que se ter uma certificação de uma escola, sem a qual não podia ser enfermeiro. E acrescentava, tanto no aspeto técnico como no Humano, a formação nas relações humanas, tendo por base o valor do ser humano em si. A enfermagem científica começa aqui.*

Os conhecimentos vão sendo cada vez mais. Em 1900, 40 anos depois, consegue juntamente com outros enfermeiros formar a primeira grande associação de classe, o primeiro grande conselho internacional de enfermeiros, o chamado ICN que veio a ter assento permanente na Organização Mundial de Saúde. 14 anos depois, em 1914, quatro anos depois de ter falecido com 90 anos, foi reconhecido na Inglaterra o nível superior do ensino da enfermagem. A Inglaterra considera que o ensino da enfermagem já era de nível superior. Repare que em Portugal só vem a ser em 1988, setenta e muitos anos depois. O avanço que esta mulher deu na enfermagem. Ora bem, a enfermagem passa de uns certos valores de bem-fazer, de caridade... e depois no caso português, com as iniciativas de criação de escolas de enfermagem, ação levada a cabo por médicos dos hospitais, Costa Simões em Coimbra, em 1881; 5 anos depois, Tomás de Carvalho, em Lisboa, outra tentativa; o Dr. Ângelo da Fonseca; Em Lisboa Curry Cabral; mais tarde, o Dr. Artur Ravara... Mas repare, são todas ações de iniciativa médica para formar enfermeiros para seus auxiliares. Os valores da enfermagem eram ligados ao serviço médico, à prestação de cuidados médicos e o enfermeiro de certa maneira transforma-se de caritativo, samaritano, em auxiliar do médico. Mas com isto e provavelmente com as lutas sindicais e de associações vai-se valorizando, a técnica vai evoluindo, vão-se aprendendo outras coisas, mas nunca se esqueceu a parte humana, a parte da formação humana e dos valores humanos, das relações humanas. E tudo isto foi evoluindo e cada vez mais até ao 25 de Abril. Aqui houve uma certa agitação, confusão de ideias, de valores, enfim... e a enfermagem torna-se mais profissional, mais técnica embora, pelo menos teoricamente, se continuasse a falar em valores humanos e enfim...

mas penso que já não era aquela ideia de entrega, de missão, como foi até ao 25 de Abril. Até aí era um pouco aquela ideia da missão, a enfermagem era uma missão a cumprir, depois já era mais uma profissão a ser levada por quem teria jeito e vontade, mas também estava um pouco a oportunidade social de ter emprego, de ter colocação. Há uma certa alteração de valores na enfermagem, mas penso que a vertente humana nunca foi esquecida de todo.

**(H.H.): Na sua perspetiva esta década de 70, mais concretamente o 25 de Abril de 1974, representa uma alteração dos valores mais ligados à vocação, à missão, à obediência, ao auxílio do médico, para passar a ter um pouco mais de autonomia profissional?**

**(I.M.):** Sim, sim...repare que isso também se liga um pouco há própria evolução do ensino em Portugal, há a dita massificação do ensino em Portugal pós 25 de Abril. E daí, haver muito mais oferta de candidatos com preparação, com exigências, porque até aí eram muito menos os que estudavam e antes do 25 de Abril já se exigiam determinadas habilitações para o curso de enfermagem, que não havia. Havia escolas que lutavam com dificuldades para recrutarem gente.

*Com a massificação do ensino houve muitos mais candidatos. Mais oferta, e a formação passou a ser em grande número, sem grande preocupação pelas necessidades, foi uma certa luta que nós tivemos na nossa escola – Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Dr. Lopes Dias – dado que não queríamos ultrapassar determinados limites de admissão de acordo com as necessidades que entendíamos que havia em enfermagem, para os hábitos do Ministério da Educação em Portugal que não se importavam se havia ou não lugares depois e o que queriam eram números.*

Passou a ser mais uma preocupação do número do que da qualidade. Embora, repito sempre se continuasse a valorizar a formação humana.

**(H.H.): Se lhe pedisse para identificar dois ou três valores antes e depois do 25 de Abril associados à enfermagem, com reflexo na Escola de Enfermagem de Castelo Branco, quais realçaria?**

**(I.M.):** Eu conheço melhor a experiência da nossa escola. Isto já vinha um pouco do primeiro diretor

e fundador da escola – Dr. José Lopes Dias –, continuou comigo, eu bebi bastante essa inspiração e isso era a minha primeira grande luta, era a formação nas relações humanas.

**A questão dos valores era centrada no valor da pessoa humana em si, na liberdade que ela devia ter por si própria e, portanto, o respeito que devíamos ter pela pessoa. Portanto, a aceitação da pessoa como ela era e, por outro lado, a grande preocupação em que o enfermeiro descesse ao nível da pessoa para se poder relacionar bem com ela.**

Isto é, não podíamos tratar da mesma forma, embora com a mesma preocupação, o modesto agricultor ou aldeão ou um senhor de classe, embora os cuidados que lhes prestávamos eram os mesmos e com a mesma atenção, mas a relação direta, a conversa, o modo de falar tinham de ser diferentes.

**(H.H.): Adaptados ao indivíduo?**

**(I.M.):** Adaptados à pessoa. Portanto, o respeito pela pessoa, a aceitação da pessoa como ela é, em todas as vertentes, quer nas suas ideias, na sua religião, nos seus valores, etc... esses eram os grandes valores que nós procurávamos introduzir.

**Aceitar a pessoa como ela é, independentemente de idades, de raças, de riquezas, de situação social, embora nos preocupássemos em ter uma linguagem mais cuidada com uns do que com outros porque teria que ser assim até para as pessoas se sentirem mais à vontade connosco.**

Este era o grande valor. A seguir ao 25 de Abril de 1974, a evolução da década de 70 fez com que o grande valor mais intuído pelo profissional era cumprir a sua missão profissional em relação à situação patológica, dar medicamento a horas, em fazer o penso com a técnica que devia, tudo aquilo que era necessário na técnica mais apurada possível, mas não tão preocupados com o ir à pessoa em si e colocar-se a par da pessoa em si, como acontecia antes do 25 de Abril. Penso eu que existiu uma profissionalização técnica, ou técnico-profissional, relacionada com os tempos, com as exigências. Eu não sei se ajudará contar uma história concreta e interessante?

**(H.H.): Sim, claro!**

**(I.M.):** Tive um aluno da Idanha, um jovem inteligente, muito inteligente, quando nas nossas aulas de Ética Profissional, dadas por mim muitas delas, quando lhes falava nestas coisas – valores – ele argumentava que não via as coisas assim. Desde que desse os medicamentos a horas, fizesse os tratamentos exigidos, prestasse os cuidados de higiene, enfim não teria que se “dar assim” porque “eu sou eu, ele é

ele, um ser humano necessitado tudo bem, que eu respeito, mas eu sou o técnico que lhe presto os cuidados”. Esse pobre jovem, teve o azar de ter uma doença séria ainda antes de terminar o curso, um tumor cerebral, que o limitou e ao fim de alguns anos o matou. Foi internado no Alcoitão, na tentativa de ter alguma recuperação depois de intervencionado cirurgicamente e ele não chegou a acabar o curso porque a doença agudizou-se num período de estágio final. Eu fui visitá-lo, ele ficou muito feliz, apresentava-me a toda a gente e disse-me:

**“Olhe sr. Diretor, eu tenho uma confiança para lhe fazer – e escrevia-me muitas vezes e eu a ele – realmente o senhor tinha razão, eu hoje sei o que é o valor de um sorriso”.**

Cá está a tal diferença bem marcada dos valores anteriores que considerávamos como missão de se porem ao dispor da pessoa, de saberem ouvi-la e tentarem ajudá-la, do prestador de cuidados técnicos embora apurados e refinados, enfim, há uma grande diferença.

**(H.H.): Esse episódio foi antes ou depois do 25 de Abril?**

**(I.M.):** Foi depois do 25 de Abril.

**(H.H.): Essa mensagem, dos valores, como chegava aos alunos quando iam por exemplo para as práticas clínicas, para os estágios, eles praticavam mesmo esses valores?**

**(I.M.):** Olhe eu volto à questão que falei à pouco a propósito da minha grande luta desde sempre, mas sobretudo depois que fui responsável pela Escola, suponho que depois de 77, na década de 70, nessa célebre década agitada. Comecei por ser responsável pela escola primeiro pela Comissão de Gestão e depois nomeado diretor em junho ou julho de 1982.

**Eu tinha, digamos, três grandes preocupações na escola: a primeira, era a tal formação dos valores humanos, a interiorização dos valores humanos; a segunda, era a luta na formação dos docentes, que eram poucos, pois sempre houve uma carência grande que a escola teve e era a grande preocupação em proporcionar sempre que era possível aos docentes a frequência de mestrados, um ou outro que já apontava para o doutoramento, mas principalmente de mestrados; e a terceira luta, era na melhoria das instalações da escola. Aquilo que eu fazia nestas três lutas relacionava-se.**

A única hipótese que eu tinha era valer-me de ajudas de instituições locais, hospitais, centros de saúde, dos técnicos. E isso ajudou-me também de alguma maneira, era uma lição para os alunos com os técnicos dos hospitais, técnicos e não só e também dos centros de saúde.

**Como eu tinha poucos docentes socorria-me também deles para irem dar aulas à escola, pagava-lhes como professores externos. E tinha o cuidado além da competência e da formação de cada um, de escolher pessoas que estavam em lugares chave, nos centros de saúde e hospitais, os chefes, os diretores, por alguma razão o eram e, inclusivamente, eu convidava as enfermeiras diretoras, chefes, gerais, do nosso hospital, da Covilhã, do Fundão, dos Hospitais aqui à volta e dos Centros de Saúde para darem aulas na escola em várias cadeiras, nomeadamente na Ética Profissional, porque essas enfermeiras tinham a prática.**

A cadeira era eu o responsável, mas elas iam ajudar. Aqui aconteciam várias coisas positivas: abria as portas do hospital e centros de saúde aos nossos alunos, porque os melhores apoios que lá tinham eram os técnicos de lá. Cirurgiões e outros especialistas convidava-os para dar aulas na escola, nem que fosse só um capítulo ou dois, mas introduzia-os na família da escola e os alunos passavam a ter à vontade com eles e tanto aprendiam nas aulas teóricas na escola, como nas práticas no hospital. Isso acrescentava o corpo docente da escola, melhorava as relações da escola, responsabilizava os alunos quer na escola quer nos serviços de saúde e todos nós procurávamos ter as melhores relações humanas. Portanto, onde é que os alunos bebiam esta inspiração? Nas aulas teóricas da escola, em todas as aulas, pois procurávamos ter aspetos ligados à ética em todas elas, mas também através dos técnicos que vinham dar aulas à escola facilitando as relações dos docentes da escola com os técnicos e misturava a teoria da escola com a prática dos hospitais. De modo que posso dizer-lhe com agrado que nunca tive dificuldade nenhuma em que os nossos alunos fossem estagiar para qualquer sítio. Eram recebidos de braços abertos e muito apoiados e ajudados nesses serviços.

**(H.H.): A área de influência da escola, quanto aos estágios, era sobretudo a zona envolvente à escola?**

**(I.M.):** Sim. Até porque havia pouco dinheiro até 1973, embora a partir daí as coisas mudassem um bocadinho. Mas a área de influência era o distrito, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, mas também Vila Velha, Sertã, Oleiros, sempre que podíamos porque havia falta de técnicos e era uma forma de alguma maneira motivá-los para ficarem lá depois de profissionais.

**(H.H.): Falou que assumia três eixos na condução da escola, um dos quais tinha a ver com a falta de enfermeiros-professores, qual era a razão desta necessidade?**

**(I.M.):** Boa pergunta! Essa é uma boa pergunta, repito.

**Nós procurávamos que os bons alunos formados na escola fossem atraídos para ficar na escola. Aliás, eu sou um bom exemplo disso porque queria ir para Lisboa e o diretor não me deixou ir, fez-me ficar na escola. Mas nem todos aceitavam. E Sabe porquê? Porque a partir do momento em que concluíam o curso, iam trabalhar para os centros de saúde ou hospitais e ganhavam muito mais do que se ficassem a trabalhar como docentes da escola.**

Essa era a questão base. Mais tarde consegui ir buscar alguns porque as coisas foram mudando. Aliás, eu tenho uma intervenção no 3º Congresso Nacional de Enfermagem, no Porto, precisamente baseado nisso. Nas situações de falta de docentes nas escolas de enfermagem em Portugal, e as razões. A razão era o dinheiro. Os sindicatos não se interessavam porque se preocupavam mais com os horários, vencimentos, regalias, na regulação do exercício profissional dos seus enfermeiros nos hospitais e centros de saúde, do que com as escolas que era um pouco um mundo à parte. Havia inclusivamente sindicalistas que defendiam que as escolas não deviam existir só por si, deviam estar nos hospitais e ligadas aos hospitais, enfim...mas essa é a razão principal. A falta de enfermeiros na nossa escola concretamente, enquanto foi particular, é natural porque não tínhamos muito dinheiro para pagar e era o mínimo exigido por lei. A partir da oficialização da escola, em Agosto de 1973, as coisas modificaram-se um pouco, um pouco mais de dinheiro do Estado e entretanto, depois dessa oficialização houve a instalação da escola, no ano seguinte foi o 25 de Abril, depois seguiu-se a década agitada de 70, mas logo que eu fui nomeado diretor da escola comecei a abrir concursos e a tentar motivar enfermeiros para a profissão, e começaram a aparecer.

**(H.H.): Na sequência do testemunho anterior, como eram recrutados os professores?**

**(I.M.):** Primeiramente, enquanto escola particular, era por convite. De facto, conseguimos alguns. Também tinha histórias interessantíssimas para lhe contar sobre isso, falo-lhe só numa rapidamente: uma enfermeira

ENTREVISTA AO ENFERMEIRO  
ISMAEL MARTINS

que tinha sido nossa aluna aqui, no curso de auxiliares de enfermagem, foi para Lisboa trabalhar nos [Hospitais] civis, porque embora os nossos estágios fossem principalmente aqui, também os civis nos pediam estagiários para lá, pediam encarecidamente estagiários de Castelo Branco, desejavam estagiários de Castelo Branco, e iam muitas vezes. Essa enfermeira aqui da zona do Fundão, foi fazer o seu estágio nos hospitais civis, por lá ficou, continuou a estudar, fez o curso de enfermagem geral e numa determinada altura namorava com um licenciado em sociologia na Universidade Católica, também da zona da terra dela, e como acontecia com muitas e muitos alunas e alunos passavam por Castelo Branco e não se dispensavam de ir cumprimentar o diretor: "Então o que vem fazer por aqui?"

- Venho apresentar-lhe o meu Quim, é o meu namorado e vamos casar, e venho dizer-lhe que vou sair dos hospitais civis de Lisboa e vou procurar trabalho no Hospital da Covilhã que é perto da minha aldeia e o Quim também há-de arranjar por lá trabalho". E imediatamente eu disse:

**"Não, não, você vai ficar aqui com o seu marido em Castelo Branco, vai ficar a dar aulas na escola e para o seu marido também arranja como professor aí em qualquer lado e eu próprio tenho necessidade de algumas aulas de sociologia".**

Eles cá ficaram, ainda hoje cá estão, já aposentados os dois muito felizes, ele aposentado do ensino secundário e ela da escola de enfermagem.

**(H.H.): As relações entre os dirigentes da escola, nomeadamente do Enfermeiro Ismael Martins e talvez até o fundador Dr. Lopes Dias anteriormente, foram sempre marcadas pela cordialidade e pela amizade com os seus alunos?**

**(I.M.):** Sim. A Escola foi sempre uma família, foi sempre uma grande família alargada, de tal maneira que em cada ano que acabavam um curso nós dizíamos que a família crescia. Era tão vincado este sentimento familiar e amigo que quando o Instituto Politécnico de Castelo Branco começou a implantar-se na cidade, o Dr. Virgílio de Andrade, por convite meu, veio assistir a uma festa de finalistas e ficou abismado e disse-me: "Quando é que eu hei-de conseguir ter uma relação tão familiar como você tem na sua Escola?". Já vinha do Dr. Lopes Dias e cá está o tal confronto entre o antigo e atual...inclusivamente pós integração da enfermagem no Sistema Educativo Nacional em 1988 e depois disso, anos depois, a integração das escolas da enfermagem no Ministério da Educação, porque pertencia ao Ministério da Saúde, de tal maneira que quando os professores da atual escola me encontram na

rua dizem: "a escola já não é o que era, agora já não é família". A nossa escola sempre se prezou por ter umas relações amigas e entre os alunos porque, inclusivamente, eu me preocupava sempre na receção dos alunos na escola. Na primeira aula que tinham, onde os alunos e os professores se apresentavam, eu dizia-lhes: "tudo aquilo que ides encontrar aqui na escola é vosso, é para vosso serviço e utilização com liberdade, não há salas fechadas, está tudo ao vosso dispor, tendes é que o respeitar como se fosse vosso porque a partir de agora sois todos irmãos uns dos outros, pertenceis todos à mesma família, tendes que respeitar o que há cá". Isto resultava, resultava bastante. Era logo este espírito de união, de família que se procurava introduzir.

De tal modo, inclusive, que mesmo a relação do diretor com os professores era tão boa que era franca, era aberta, não era por detrás, era tudo pela frente. Havia uma necessidade qualquer eu chamava o professor ao gabinete e conversávamos. "Vamos lá discutir as nossas dificuldades". Eu conhecia-os muito bem a todos, pois parte deles tinham sido meus alunos e dizia-lhes

**"Meus amigos, a responsabilidade de ensinar alunos, de classificar alunos, de preparar os alunos para a profissão não é do diretor, é vossa, é de cada um e a avaliação que vós fizerdes dos alunos é vossa, da vossa consciência e eu depois como diretor da escola tomá-la-ei como minha, da responsabilidade da escola, mas não podeis esquecer-vos que a vossa consciência é que vos há-de dizer se cometeram injustiças ou não, porque na classificação há sempre muita dificuldade, mas tendes que vos preocupar em serdes justos, em conversardes lealmente com os alunos, inclusivamente nos estágios".**

A nossa preocupação, tanto minha como de todos os outros professores, era de lhes inculcar que não fossem com medo para os estágios porque eles não sabiam o que iam a fazer, iam a aprender. Primeiro não atuavam, só viam atuar e sempre que não estivessem seguros perguntavam aos monitores dos estágios, mas a ideia era assim: "não vão a tremer para os estágios". Olhe, tive uma aluna aqui da zona do Fratel que nos primeiros dias que foi para o estágio, quando ela me estava a ver tremia por todos os lados, tremiam as seringas, tremia tudo, quando ela não me via, mas eu a observava, trabalhava lindamente. Falei com ela e disse:

**“mas olhe lá mas sabe fazer isto não sabe?  
Tem medo de mim? Não tenha medo, eu só a  
classifico no fim do estágio, não é agora, Vós  
estais a aprender e quando tiver dúvidas  
venha ter comigo”.**

Mudou totalmente, perdeu o medo. Ou seja, tudo isto era baseado nas relações pessoais em que investíamos.

**(H.H.): Ainda voltando à questão dos professores, como é que estes docentes antes e depois do 25 de Abril se tentavam prestigiar enquanto corpo docente? Já me disse que sempre que podia os enviava para formação e em que áreas?**

**(I.M.):** Cada um ia para a sua área de acordo com as suas especializações. Iam para enfermagem médico-cirúrgica, de Saúde pública, Psiquiatria, enfim...mais das suas áreas.

Tínhamos um montante disponível para atualizações e os próprios professores se escalonavam. Todos iam frequentar. Como é que se valorizavam? Além da sua formação específica, era através de atividades de atualização permanente. Ou por eles ou através do pagamento das deslocações e ajudas de custo para irem frequentar.

Nas áreas mais abrangentes, como as Relações Humanas, Ética Profissional, Psicologia, Sociologia, dessas disciplinas genéricas iam todos, sempre que podiam e queriam. Para além disso, quando se sentia que uma área qualquer estava em carência, desenvolvíamos atividades na própria escola. Íamos buscar os técnicos e fazíamos ali formação de dois, três ou quatro dias e nessa altura procurávamos que os alunos estivessem mais em estágio, acompanhados pelos próprios enfermeiros do serviço que colaboravam muito connosco, embora lá fossem os monitores de serviço de vez em quando, mas nós próprios trazíamos à escola formadores sempre que havia necessidade disso.

**(H.H.): Pode dizer-se que a Escola de Enfermagem de Castelo Branco era uma escola dinâmica na organização de jornadas, ações de formação, colóquios, simpósios?**

**(I.M.):** Sim, sim.

**(H.H.): Do ponto de vista administrativo, como funcionava a Escola de Enfermagem de Castelo Branco até à sua oficialização e depois no Portugal democrático?**

**(I.M.):** É muito simples. A escola enquanto particular, sob a regência do Dr. Lopes Dias, quem mandava na escola era o Dr. Lopes Dias. Mas nós tínhamos por ele um certo carinho, que não era medo, era respeito pelo seu valor porque tinha sido nosso professor em diversas cadeiras e conhecíamos o seu valor como exigente professor, exigente professor, mas justo. Depois como docentes também mantínhamos boas relações com ele, mas era ele que decidia. Também lhe posso contar um pequeno episódio muito rápido: Eu saí de uma vigilância de estágio no velho hospital da misericórdia de Castelo Branco, que era junto à

escola, para falar com ele, porque eu sabia as horas a que ele ia mais ou menos à escola, e de alguma maneira questioneei-o e procurei “encostá-lo à parede”:

**“Sr. Diretor eu não consigo dar conta de tantos estágios, temos de arranjar mais gente para a escola porque os alunos são muitos”**

...e ele como era muito inteligente e sabido nestas coisas, ele fumava, gostava de fumar, puxa por um maço de cigarros e diz-me assim: “Quer um cigarro Ismael?” eu disse: “Não, sr. Diretor, obrigado!”. E continuei a insistir na necessidade de mais pessoal. Ele volta outra vez: “Quer um cigarro Ismael?”...Eu comecei a pensar, “mas porque é que está a insistir nisto se sabe que não fumo?”. E o Dr. Lopes Dias diz: “é que você está a pedir-me monitores e eu não os tenho para lhes dar, está a pedir-me ajudantes e não tenho, se quer um cigarro eu tenho para lhe dar se quer ajudantes eu não tenho”. Portanto, era ele que dispunha. Ele queria, mas muitas vezes não podia. Teve alguns professores que teve de aliciar dos seus alunos. Não teve nenhum professor, enquanto a escola foi da gerência dele, a vir de outra escola. Uns aceitavam, outros não porque tinham as suas vidas e como lhe disse nos hospitais ganhava-se mais e iam-se embora. A gestão era dele, o diretor da escola, conversava connosco e era ele que decidia, havia reuniões de notas, dos júris...Como a escola era particular tinha sempre um representante do Estado para validar os exames, mas era ele sempre o presidente e o último decisor.

**A partir do momento em que a escola se oficializou foi nomeada uma Comissão Instaladora e aí havia essa Comissão presidida pelo Dr. Lopes Dias. Era ele até por uma questão de respeito e de homenagem... ele foi o presidente.**

Veio uma enfermeira de uma escola oficial de Coimbra e um administrador hospitalar do Hospital de cá, que por sinal também era enfermeiro, ex-aluno da nossa escola, mas deixou a enfermagem e seguiu a administração hospitalar. Portanto essa passou a ser a comissão que instalou a escola, esteve pelo menos dois, três anos, isto não chegou a ser meio ano antes do 25 de Abril e começaram a existir as agitações conhecidas. Mais tarde, passou a haver Comissões de Gestão com representantes dos docentes, dos administrativos e dos alunos, cada um eleito pelo seu sector. Inclusivamente, na primeira Comissão de Gestão que houve eleita na escola pós 25 de Abril, por volta de 77, em que eu fui eleito para presidente

ENTREVISTA AO ENFERMEIRO  
ISMAEL MARTINS

da Comissão, os administrativos elegeram o seu representante e os alunos também. Portanto, era uma gestão democrática. Depois destas agitações todas, a nível nacional, passou a haver regras emanadas da tutela para as Comissões de Gestão das Escolas. Houve também, no início da década de 80, abertura de concursos a nível nacional para diretores da escola, foi então que concorri e fui nomeado diretor da escola em 1982. De qualquer maneira, ao fim de pouco tempo também foi criada uma Comissão de Gestão da Escola em que o diretor era também por inerência o presidente da mesma comissão. Portanto passou a haver uma gestão democrática à semelhança com outras instituições do país.

**(H.H.): Aproveitando estas informações, como caracteriza o impacto revolucionário do 25 de Abril de 1974 na Escola de Enfermagem de Castelo Branco? Lembra-se de algo significativo e marcante?**

**(I.M.):** Olhe as agitações aconteceram por todo o lado. Aqui tivemos reuniões gerais de alunos: "queremos isto, queremos aquilo", mas ao que eu conheço de outras escolas, não houve nada de grave. Foi uma escola relativamente sossegada. Houve as suas agitações, as suas reivindicações, os seus refilanços, houve as suas coisas...

**(H.H.): Mas a que níveis? Que refilanços eram esses?**

**(I.M.):** Exigências, queriam isto, ou queriam pontos desta ou daquela maneira, mas nada de agressivo, nada de grave. Inclusivamente, houve uma certa rejeição das aulas de Ética que se assemelhavam a aulas de moral, mas na nossa escola continuaram sempre, não houve problemas, a gente dava a volta à situação. Uma das coisas que eu tinha nas aulas de Ética era que convidava os alunos a trazer casos reais dos hospitais ou centros de saúde sem localizarem o caso ou identificarem ninguém. Trazem o caso para aqui e discutimo-lo aqui. "Hoje vi um enfermeiro a discutir com o doente...". Então "como achais que devia ter sido feito?". Havia muitos casos que os alunos colocavam e discutiam-se.

Estou a lembrar-me de um caso de uma aluna da Covilhã, suponho que de 2º ano de médico-cirúrgica, nós começamos a sentir que não tinha jeito nenhum...era um dos refilanços deles...fazerem os exercícios em papéis de cadernos, folhas, e nós achávamos que aquilo não dava jeito nenhum para classificar e avaliar e tínhamos modelos próprios que eram vendidos na secretaria a preços simbólicos, muito barato, mas não queriam e numa aula tentei modificar as coisas e disse:

**"Meus amigos, os exercícios que vamos fazer devem ser realizados no modelo da escola e se alguém não tiver dinheiro isso também se arranja"**

No primeiro exercício, que estava marcado, todos os alunos apareceram com as folhas, menos a tal aluna da Covilhã. Chamei-a e disse "então o que combinamos?". Ao que a aluna disse: "eu não estou para comprar folhas de exercícios" e eu disse "acha que tem esse direito, muito bem, mas eu também tenho alguns direitos como professor, no final posso também não aceitar a sua folha e não classificá-la". Ela não disse nada, levanta-se e vai comprar o modelo à secretaria sem mais problemas.

**(H.H.): Era sobretudo esse tipo de problemas?**

**(I.M.):** Sim, não havia assim nada...inclusivamente essa enfermeira tornou-se uma amiga. Havia uma outra refilona que era filiada num partido de refilanços, discutíamos muito e depois chegava ao pé de mim e dizia "Você lembra-me o meu pai, está a falar e tal e depois acabo por lhe dar razão e fazer sempre o que me diz...".

**(H.H.): Nessa década de 70, destacaria mais alguma coisa que lhe ocorra?**

**(I.M.):** A transformação mais significativa foi de facto a evolução do ensino da enfermagem em todo o país. Façamos um pouco de marcha atrás. Por exemplo os conteúdos programáticos.

**Até por volta de 1940 em Portugal cada Hospital que tinha a sua escola, que eram muito poucos, o Hospital Real de S. José, os Hospitais da Universidade de Coimbra, o Hospital da Santa Casa do Porto; as escolas eram livres de fazer os seus programas, os seus conteúdos, as suas exigências, aquilo que queriam ensinar de acordo com as necessidades dos próprios hospitais e se calhar de acordo com os apetites dos médicos que queriam os enfermeiros para seus auxiliares.**

A partir de 1940 começa a haver pelo Estado uma certa uniformização, uma certa exigência, nos júris, nos exames, nos conteúdos programáticos, nas durações mínimas de cursos, nos cursos em si, e mais concretamente em 1942 saiu um célebre primeiro decreto-lei no dia 31 Dezembro de 1942, se não estou em erro o decreto-lei nº 32612, que foi o primeiro a ter exigências para o exercício da enfermagem em Portugal e que proibiu prestadores de serviço de enfermagem que não tivessem certificados por uma escola, coisa que já Florence Nightingale quase um século antes tinha defendido. Todo aquele que queria ser enfermeiro tinha de passar por uma escola de enfermagem. Em Portugal só em 1942.

De qualquer modo ainda deixava margem para as escolas fazerem um pouco mais ou menos tempo...e só em 1947 é que outro decreto-lei estabelece regras mais uniformes e fixas e determina concretamente os cursos que havia: de enfermagem geral, de pré-enfermagem, que foi um curso que nunca percebi para que servia, de auxiliares de enfermagem e cursos de especialização que tinham de ter cada um uma duração mínima. E convém lembrar aqui que a nossa escola foi criada no ano seguinte (1948) com a singularidade de ser a primeira no interior de Portugal. Até aqui só havia escolas em Lisboa, Porto e Coimbra. Bom...em 1952 há outra reforma e por aí fora, outras reformas que colocaram outras exigências, mas sobretudo para as escolas oficiais. As escolas particulares também tinham de cumprir os mínimos, mas tinham uma certa margem nos conteúdos. Na década de 70 voltou a haver uma certa confusão, uma certa balbúrdia, em que nem o próprio Estado se atrevia muito a exigir às escolas e cada escola elaborava os seus planos, embora houvesse da parte da tutela exigências.

**Havia essencialmente dois modelos nos cursos: 90% ou mais das escolas continuava com o modelo biomédico, primeiro as cadeiras genéricas, as patologias, as fisiologias, as enfermagens gerais e poucos estágios, ia-se do geral para o particular; havia, no entanto, um número restrito de escolas, na qual se incluía a nossa, que procuravam mais o chamado modelo de acompanhamento humano em que acompanhávamos o ser humano desde a concepção à morte, procurando construir os conhecimentos de acordo com as necessidades das pessoas nas suas diferentes faixas etárias.**

Começávamos pelos aconselhamentos à grávida, depois os cuidados de enfermagem no bebé, no jovem, adolescente, adulto e isso tanto na enfermagem como na psicologia, ou na sociologia, e dávamos as cadeiras de fisiologia, patologia, etc...mais de acordo com as necessidades do ser humano. Havia esses dois modelos. Na nossa escola seguimos o modelo do acompanhamento do ser humano desde a concepção até à morte.

**(H.H.): Do ponto de vista pedagógico, as disciplinas eram dadas com base em manuais de enfermagem, havia manuais que circulavam entre as escolas, por onde estudavam os alunos?**

**(I.M.):** Não. Não havia livros próprios. Havia livros, muito poucos, de coisas mais gerais. Havia alguns livros, mas não era adotado esse livro. Cada professor procurava fazer apontamentos daquilo que ia dar, facilitava fotocópias e era

mais baseado nos apontamentos do próprio professor e dos apontamentos que o aluno tirava nas aulas. E também havia... porque inclusivamente nós procurávamos que todos os professores fizessem isso...uma parte da avaliação era para além dos conteúdos que eram dados nas aulas...sei lá...90 ou 95% era para o que era dado nas aulas mas ficava sempre uma pequena margem para iniciativa do aluno. Procurando sempre enriquecer a biblioteca, e essa foi uma outra luta da minha parte, com livros atualizados de todas as áreas, facilitando o acesso aos alunos, quer nas horas letivas, quer fora, a biblioteca ficava aberta mais tarde e havia esse tal prémio para além das aulas. Portanto, apontamentos dos alunos, apontamentos dos professores, sebtas ou tipo sebtas para cada cadeira e consulta na biblioteca.

**(H.H.): Há pouco referiu-se à psicologia, e já o tinha feito num encontro anterior que tivemos aqui em sua casa, e à importância das Ciências Sociais e Humanas e Comportamentais. Estas disciplinas tiveram importância na definição da enfermagem e na sua acreditação perante os outros saberes?**

**(I.M.):** Olhe, isso também era uma das minhas preocupações, porque era pouco usual nos cursos antigos. Dava-se muito pouco ou quase não se falava na psicologia, falava-se na psiquiatria um pouco, da psicologia pouquíssimo, sociologia nem pensar. Mas como nós pensávamos principalmente no Ser Humano, a pessoa humana em todas as suas vertentes, em todas as suas idades e etapas da vida e achávamos que a psicologia, também a sociologia, mas principalmente a psicologia era uma disciplina base. Foi uma das minhas grandes preocupações em convidar psicólogos para virem dar as aulas. Sabe, esta questão dos professores externos que eu convidava facilitava-me a vida nalguns aspetos, inclusivamente nos custos. Ficava-me muito mais barato pagar à aula do que ter um psicólogo no quadro da escola. Era uma forma de atenuar as carências do corpo docente. Os docentes vinham falar comigo e discutíamos que capítulo necessitavam de alguém de fora para suprir as falhas do corpo docente. A escola teve sempre essa sorte e ia à procura de professores conhecidos e credenciados noutras escolas, ao liceu, e introduzíamos na família da escola. Resultou sempre porque inclusivamente dávamos a liberdade a esse professor de elaborar o programa, em conjunto comigo e outros professores, ajustado a uma determinada etapa da vida e às doenças mais frequentes nesta etapa. Depois de elaborado discutia-se.

**(H.H.) Mas havia orientações da tutela?**

**(I.M.):** Sim, havia orientações, mas os programas eram elaborados de acordo com os objetivos que traçávamos, de acordo com a finalidade e objetivos para essa cadeira e daí investimos na psicologia, na sociologia e depois na pedagogia e também na administração de serviços de enfermagem. Sempre resultou bem. Facilitava os alunos a conhecer o ser humano, as relações com as próprias pessoas. Nós dizíamos muitas vezes que o enfermeiro tinha que ser tudo, às vezes tinha de ser médico, psicólogo, sociólogo, assistente social, às vezes até tinha de ser padre, sacerdote. De maneira que tinha de ter conhecimentos um pouco de tudo, embora não podia ser bom em tudo, é evidente, mas isso ajudava à prestação de cuidados de enfermagem porque ajudava as pessoas a conhecer o ser humano.

**(H.H.): Nesse caso para si o objetivo final da enfermagem e dos cuidados de enfermagem é o bem-estar do ser humano?**

**(I.M.):** Sim, é o objetivo da enfermagem e dos cuidados de enfermagem, baseado na ideia de que a saúde é um bem precioso, a finalidade do homem é ser feliz e as situações de doença são situações transitórias, tanto mais transitórias quanto desejável, e a missão fundamental do enfermeiro é ajudar a pessoa a superar essa crise.

**(H.H.): No caso das disciplinas de “Introdução à Investigação e Estatística” que surgem em 1987, ainda antes da integração da enfermagem no Sistema Educativo Nacional, acha que assumiram alguma importância para a enfermagem em termos gerais?**

**(I.M.):** Assumiram alguma importância apenas como introdução. Não veio acrescentar grandes conhecimentos. O objetivo era só introduzir conhecimentos. Eu próprio dei algumas dessas cadeiras, era mais um bocadinho de investigação teórica genérica, fundamental, do que investigação aplicada. Para além de alguns conhecimentos genéricos que se davam, dos princípios da investigação, púnhamos os alunos a fazer um limitado trabalho de investigação. Por exemplo, saber quantos doentes com pneumologia apareceram durante um ano numa determinada enfermaria? Coisas assim muito limitadas. Ou, quantos enfermeiros aplicavam este método de trabalho ou aquele? Normalmente os alunos quando elaboravam um plano vinham sempre com coisas muito avançadas e ambiciosas e nós cortávamos...mas isso era mais como introdução porque a investigação seria desenvolvida mais nas especializações. Mas tenho alguns casos curiosos de trabalhos de investigação em especializações que depois vinham ter comigo e diziam “olhe o que valeu foram os seus apontamentos que tinha lá do curso”, mas reconheço que eram conhecimentos limitados...eram mais um despertar para...

**(H.H.): Há pouco referiu que participou no 3º Congresso Nacional de Enfermagem, do seu ponto de vista os 3 primeiros congressos nacionais de enfermagem ajudaram a reforçar a imagem do enfermeiro em Portugal, a definir novos caminhos?**

**(I.M.):** Sim, ajudaram sob diversos aspetos. Primeiro, até para o próprio ego do enfermeiro. Quando se falava em congresso, era congresso de medicina, era congresso de altas cavalarias, ora haver um primeiro congresso de enfermagem já foi um grande passo para o próprio contentamento do enfermeiro. Mas não só, também foram discutidos assuntos importantes. Por um lado, obrigou os enfermeiros a documentarem-se e a prepararem-se para as suas comunicações; por outro lado foram oportunidade de encontro a nível nacional, entre várias gerações de enfermeiros e foi bom, no aspeto social, no aspecto convívio, a nível relacional. Mas de alguma maneira contribuíram para a evolução do nível do ensino e do exercício da enfermagem em Portugal e da própria imagem do enfermeiro no país. De tal modo que nestes encontros, um dos temas muito batidos, nomeadamente por mim, mas não só, era de que os enfermeiros se mostravam pouco, escreviam pouco, trabalhavam, trabalhavam como formiguinhas mourijantes, como costumávamos dizer, mas não escreviam, não faziam relatórios, não procuravam cientificar o seu trabalho e isto era uma boa oportunidade para entusiasmar os enfermeiros a escreverem, a prepararem-se.

*De tal maneira que até às décadas de 80 encontrará poucos escritos de enfermeiros em Portugal. Embora, logo nas primeiras associações profissionais, 1925, associação de classe de enfermeiros e enfermeiras da região sul tivesse criado um órgão que era o “Arquivo do Enfermeiro” que durou pouco tempo, depois com o Estado Novo. A partir de 1931, em que foi criado outro sindicato, criou outro órgão que era a “Voz do Enfermeiro”.*

E foram criadas mais umas revistas, por aqui, por ali, mas publicações de enfermeiros há poucas. A partir das décadas 70 e 80 começam a aparecer algumas.

**(H.H.): Portanto, os Congressos Nacionais de Enfermagem deram um impulso ao grupo...**

**(I.M.):** Houve sim. Tivemos primeiro algumas enfermeiras licenciadas em Londres, outras no Brasil, no Canadá, muito poucas, mas isso era um estímulo, era um acicate para nós, até para começar a exigir cursos de nível superior.

Eu fiz parte desta luta e daí poder dizer-lhe que foi um dos motivos que me levou a aceitar fazer parte do Sindicato dos Enfermeiros do Centro, nomeadamente como presidente da mesa da Assembleia Geral, ainda não era diretor da escola, mas foi uma das razões para aceitar, para de alguma maneira mobilizar os próprios sindicatos para nos ajudarem a elevar o ensino da enfermagem, porque estavam mais preocupados com as suas relações de trabalho, os seus horários, as suas tarefas, os salários, as suas folgas, do que propriamente com o ensino da enfermagem.

**(H.H.): Aproveito essa informação, nós também já falamos um pouco disto anteriormente, para falar da importância da ação sindical. A ação sindical teve importância do ponto de vista da respeitabilidade em relação à enfermagem e ao ensino da enfermagem. O Enfermeiro Ismael Martins acabou de me dizer que teve um papel sindical no Sindicato dos Enfermeiros do Centro, pode contar-nos um pouco sobre esta sua ação sindical na relação com a Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(I.M.):** Olhe, também aqui temos de fazer, embora breve, um bocadinho de história. A nível do sindicato de enfermagem propriamente dita, estas atividades sindicais terão começado por volta de 1930, mais ano menos ano, com as associações muito simples, iniciais, e depois com a criação do primeiro sindicato da região sul, salvo erro, em 1931. Mas, penso eu, é sentimento meu, que até ao 25 de Abril a ação sindical terá sido bastante apagada. Não era necessário ser sindicalizado para se exercer a profissão, não eram permitidas greves, enfim... a ação foi muito apagada e limitada.

**Mas, após o 25 de Abril, aí sim começa-se a discutir muito em Portugal a unicidade sindical ou a diversidade dos sindicatos. Os partidos ditos mais à esquerda reivindicavam que devia implantar-se a unicidade sindical. Mas não vingou, e cada classe passou a ter o seu sindicato e surge o Sindicato dos Enfermeiros da Região Sul e Ilhas, o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Centro, o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte, e apareceu ainda um outro, a nível nacional, que era o Sindicato Nacional dos Enfermeiros Diplomados, que apareceu precisamente nos pós 25 de Abril.**

Os outros já existiam, mas um pouco pagados. É aqui que os sindicatos começam com as suas reivindicações, com as suas lutas, com as suas greves, os enfermeiros fizeram algumas greves que fizeram moessa mesmo até nos utentes, para haver melhoria na sua carreira e numa determinada

altura achei que não era mal nenhum também aliar-me à ação sindical para ver se tinha alguns aliados na evolução do ensino, como já disse. E daí, aceitar o cargo para presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Enfermeiros do Centro, pois não me obrigava a deslocações muito frequentes a Coimbra. Embora cada um se inscrevesse no sindicato que queria. Ninguém era obrigado a ser sindicalizado.

**Mais tarde, quando fui nomeado diretor da escola achei que não devia misturar as coisas e desliguei-me da ação sindical.**

De qualquer modo, enquanto estive não foi mau porque convivi muito com eles, com as suas reivindicações, eu procurava puxar para as escolas e para o ensino da enfermagem, achei mesmo que o presidente do sindicato dessa altura tinha alguma consideração e um certo respeito por mim. Convidou-me para algumas ações com algum relevo e penso que ajudou a elevação do ensino da enfermagem. Como também, enquanto eu frequentava o curso complementar de enfermagem da secção de ensino na Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, em Lisboa, que era o máximo nessa altura em Portugal, fui eleito cá em Castelo Branco, sem eu saber, coordenador do curso de promoção nacional dos enfermeiros de 3ª classe, isso obrigou-me também a manter umas certas relações com os sindicatos, porque esses cursos eram tutelados pelos sindicatos, eram eles que pagavam inclusivamente as aulas de formação teórica e daí também continuar a manter uma certa relação com os sindicatos e inclusivamente a ser responsável pela atualização permanente, do centro, procurou manter nos diversos pontos do país, nos hospitais, nos centros de saúde e aqui em Castelo Branco era eu o coordenador dessas atividades e não me arrependo de ter participado, embora depois como diretor da escola me desligasse dessas ações sindicais.

**(H.H.): Na Escola de Enfermagem de Castelo Branco nós tivemos também ação sindical, antes de se tornar diretor promoveu essa ação sindical?**

**(I.M.):** Sim, depois do 25 de Abril desenvolvi algumas ações, inclusivamente havia um pequeno conteúdo programático na área da enfermagem em que tinha de se falar das organizações de classe, que eu próprio ministrava algumas vezes e para me ajudar nessa área, que era pequena, era apenas um capítulo, me socorresse de preletores e quando me socorria desses preletores convidava diversos dirigentes dos diversos sindicatos. Ou não convidava nenhum e era eu que dava ou procurava dar as informações que

havia a dar a nível sindical, procurando ser o mais neutro possível, e eles tinham a liberdade de fazer as perguntas que quisessem e se filiavam onde queriam. Ou então quando convidava auxiliares para me ajudarem nessa matéria convidada um preletor de cada sindicato e de associações.

**(H.H.): Tentava dar uma visão geral do que existia aos alunos...**

**(I.M.):** Sim. O que nunca me permiti na escola, que algumas vezes me foi pedido, é que alguns sindicatos me solicitavam para ir dar lá formação. Isso não, a formação é dada pela escola e não por eles. Se vierem têm de vir todos os sindicatos com os seus representantes, um dia, dois dias, o que for preciso, mas nessa condição.

**(H.H.): Na década de 80, e já antes também, assistimos a uma luta pela integração da enfermagem no Sistema Educativo Nacional. Do seu ponto de vista o que trouxe de novo essa integração?**

**(I.M.):** Nós lutávamos e dizíamos, não só os diretores e os diversos professores, em jornadas, em conferências, nos congressos, enfim... que o ensino da enfermagem já era de nível superior, só o que faltava era ser reconhecido. Já tinha créditos nos cursos, já tinha programas, já tinha métodos, já tinha tudo o que havia nos outros ensinamentos, nas outras áreas do ensino superior. A única coisa que faltava era sermos reconhecidos como tal e daí essa nossa luta tenaz que houve por aí fora e que conseguimos e até tínhamos auxiliares. Por exemplo, aqui o presidente do instituto desejava-nos integrados nos politécnicos. Mas isso não era uma questão nossa, era uma questão de ministérios, o Ministério da Saúde sempre nos quis lá porque formava os seus próprios enfermeiros e era o nosso principal empregador, o que era mau para nós em alguns aspetos e nós queríamos libertar-nos e ir para o Ministério da Educação. Os próprios presidentes de politécnicos e até alguns professores universitários eram nossos aliados na luta pela integração do ensino da enfermagem. Esta luta vingou em 1988 muito embora continuássemos no Ministério da saúde. Essa luta continuou nomeadamente a nível de Castelo Branco entre mim, o presidente da câmara e do politécnico. Na altura já tinha adquirido terrenos para a construção de uma nova escola, mas naquela transição um dos meus argumentos era o de que a escola só seria construída depois do ensino da enfermagem ser integrado no Ministério da Educação.

**(H.H.): Havia uma relação boa entre as autoridades locais e a escola de enfermagem...**

**(I.M.):** Sim, sim, muito boa. Eles eram sempre convidados para as festas, o Governador Civil, ajudavam a escola, defendiam a escola, foi sempre muito bom, essa questão.

**(H.H.) Para terminar, como se define a enfermagem, acha que se constituiu de facto como um saber auxiliado pela Psicologia, Sociologia ou pode considerar-se uma ciência propriamente dita?**

**(I.M.):** Isso é uma resposta muito difícil. Por um lado, podemos dizer, a enfermagem é uma ciência e uma arte ao serviço do homem.

Só que isso é muito vago. Não há dúvida que é ao serviço do homem e nasceu para o homem, não para auxiliar o médico. Ajudar o homem nas suas dificuldades, nas suas situações transitórias de mal-estar na vida ou por situações patológicas, de tristeza.

*A enfermagem está e deve estar ao serviço do ser humano. Se é uma ciência já não sei. Tenho as minhas dúvidas, mas que para lá caminha, pelo menos caminha. Já tem muitos conteúdos de natureza científica, com métodos próprios de observar o ser humano no seu estado de carências e a enfermagem é capaz de fazer o diagnóstico de enfermagem.*

Se a pessoa doente ou sã está muito dependente de outra, se tem autonomia, se precisa de orientação ou ajuda. O enfermeiro pode dar indicações para...olhe precisa de um psicólogo, de um pediatra, deste ou daquele técnico... o melhor é procurar um técnico desta área ou daquela. Mas muita ajuda, o enfermeiro em si já pode dar. A enfermagem tem evoluído muito desde a tal fase de caridade, de fazer um penso, de curar uma ferida de aplicar uma injeção, enfim de fazer um tratamento ou de um raio x. Além dessas coisas, já se passou dessa fase para outro nível de ser capaz de interpretar o estado de autonomia do ser humano e se está limitado ou não nas suas necessidades básicas. A enfermagem hoje, penso eu, e deve ser cada vez mais, na década de 70 e 80 já era isso, baseava-se muito nas necessidades básicas do ser humano: a necessidade de comer, dormir, de eliminar, as suas relações de vida, de segurança, as necessidades básicas do ser humano e a enfermagem procurava ajudar sempre que possível as necessidades, suprir essas necessidades nos momentos transitórios ou permanentes, mas ao mesmo tempo procurar reservar sempre a sua autonomia. Uma das coisas que nós ensinamos na nossa escola é a não passar receitas. "O senhor tem de fazer isto ou aquilo". Não, o melhor é dizer "na sua situação o melhor é socorrer-se disto ou daquilo".

Voltando à questão,

para mim a enfermagem é mais ciência do que arte, mas também arte, ser capaz de se pôr ao serviço do ser humano desde a concepção à morte na ajuda das suas necessidades básicas para auxiliar a pessoa a ser feliz, a libertar-se, a ser autónomo, a viver a vida o melhor que pode, mesmo a viver a vida em condições que por vezes já são degradantes.

A pessoa não é só o seu pé doente ou a sua mão doente ou a sua incapacidade, é mais qualquer coisa, o ser humano é um todo com um corpo e uma mente...não direi como dizia Descartes que o homem é um ser dual, uma parte física e uma parte espiritual, não direi isso, eu sou mais da apologia do todo, da unicidade.

+O ser humano é um ser global, total, isto é o corpo tem uma mente com determinadas faculdades e o todo é que é, mas a finalidade...entre outros...António Damásio vem dar-me razão nas suas obras...A enfermagem torna-se um pouco difícil porque para ser bom enfermeiro, ou enfermeira, é preciso saber um pouco de tudo, não só um técnico prestador de cuidados como também é preciso ser psicólogo, sociólogo, filósofo e antropólogo e essas coisas todas o que não é possível. Não se pode ser bom nisto tudo, mas pode-se ter uns conhecimentos de base, para ajudar a conhecer melhor o ser humano, a entendê-lo e ajudá-lo. Ainda em relação aos alunos que passaram na nossa escola,

dada a formação humana que se procurou sempre introduzir, desde o Dr. Lopes Dias e depois por nós, isto resultou bastante porque a nossa escola orgulha-se de ter enfermeiros não só no nosso país como em muitos países estrangeiros, desde o Canadá ao Brasil, à China, Suíça, temos enfermeiros em muitos países do mundo e temos dados reais, concretos, de enfermeiros, saídos da nossa escola e que se apresentavam nos Hospitais de Lisboa ou de Coimbra a oferecerem-se para trabalhar, e tinham listas de espera, e os nossos eram preferidos e entravam.

Eu costumava dizer muitas vezes que tanto tinha enfermeiros nos hospitais de ponta, como a Clínica de Santa Cruz, e outros em unidades altamente qualificadas em tecnologias, como tínhamos outros enfermeiros em meios rurais, em aldeias e vilas rurais muito pobres em que uma enfermeira com pouco mais de um termómetro, uma seringa, uma fita métrica para medir o colo do útero ou enfim...qualquer coisa assim, prestavam cuidados tão

valiosos uns como os outros. Eu orgulhava-me muito disso...

**(H.H) Muito Obrigado.**

**(Entrevista realizada no dia 28 de abril de 2011 pelas 16 horas)**



Ismael Martins, "70º Aniversário da ESALD"  
07 de junho de 2018

# JOSÉ MANUEL PRETO RIBEIRO



José Manuel Preto Ribeiro nasceu em Luanda (Angola) a 23 de abril de 1958, filho de António Escaleira Ribeiro e de Maria José Pires Preto, casado. Ingressou na Escola de Enfermagem de Castelo Branco/ Dr. Lopes Dias, no Curso de Enfermagem Geral, no ano de 1979. Em 1983 ingressa na função pública no Hospital Distrital de Castelo Branco. Entre outras formações, realizou o curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Pública, obteve a equivalência ao grau de bacharel em Enfermagem, a equivalência ao Diploma de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem e o Mestrado em Saúde Ocupacional. Foi Enfermeiro – Monitor, Assistente de 2º Triénio, Professor adjunto e professor coordenador. Desempenhou ainda as funções de subdiretor da Escola de Saúde Dr. Lopes Dias.

**Hélder Henriques (H.H.):** *Gostaria de começar por agradecer-lhe a prontidão e a disponibilidade que demonstrou desde o primeiro contacto ao aceder fazer esta entrevista na perspetiva do aluno que frequentou esta escola. Começemos a entrevista. Pergunto-lhe como caracteriza o ambiente educativo na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no início da década de 80?*

**José Manuel Preto Ribeiro (J.P.R.):** Eu diria que o ambiente educativo na Escola de Enfermagem era bastante diferente do atual.

*Era um ambiente marcado essencialmente pela figura dos professores. Hoje com Bolonha deslocou-se o centro de aprendizagem para o lado do aluno. Na altura era marcado pelos professores. Marcado por uma grande disciplina, uma grande preocupação com a ordem dentro da própria escola.*

Lembro-me, por exemplo, de estarmos sentados por ordem alfabética, todo o nosso processo de relação uns com os outros era marcado por um certo rigor uma certa disciplina. Eu diria que essa terá sido talvez a característica central do ambiente educativo na escola. Uma grande disciplina previamente estruturada em que o aluno se integrava nessa disciplina.

**(H.H.):** *Provavelmente pelo facto de serem os mesmos professores antes da revolução de abril?*

**(J.P.R.):** Muitos deles mesmo do início da escola. Professores e não só, funcionários não docentes mesmo do início da escola. E também porque estávamos a sair do rescaldo dos pós 25 de Abril.

*O 25 de Abril provocou alguma agitação social em todo o país e a escola de enfermagem não foi alheia a essa agitação.*

Dentro da própria escola cresceu uma espécie de movimento reivindicativo de uma espécie de liberdades que anteriormente não tinham. Nalguns casos essa reivindicação foi longe demais. A escola foi de certo modo invadida pelos ideais revolucionários que eram transversais a toda a sociedade e isso causou alguma perturbação desta ordem. Assim que começou a assentar do ponto de vista social, eu entrei para a escola em janeiro de 1980, na altura os anos letivos coincidiam com os anos civis, nós começávamos as aulas no início de janeiro e terminávamos em dezembro e, portanto, seis anos depois era altura da escola começar a regressar à normalidade. Havia da parte da direção da escola e dos próprios professores uma certa vontade de voltar a redisciplinar a escola.

E voltar a ganhar aquele rigor e aquela disciplina que de certo modo se tinham perdido com os ideais revolucionários na escola. A escola pré-programava todas as suas atividades, dos alunos esperava-se que se integrassem em todo aquele sistema e que não se afastassem demasiado, que cumprissem o seu papel de alunos num esquema que era previamente moldado pela escola. Portanto esses aspetos dominaram todo o ambiente educativo.

**(H.H.):** *Quais os aspetos que mais marcaram a sua formação enquanto aluno da Escola de Enfermagem de Castelo Branco?*

**(J.P.R.):** Sim. Eu diria que é uma formação, na altura na escola, era muito centrada, muito mais centrada no ensino do que na aprendizagem. O professor era uma figura central. Os alunos tinham com certeza a sua oportunidade e eram solicitados a participar e a trabalhar, e de que maneira, bastantes horas, mas havia uma atividade muito centrada sobretudo no ensino e no envolvimento dos professores. Qual era o lugar dos alunos no meio disto tudo? Eu diria que a grande característica da escola, comparando, é difícil falar da escola desta época sem falar da escola atual como referência, era a relação entre os professores e a formação dos alunos que era muito centrada na figura do professor e na relação entre os professores e os alunos. Por exemplo,

*agora estamos muito centrados no aluno e estamos muito mais dependentes dos recursos tecnológicos que na altura eram de todo inexistentes. Na altura não havia os cursos que há agora, as aulas, todo o processo de aprendizagem estava quase exclusivamente assente na relação entre o professor e o aluno.*

E, portanto, essa era a pedra de toque, um aspeto fundamental na formação. Eu hoje tenho-me deparado com situações, quase que parecem caricatas, de professores que quando falha a eletricidade...como é que ele vai dar aula sem computador ou como vai dar a aula sem o PowerPoint...na altura isto nem sequer se falava, não havia meios, eram muitos rudimentares. Os grandes interpretes eram os professores e os alunos, sobretudo o professor. Esse tinha de ter a aula na cabeça, o que tornava todo o ambiente educativo muito mais rico do ponto de vista humano. Por exemplo, uma das grandes disciplinas era a anatomia e fisiologia eram disciplinas de grande peso, de grande conteúdo informativo, que exigem grande

esforço de memorização etc... Como deve imaginar é uma disciplina que vive muito da imagem, estudar anatomia exige que se tenham bons modelos anatómicos, ou que se tenham boas imagens para se poder visualizar o corpo humano nas suas diferentes estruturas, ora nós na altura o que tínhamos? Tínhamos um esqueleto montado – um esqueleto verdadeiro – e tínhamos um esqueleto desmontado com os ossos metidos dentro de uma caixa. Eram praticamente as únicas coisas. Para dar as aulas o professor contava apenas com ele próprio, tanto que uma vez ou duas tentou projetar imagens com o episcópio, mas que tecnologicamente era pouco sofisticado, e tinha de estar a sala completamente às escuras para se poder ver alguma coisa, mas a escuridão era tal que não permitia aos alunos escrever, era incómodo usar aquele equipamento e então,

**eu gostava muito de desenhar e o professor fez uma espécie de acordo comigo, ele dizia-me de véspera o que pretendia e eu preparava as ilustrações. Enquanto ele ia dando a aula eu ia desenhando no quadro.**

Uma aula com desenho ao vivo, digamos assim. Para mim foi ótimo porque fazia uma coisa que gostava muito que era desenhar e por outro lado aprendia também. Porque eu para desenhar tinha de estudar previamente, não só os próprios fundamentos teóricos mas também a configuração formal dos órgãos. E então usando giz de várias cores eu ia desenhando ao mesmo tempo que o professor ia dando a aula. Era o professor João Martins, ele já faleceu, era médico da nossa cidade, um excelente professor de anatomia, aliás ele já tinha sido assistente de anatomia numa universidade portuguesa. Isto para mostrar um pouco como a relação era importante e como a relação neste caso foi capaz de substituir hoje um equipamento com o qual muitos professores não conseguem passar.

**O caso da anatomia é paradigmático porque exige muito o recurso à imagem, porque se tivermos a visualizar os órgãos e a sua posição relativa no corpo a aprendizagem torna-se muito mais fácil.**

O recurso que ali houve foi um a dar aula e outro a desenhar no quadro. E resultou porque eu depois usava um tratado de anatomia que ele tinha e me cedia e pronto, isto para mostrar como na altura se superou uma lacuna tecnológica com uma questão uma vez mais relacional.

**(H.H.): Enquanto aluno, que valores e qualidades eram privilegiadas na formação de enfermeiros na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(J.P.R.):** Eu diria que as qualidades privilegiadas eram do ponto de vista técnico um excelente desempenho técnico,

hoje damos mais importância ao fundamento científico, na altura também já se dava importância a isso, mas valorizava-se essencialmente o conhecimento técnico, a aplicação. Partindo do princípio que se no fundo se a aplicação, a passagem à prática, fosse bem demonstrada, partia-se do princípio que os fundamentos teóricos estavam adquiridos. Hoje valorizamos, sem prejudicar essa componente, por que é de facto importante, damos mais importância relativa ao fundamento teórico, mas de facto na altura as competências técnicas eram muito importantes. Por outro lado, as competências humanas eram fundamentais.

**Refiro-me a aspetos como as questões relacionais, entendia-se e ainda hoje se entende que a enfermagem é sobretudo a relação com outras pessoas, o profissional relaciona-se com outras pessoas, competências comunicacionais e depois os outros valores como a assiduidade, a pontualidade, o apuro pessoal, as questões da aparência, o respeito, a sensibilidade ao sofrimento e à situação do outro eram de facto inculcados na formação, aliás tínhamos mesmo uma disciplina no plano curricular que se chamava mesmo **Relações Humanas.****

Para além de termos ética e deontologia nós tínhamos no curso uma disciplina de relações humanas precisamente porque se entendia que um enfermeiro é essencialmente uma pessoa que se relaciona com outras pessoas e normalmente com outras pessoas em situação de dificuldade, de inferioridade temporária, e, portanto, de pessoas que estão numa situação de necessidade de ajuda, de melhorarem a sua própria condição. O enfermeiro era um agente importante e, portanto, tinha de fazer da sua relação e comunicação ferramentas extraordinariamente importantes. Eu disse que tínhamos uma unidade curricular que se chamava Relações Humanas, mas tínhamos também ao nível da própria formação de enfermagem conteúdos que apontavam para isto. Essas competências, essas habilidades comunicacionais e relacionais eram entendidos como instrumentos básicos. Normalmente o enfermeiro era associado a outro tipo de instrumentos mais no sentido material do termo, mas de facto os nossos instrumentos básicos eram instrumentos intangíveis, comunicacionais, relacionais, capacidade de ajuda, de intervenção, ao nível da relação e da comunicação.

**(H.H.): Considera a disciplina de Relações Humanas uma mais-valia ao longo da formação?**

**(J.P.R.):** Sim, sim. Era uma disciplina que nos sensibilizava, era uma disciplina de sensibilização mais do que propriamente uma disciplina de técnicas de interação, era uma disciplina que abordava essencialmente a importância da relação entre o enfermeiro e o doente. Era o grande eixo do ser-se enfermeiro.

**(H.H.): Como eram vistos e vividos esses valores pelos alunos? Eles eram aplicados?**

**(J.P.R.):** Eram aplicados! Esses valores foram sempre vistos e aceites de uma forma pacífica, estavam perfeitamente integrados no espírito do curso.

*Lembro-me de nós começarmos a ter essas aulas antes de qualquer presença em estágio, nos hospitais ou centros de saúde, talvez no início não percebêssemos muito bem para que é que aquilo servia, mas rapidamente chegávamos aos estágios e entendíamos que era um aspeto fundamental.*

Quer para o nosso desempenho quer para o próprio critério de avaliação. A avaliação incidia sobre as competências demonstradas ao nível desses aspetos relacionais e comunicacionais, isso era fundamental, aliás nenhuma técnica, por muito médico-cirúrgica que fosse era despida desta questão. Era um aspeto fundamental quer ao nível da formação teórica na escola, quer ao nível da prática em contextos de estágio. Nunca se fazia nada só com as mãos, as mãos eram uma ferramenta de trabalho que tínhamos, mas antes das mãos intervirem havia todo um processo de preparação, toda uma abordagem mais do foro psicológico, uma abordagem preparatória e depois de terminada a técnica essa abordagem continuava. Digamos que qualquer exercício meramente técnico ou tecnológico era sempre antecedido e sucedido ao nível de uma intervenção, ao nível da comunicação, ao nível da relação.

**(H.H.): E daí talvez a importância da psicologia ou da sociologia nesse período.**

**(J.P.R.):** Sim, sim. Tinham grande peso no curso, sem dúvida.

**(H.H.): Davam envolvimento à técnica?**

**(J.P.R.):** Sim, sim. A técnica nunca aparecia despida, a técnica aparecia sempre como uma parte do processo terapêutico que era muito mais abrangente que era precisamente esse aspeto relacional.

**(H.H.): Como era a relação com os dirigentes e professores?**

**(J.P.R.):** A relação era de grande proximidade. Os professores estavam muito próximos de nós. Nós não

tínhamos qualquer dificuldade em chegar até eles. Mas sempre, ao nível da relação, sempre com a devida distância e o devido respeito. Nós víamos os professores sobretudo como mestres. E o mestre é alguém que está acima de nós, que nos guia, que nos orienta, que tem muito saber, que tem muita experiência, funciona, passo a expressão, como uma espécie de farol. Nós tínhamos muita proximidade, bastava bater à porta e éramos imediatamente atendidos, aliás o próprio curso era estruturado em torno dessa proximidade muito grande, mas a proximidade não nos aproximava dessa perda da visão do mestre. Muito próximo, mas o professor era o mestre.

**(H.H.): E com o diretor?**

**(J.P.R.):** Também! Era fácil chegar a ele.

*O diretor era visto como o chefe máximo da escola, mas o acesso ao diretor era muito fácil.*

Aliás o gabinete dele era muito próximo de onde tínhamos aulas, o nosso caminho de entrada na escola passava junto do gabinete do diretor e aliás o diretor era nosso professor. Podíamos abordá-lo em qualquer momento, sem qualquer dificuldade, isto sem perder de vista a ideia de que o diretor estava muito acima de nós em termos da estrutura organizacional da escola. Era também ele um mestre, um mestre especial, porque além de mestre tinha a função de dirigir a escola e de assumir os comandos da escola. Havia papéis reconhecidamente diferentes e ocupávamos lugares claramente definidos na estrutura da escola.

**(H.H.): Na sua perspetiva quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(J.P.R.):** O corpo docente era muito reduzido na altura. Cabiam todos no mesmo gabinete. Portanto nos tínhamos os professores praticamente todos, todos os professores tinham atividade no curso. Eu dividiria os professores em dois grandes grupos: os professores que estavam na escola, nas mãos de quem estava o curso; e havia depois os professores que eram convidados para lecionar em áreas mais específicas. Dentro desses havia um grupo maior de médicos, porque o curso tinha uma componente de médico-cirúrgica grande, pelo menos numa fase do meu curso, e havia depois o grupo dos professores convidados não médicos, que estavam mais ligados às áreas da psicologia, da sociologia, das relações

humanas que eram pessoas com formação já nessas áreas, formação não médica. Mas os dois grandes grupos eram os professores da casa e aqueles que não eram da casa.

Todos eles considerados. Um grande respeito uma grande admiração. No caso dos professores médicos acabávamos mais tarde ou mais cedo por encontrá-los. Muitas vezes eles eram nossos mestres no hospital.

**(H.H.): Considera a presença destes professores convidados uma mais-valia na formação?**

**(J.P.R.):** Sem dúvida. Isso permitia-nos aproximar a teoria da prática. Uma coisa não pode estar separada da outra. Com este tipo de ligação, percebíamos que era a teoria que suportava a prática. Ao termos o professor na escola e depois no hospital percebíamos a dimensão prática da sua atividade, a forma como aplicava os elementos terapêuticos. Isso ajudava-nos a esbater estas questões. Mesmo a seguir ao curso. Pois continuávamos a trabalhar com os nossos colegas, que nos tinham orientado em estágio, com os médicos, o que facilitava tudo, pois já havia um conhecimento prévio. As pessoas já se conheciam.

Criavam-se relações muito diferentes das que existem hoje.

**(H.H.): Na década de 80 destacava-se a importância das relações humanas na construção de uma enfermagem mais digna e profissional?**

**(J.P.R.):** Sim, sim. Isso está no currículo e estava na própria relação entre as pessoas. Era fundamental.

Extraordinariamente importante, eu diria que talvez fosse o aspeto mais importante mesmo. E mais marcante. Arriscaria a dizer que se tolerava mais facilmente um esquecimento de anatomia, um aluno não se lembrar no nome de um osso ou outra coisa qualquer, do que propriamente uma falha ao nível da relação. Isto ocupava um espaço extremamente importante nesta altura.

**(H.H.): Considera que esse espaço era específico de uma cadeira ou era transversal à formação dos alunos?**

**(J.P.R.):** Era transversal. Aliás basta ver o plano de estudos da época para vermos que havia aspetos que eram praticamente transversais a toda a formação. Os aspetos legislativos, os deontológicos e os aspetos éticos. Isto era transversal a todos os programas, em todas as abordagens que fazíamos havia sempre a questão legal, deontológica e ética. Isto era transversal. Não havia privilégios de uma parte dos conteúdos em relação à outra.

**(H.H.):** O conhecimento do doente/paciente era alvo de atenção nas aprendizagens nas diferentes disciplinas? Era importante compreender a relação que se podia estabelecer entre o enfermeiro e o doente?

**(J.P.R.):** Era importantíssimo. Era a base da nossa presença, quer no curso, na escola ou locais de estágio. Era aqui que tudo começava e era aqui que tudo acabava, digamos assim. Eu diria que nesta altura, tudo o que fazíamos tinha a

ver com o doente. Todas as nossas intervenções não tinham interesse enquanto atos isolados. Claro que tínhamos de ser rigorosos, tínhamos de possuir uma destreza extremamente elevada, até porque quanto mais destreza tivéssemos menos sofrimentos causamos ao doente. Tudo partia do conhecimento do doente. Posso inclusivamente dizer-lhe que a escola participou em trabalhos, em conjunto com o hospital, se calhar não devia estar a dizer isto, mas os documentos de registo e colheita dos dados foram feitos em conjunto com a escola, onde eu tive uma presença muito cativa. Ainda conservo em meu poder os modelos originais desenhados por mim, orientados precisamente para o conhecimento do paciente. No fundo é o princípio. Nós tudo o que fizemos é dirigido a uma pessoa, numa determinada situação e num determinado contexto. Portanto, tudo parte do conhecimento o mais rigoroso possível da pessoa e da sua circunstância de saúde e doença.

**(H.H.): Mas um conhecimento não apenas técnico mas sobretudo amplo incluindo, por exemplo, a dimensão social ou espiritual?**

**(J.P.R.):** Completamente amplo. Isso faz parte da formação em enfermagem. Eu diria que essa talvez fosse a grande diferença.

*Enquanto nós víamos, por exemplo nas histórias clínicas uma ênfase naquilo que levava ao internamento, à procura de cuidados por parte da pessoa, à situação clínica, claro que isso é importante, mas nós na Escola de Enfermagem já tínhamos a preocupação de olhar para a componente social, espiritual, aliás há uma palavra que é a palavra holística que é um adjetivo que nos persegue há muito tempo e ainda bem. Porque nós tentávamos perceber não apenas o que se estava a passar em termos celulares, mas integrar isto numa perspetiva sistémica mais abrangente.*

Porque sabíamos, tínhamos consciência de que o que tínhamos diante dos olhos não era mais do que algo celular de algo que tinha raízes, provavelmente, fora da pessoa, na família, na comunidade. E nós sabemos isso, depois percebi isso melhor até porque a minha área de especialização é em saúde pública. Uma coisa é a abordagem clínica, outra são as condicionantes sociais que conduzem aquela situação. Nós em enfermagem sempre tivemos a preocupação, fazia parte da nossa matriz de formação, que os alunos percebessem que aquele problema concreto que tem

uma visibilidade muito limitada do ponto de vista da resposta escolar, pertence a um contexto muito mais abrangente, a um sistema muito mais complexo e as verdadeiras raízes não estão ali, estão fora. Nós se queremos verdadeiramente intervir acreditamos que o problema se resolverá a nível do que é a resposta celular, quem diz ao nível da génese do problema diz também ao nível do tratamento, nós temos consciência de que quando se faz um procedimento terapêutico para se resolver um problema localizado o efeito vai ter impacto na família, na comunidade e por aí fora. E, portanto, o conhecimento do doente e sobretudo o seu contexto foram sempre as grandes bandeiras. Aliás, como disse, a palavra holística faz parte do nosso universo lexical.

**(H.H.): Havia a preocupação na formação de chamar a atenção para o saber-escutar e conhecer o doente em várias vertentes?**

**(J.P.R.):** Isto era treinado na escola.

*Nós tínhamos aulas práticas em que treinávamos precisamente este tipo de competências. Saber-escutar, ou saber observar, nós percebíamos e éramos sensibilizados para isso, que na avaliação do outro e no conhecimento do outro era muito importante sabê-lo observar, com todos os órgãos dos sentidos. Porque nos era incutida aquela ideia da comunicação não verbal.*

A pessoa com quem estamos a relacionar-nos traz-nos muita informação que vai verbalizar, há outra que ele não consegue verbalizar tão bem, e há muita outra informação que ele não vai sequer verbalizar, mas que nós não devemos deixar escapar. Devemos observar e tirar daí as ilações e nos treinávamos isto na escola. E treinávamos de uma forma até...enfim, nós sabemos que um treino nunca é a mesma coisa que a situação real, mas havia uma tentativa de simulação do real com grande proximidade. Nós muitas vezes o doente que tínhamos na nossa frente era o nosso professor que sabia montar-nos todo o tipo de armadilhas e que sabia dissimular a tal comunicação não verbal, os aspetos não verbais. Depois estava atento a ver se os alunos que estavam se conseguiam captar essa informação. Portanto, tínhamos o paciente mais difícil que se podia ter em ambiente simulado. No Hospital ou centro de saúde as coisas mudavam ainda mais e eram ainda mais complexas. O saber-escutar era fundamental, mas diria mesmo saber observar com todos os sentidos. Vou dar um exemplo, se um doente não tem dentes isso vê-se, não precisa de dizer. Provavelmente não está a alimentar-se devidamente, pode ter outros problemas porque não está a mastigar. Nós éramos sensibilizados para estas questões na escola.

Outro exemplo, um paciente muito afável, nunca mais me esqueci dele nem do nome dele, mas utilizava um código de comunicação completamente diferente do meu. O calendário dele era pelos dias dos santos e por feiras. Estava a usar um calendário com o qual não estava familiarizado o que levantava uma série de dificuldades. Embora estivéssemos a falar a mesma língua. Nós éramos sensibilizados para estas diferenças. Depois tudo isto se resolvia com a experiência e com o tempo, enriquecendo a nossa capacidade de comunicar.

**(H.H.): Notava que a enfermagem se centrava cada vez mais nos processos de conhecimento como forma de valorização da atividade?**

**(J.P.R.):** Eu diria que este período em que estudei foi um período de mudança e de transformação. Eu frequentei o curso com um modelo curricular que teria dois ou três anos e que tinha representado uma mudança considerável em relação ao paradigma formativo anterior. Havia uma estrutura nacional onde departamento de ensino de enfermagem tinha um papel fundamental. Eu fui aluno ali no 2 ou 3 ano do novo modelo, pelo menos é a interpretação que faço, cujos aspetos essenciais era deslocar o centro de gravidade do conhecimento baseado na técnica e no desenvolvimento de capacidade psico-motoras para processos de conhecimento, mais teórico, nos fundamentos teóricos. Menos atento à destreza como objetivo último, mas sim à destreza como um instrumento para aplicar conhecimento.

**(H.H.): Considera que isso foi uma mais-valia para o desenvolvimento da própria profissão?**

**(J.P.R.):** Sim, sim, foi sem dúvida. Talvez tenha sido uma das mais importantes roturas em que se faz a transição do conhecimento baseado em técnicas para a necessidade de ser um bom conhecedor dos fundamentos e depois ter técnicas muito boas, estou convencido que isso representa uma mudança muito grande na formação. Aliás é nesta altura que entra um conceito chamado processo de enfermagem, ganha destaque e leva um empurrão muito grande. O processo de enfermagem não é mais do que integrar aquilo que é a prática num sistema sequencial e estruturado do pensamento em que há uma série de etapas, no fundo são as etapas do método científico. Os procedimentos mais técnicos deviam ser integrados num esquema de pensamento que segue uma determinada lógica. A técnica devia ser apenas um reflexo, uma imagem, de todo o processo de enfermagem.

**(H.H.): Confirma-se a enfermagem como profissão?**

**(J.P.R.):** Não digo que as primeiras pessoas preocupadas com isso tenham aparecido nesta altura. Eu diria que ao nível da formação esta mudança deu um contributo muito grande. Convém não esquecer que estamos numa altura em que as escolas de enfermagem estavam integradas no Ministério da Saúde, não estavam integradas no sistema educativo, também é por este motivo que a formação de enfermeiros era um pouco marginal. O entendimento era de que nada melhor de quem presta para formar os seus próprios profissionais. Bom, isto tem o seu risco. Quando se mudou de ministério formaram-se as pessoas de uma forma mais abrangente. Os professores também estavam a ser atores da própria mudança porque não tinham passado por isto. Daí ter sido um momento extraordinariamente rico.

**(H.H.): Nos estágios, e mesmo na escola, eram promovidos os saberes multidisciplinares e a importância da relação entre os diferentes técnicos de saúde? Como era monitorizado os estágios? E como era aceite pelas equipas de saúde nos campos de estágio?**

**(J.P.R.):** Em relação aos saberes, em estágio a multidisciplinaridade da enfermagem era a principal bandeira. O aluno não tinha que ser apenas um bom prestador de cuidados, tinha que saber interpretar corretamente a situação médica daquele doente, os resultados das análises, éramos chamados a saber vários conhecimentos no domínio da farmacologia e dos seus fundamentos, para além das questões da psicologia, sociologia e anatomia, nós tínhamos durante o estágio uma permanente pressão sobre estes conhecimentos. No horário da visita, por vezes, estávamos numa sala a discutir casos clínicos, situações, e tudo era escrutinado até ao mais pequeno pormenor e tínhamos de mostrar que dominávamos os conhecimentos e éramos capazes de os aplicar aquelas situações concretas. Esta questão da multidisciplinaridade era uma regra. O estágio era monitorizado pelos nossos próprios professores de modo permanente. Também éramos poucos alunos.

**Éramos uma família. A presença do monitor nos campos de estágio continuava a ser vista como a do mestre quer pelos alunos, quer pelos profissionais de enfermagem dado que também tinha sido seus alunos.**

A aceitação era plena, não havia problemas. Um monitor de estágio era entendido como uma autoridade mesmo não pertencendo ao hospital e continuava a ser visto como um mestre. Havia uma excelente relação entre todos os técnicos. Nesta altura os enfermeiros já funcionavam com uma grande autonomia, tinham chefias próprias, estruturas próprias. Funcionavam de forma integrada, mas funcionavam bem.

O mais importante era o doente, era o elemento comum entre os diferentes técnicos. Havia o espírito de equipa.

**Nós em enfermagem falávamos muito em intervenções autónomas, intervenções interdependentes, independentes, havia aquelas coisas que o enfermeiro tinha autonomia total para fazer, havia outras que tinha de ser em conjunto com o médico.**

Os técnicos que estavam em maior número eram de facto os enfermeiros ao nível dos serviços, depois a seguir havia médicos em menor número. Justificava-se a diferença dos números. A ideia que sempre prevaleceu é que a unir este conjunto de técnicos estavam pessoas. Pessoas em situações de dependência, em situação de doença que em determinado momento precisavam de intervenções tipicamente médicas, por exemplo numa cirurgia, mas a preparação em todo o sentido do termo era os enfermeiros que a faziam. Mesmo na intervenção o médico estava rodeado de enfermeiros. Participavam noutra tipo de intervenções e quando o doente regressava a mesma coisa. Havia todo um trabalho de acompanhamento de enfermagem.

**Assim que acabei o curso, e comecei a trabalhar, o espírito mantinha-se, trabalhei precisamente num serviço de cirurgia, mas depois fiz parte da equipa que abriu os cuidados intensivos e aí o espírito de equipa era muitíssimo mais intenso.**

Nós para além de sabermos exatamente o que cada um tinha de fazer, onde é que era o território de intervenção de cada um e onde é que havia áreas de sobreposição tínhamos com grande frequência reuniões para discussão de situações de caso, o que é que havia a fazer, havia esse espírito de uma forma extremamente aberta e despojada de interesses de natureza corporativa. O que ali estava era uma pessoa numa cama e vamos lá ver o que é que todos nós podemos fazer perante este caso. Depois chega sempre aquele momento em que não se sabe o que é que é médico e o que é que é de enfermagem. Isso não está escrito em lado nenhum nem poderá estar. Eu jamais vou deixar de intervir numa situação que aparentemente é médica, mas se não o fizer a pessoa morre. O valor da vida está sempre acima disso. Nós tínhamos isso perfeitamente tipificado. Isto só se consegue com o espírito de equipa.

Há uma área cinzenta em que não se sabe linearmente que deve agir. O que está é o que deve fazer.

Claro que tudo isto tem de ser feito com responsabilidade, obviamente. O espírito de equipa passa muito por aí. Tudo funcionará melhor se nós estivermos centrados não naquilo que é o papel de cada um, mas nas necessidades da terceira pessoa. A situação da pessoa é que vai ditar o que fazer e isto só se consegue com um espírito de equipa muito forte. Hoje felizmente as equipas são mais alargadas, as situações são mais discutidas, claro que em emergências as coisas são diferentes, mas há outras situações em que é possível envolver até outros técnicos, os psicólogos, os assistentes sociais, e saber as condições que tem em casa, como é que vai ser seguido. Eu diria que chegamos a este ponto precisamente decorrente deste caminho. O processo de enfermagem foi precisamente uma das ferramentas fundamentais para o enfermeiro saber qual é o seu lugar, até onde pode decidir, qual é o seu raio de ação, o que é eu posso fazer e isso permitiu hoje estarmos muito mais próximos das pessoas.

**(H.H.): O bem-estar da pessoa humana era um dos objetivos finais da enfermagem?**

**(J.P.R.):** Eu diria que continua a ser. Este termo bem-estar é um termo interessante, diria que a primeira grande definição de saúde que a Organização Mundial de Saúde pôs cá fora, que depois foi muito discutida, o que era natural, definiu a saúde como um completo estado de bem-estar, bio-psico-social. Ora se a saúde era um completo estado de bem-estar, esta definição era um pouco passiva, dá ideia que a saúde é um estado, hoje entende-se que a saúde é qualquer coisa dinâmica, é uma coisa que o próprio vai construindo diariamente, não é um estado que se está ali à espera que nos cai ali em cima. Mas, admitindo nesta altura no curso a saúde era de facto considerada um completo estado de bem-estar e não apenas a ausência de doença, era assim a definição. Bem-estar pode ser entendido aqui como saúde, um dos grandes objetivos da enfermagem é isso, no fundo é devolver às pessoas esse bem-estar que é o que faz delas pessoas. Nós por muito que contestemos o termo ou a definição, o bem-estar é o que faz de nós pessoas. Nós estamos bem do ponto de vista biológico, psíquico, social, somos cidadãos totais. Eu uma vez tive um doente que dizia que:

**“eu sei que tenho saúde quando não dou conta que existo”**

Acho que é uma definição engraçada. Eu não me lembro que tenho estômago, quando começar a sentir que tenho estômago é sinal de que estou saudável, quando me lembrar então há qualquer coisa que não está bem. O facto de eu não me lembrar que tenho rins, bexiga ou cabeça, é sinal que não me dói, que não me está a causar mal-estar e,

portanto, provavelmente, é sinal de que estou bem, estou com saúde nos meus órgãos. Se eu não me lembrar que tenho dentes é sinal de que estão bem, quando me lembrar que os tenho é porque me estão a doer. Eu diria que se o bem-estar pudesse ser aqui entendido como um estado de saúde, eu diria que sim, um dos objetivos finais da enfermagem nesta altura era devolver às pessoas o seu estado de saúde. No fundo era isso que tínhamos de fazer às pessoas, voltar a pô-los outra vez cidadãos totais. Para quê?

**Para eles estarem bem na família, na sociedade, era esta a imagem que nos transmitiam, quando falávamos na imagem holística da saúde, no fundo era isto, uma pessoa saudável é uma pessoa que tem bom ambiente na sua família, que está socialmente integrado, trabalhar, produz riqueza para ele e para o seu país, ao contribuímos para termos pessoas saudáveis estamos a contribuir para as pessoas poderem voltar a produzir riqueza e isto vai refletir-se num aumento ou reforço do bem-estar.**

Este, digamos, que seria um dos objetivos finais da enfermagem que era devolver as pessoas à sociedade com saúde. No fundo, era visto como uma espécie de indústria transformadora, as pessoas entram para aqui doentes e nós devolvemo-los saudáveis ou fazemos tudo para que eles voltem a ter o seu bem-estar. Eu diria que na altura, e considerando que o bem-estar era a palavra-chave da OMS, esse era um dos objetivos da enfermagem, quer ao nível do hospital, quer ao nível dos centros de saúde. No hospital era devolver as pessoas com saúde diminuída à sociedade e no centro de saúde era o contrário, era

**“tens saúde vamos lá fazer tudo para não a perderes”**

para não teres necessidade de ir ao hospital. E, portanto, a intervenção da enfermagem centrava-se nestes dois: primeira linha não deixar que as pessoas percam a sua saúde; segunda linha, quando as pessoas perderam a sua saúde vamos devolvê-la com saúde e depois ainda havia a terceira linha que era a da reabilitação, pessoas que perderam a sua saúde, mas estavam em processo de recuperação e intervir para que essa recuperação fosse mais rápida. Era nesses três níveis, o primário, secundário e terciário que assentava o trabalho do ser-se enfermeiro e todo o trabalho estava orientado ou para manter o bem-estar, ou devolver o bem-estar ou acelerar a recuperação do bem-estar.

**(H.H.): Considera que tudo isto que acabou de salientar relacionado com o bem-estar pode ter uma articulação com a valorização da profissão, com uma determinada dignidade profissional que se foi conquistando ao tomar como objeto de trabalho o ser humano?**

**(J.P.R.):** Sim, sim. Esta mudança que se verificou ao nível do paradigma formativo teve também este resultado, esta consequência. De facto, eu pessoalmente adquiri esta consciência durante o curso. Posso dizer-lhe que eu era um dos pouquíssimos, e quando digo isto refiro-me a duas ou três pessoas, enfermeiros que eram sócios da Associação portuguesa de Enfermeiros. Era talvez a nossa principal associação e tinha pouquíssimos associados a nível nacional. Aqui da região, que me lembre, eu era e só conhecia mais um, portanto admito que houvesse mais dois ou três. E precisamente porque eu achava que o associativismo e as associações profissionais seriam uma ferramenta, um instrumento que ajudasse a consolidar esta ideia de profissionalização da enfermagem. Criar uma consciência mais profissional, mais autónoma, a consciência de que podemos fazer coisas sem estar à espera de ninguém, faremos muito mais coisas se for em equipa, se for em conjunto, se nos articularmos bem, mas não precisamos de estar à espera de outros para fazer tudo. Há muitas coisas que nós podemos fazer autonomamente e podemos caminhar nesse sentido.

*E eu na altura entendi que as associações têm esse condão de criar sinergias, as pessoas juntas conseguem fazer muito mais do que os seus esforços individuais se não estivessem associadas e portanto eu diria que a frequência da escola de enfermagem, para além de criar em mim a consciência profissional, eu diria que tinha já nesta altura condições, e a alteração do plano de estudos contribuiu para isso, para que realmente o profissional de enfermagem tivesse ganho autonomia e até visibilidade social.*

A nossa visibilidade social estava muito associada à dimensão criativa, sem qualquer desprimor pela caridade, mas extinguia-se um pouco nessa dimensão quase que do coitadinho, e esta é uma altura em que começamos a perceber que os outros não têm de ser uns coitadinhos, que está doente, diminuído teve um problema de saúde e ficou diminuído definitivamente, não tem de ser necessariamente um coitadinho, é uma pessoa que precisa de determinado estímulo, empurrão, num determinado momento da sua vida mas no sentido de essa pessoa se tornar também autónoma e capaz de gerir os seus próprios custos de saúde. No fundo é aquilo que nós agora

entendemos por saúde. A saúde é um processo dinâmico, instável, hoje ser saudável e ter saúde é saber gerir bem a nossa saúde, e só se é um bom gestor quando se tem responsabilidade. E não há dúvida nenhuma que o enfermeiro é um elemento muito importante nesse processo de autorresponsabilização. Sabe que isto também tem razões históricas, nós tivemos na história recente um estado que se desresponsabilizou das tarefas da saúde, que incentivou a maternidade em casa, que dizia que se não querem problemas não se metam neles e depois passamos para um outro extremo, o estado providência, supre protector, quase que se dizia para as pessoas estarem à vontade que se lhes acontecesse alguma coisa estava ali o estado para ajudar. Percebeu-se a asneira que se tinha feito antes e para se compensar fez-se outra asneira. Hoje uma pessoa saudável é um bom gestor de todos os seus recursos pessoais, todos eles, de saúde. Temos capacidade de ajuda, mas as pessoas têm uma responsabilidade sobre essa mesma saúde.

*Hoje a formação do enfermeiro e a sua função também é intervir a este nível, é ensinar as pessoas para serem bons gestores dos seus próprios recursos de saúde.*

**(H.H.): O enfermeiro deve ser um agente terapêutico?**

**(J.P.R.):** Eu diria que é essencialmente um agente terapêutico, mas terapêutico neste sentido. No sentido da autorresponsabilização. Todos temos de ser agentes terapêuticos. Mas o enfermeiro, tal como o médico, é uma pessoa mais esclarecida ou com mais informação que intervém quando uma pessoa não é capaz de gerir bem os seus recursos. Nós ouvimos falar nisto muito noutros domínios, fala-se do endividamento das famílias, há hoje pessoas que ajudam famílias que aparentemente estão sem saber muito bem o que fazer e aparece alguém um pouco mais esclarecido que os ajuda a encontrar soluções.

*Hoje o enfermeiro é um pouco isso, ajuda a encontrar soluções, sempre com a consciência de que a solução não está nas suas mãos, está nas mãos de várias pessoas, a começar pelo próprio.*

Há muitos problemas de saúde que se a própria pessoa não os quiser resolver não são resolvidos por outros. Há outros problemas que de facto podem ser resolvidos com intervenção, e o enfermeiro ocupa um lugar de charneira no meio disto tudo, até porque faz a ligação entre todos os aspetos, celular, psíquico, etc... e é aí que o enfermeiro se situa e é esse o lugar do enfermeiro.

**(H.H.): Considera que isso já se sentia nos anos 80?**

**(J.P.R.):** Começou-se a sentir nos anos 80, sim. Sobretudo com este plano de estudos que eu apanhei já ali num 2 ou 3 ano, que já vinha com três anos de experiência, faz essa mudança precisamente. Retira ao enfermeiro o papel predominante de um excelente executante de técnicas, o que é muito importante, para ser um bom gestor de conhecimentos, um bom técnico que sabe executar bem, mas conhece bem os fundamentos. Devia ter essa tal visão global. Essa mudança é visível nos planos de estudo, percebe-se perfeitamente a importância que se passa a dar a essa... posso dizer-lhe que logo no primeiro ano tive uma coisa que se chamava experiências urbano-rurais, durante uma semana ou duas éramos atirados um pouco aos leões, vocês agora vão para as aldeias, para a cidade, e o que temos de fazer?

*Observar, ver, usando a pouca informação que na altura já tínhamos, perceber quais são os fatores que interferem na saúde das pessoas, vejam estejam atentos a tudo, em que condições é que vivem, como se relacionam, e essas experiências urbano-rurais foram na altura assim uma coisa inovadora.*

Acho que realmente nos alertou para perceber que um problema de saúde que estava limitado a uma parte do corpo tem outras dimensões que por vezes nos escapavam completamente, na visão anterior escapavam completamente. Percebemos como é que o modo de vida das pessoas, de relacionar e viver isso depois tem impacto na sua saúde. É um exemplo como este modelo curricular contribuiu para esta mudança de sensibilidade, de estar sensível em relação ao outro.

**(H.H.): Agradeço o seu testemunho. Muito obrigado.**

**Entrevista realizada no dia 21 de Junho de 2011, pelas 10h.**



José Manuel Preto Ribeiro, "70º Aniversário da ESALD"  
07 de junho de 2018

# MARIA ALICE BARATA GARCIA



Maria Alice Proença Barata Garcia nasceu a 23 de julho de 1945, filha de Adelino Janeiro Barata e de Maria da Graça Proença, casada, é natural da freguesia de Santa Maria, no concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda. Ingressou na Escola de Enfermagem de Castelo Branco para realizar o curso de Auxiliar de Enfermagem. Ingressou na função pública em 1970 e exerceu as suas primeiras funções na área da enfermagem em Lisboa no Hospital dos Capuchos. Depois da sua passagem por Lisboa, voltou à Escola de Enfermagem de Castelo Branco na categoria de Auxiliar de Monitor, Enfermeiro - Monitor e professor adjunto. Realizou o curso de promoção profissional, o curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica, , obteve a equivalência ao grau de bacharel em Enfermagem, a equivalência ao Diploma de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem e realizou o Curso de Pedagogia Aplicada ao Ensino de Enfermagem.

**Helder Henriques (H.H.):** Gostaria de iniciar esta entrevista com uma palavra de agradecimento em relação à disponibilidade manifestada para me receber em sua casa e, naturalmente, por querer partilhar a sua experiência de vida ligada durante muitos anos à Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Dr. Lopes Dias.

**Maria Alice Barata Garcia (M.A.G.):** É um dever nosso. Temos de ter este espírito de entejuda.

**(H.H.):** O que era a enfermagem no período do Estado Novo?

**(M.A.G.):** A enfermagem nessa altura não era bem aquilo que nós hoje ou passados uns anos tínhamos. Os enfermeiros não praticavam bem o cuidar, o enfermeiro era como um certo empregado do médico.

O nosso curso tinha muita prática, era muito prático, e então nós deparávamo-nos com um grande problema que era uma falta de autonomia dos cuidados de enfermagem, uma falta de autonomia porque o médico mandava, digamos que era um modelo biomédico. O que interessava era só o curar, o curar, o curar.

Notei isso principalmente quando fui fazer estágio para Lisboa e depois quando fui para lá trabalhar. Cá também notava, mas não era tanto, porque os nossos médicos, nós íamos trabalhar na misericórdia, eram nossos professores ali e, portanto, não se notava tanto. Assim como o nosso diretor, o diretor da escola, uma pessoa muito conhecida, muito estimada, os alunos ...não notei tanto, notei mais, em termos de comparação, como empregados de médicos em Lisboa, do que aqui, mesmo naqueles seis meses que fui fazer de estágio. Mas de qualquer das maneiras era a conceção que havia era a de curar. E uma coisa que se notava, e penso que na nossa escola sempre foram muito exigentes com isso, e levávamos cada aperto, quando nos dirigíamos ao doente como "o da cama 35, o da cama não sei quantos", quando eu era aluna, estou a falar de quando eu era aluna. E não, era "o senhor que está na [cama X]". Posso não saber o nome, mas eram de uma exigência nessa parte, por aí se vê que nós aqui tínhamos uma cultura muito grande da humanização de cuidados. Já nessa altura, na altura em que eu fiz o curso. Outra coisa, que eu notei era muito a ideia de curar, era o da apendicite, era o da úlcera gástrica, não se via o doente no seu todo.

Dava a sensação que as pessoas deixam de o ser, para ser um número e para ser uma doença. E, portanto, não se considerava a pessoa como uma pessoa que tinha família, um ser humano primeiro, depois inserido numa família, e inserido numa sociedade. Era só a doença e o número.

E isso era uma das coisas que ressaltava, mas que mesmo assim na nossa escola acho que sempre se valorizou muito a parte humana. E quando nós dizemos que a nossa escola, que era conhecida por todo o lado e toda a gente queria os alunos de cá mesmo a fazer estágio, nós éramos os únicos que quando íamos fazer estágio para algum lado éramos os únicos que nos davam lar e comida por sermos desta escola. Porque achavam que éramos muito educados, muito trabalhadores e humildes. Mas esta humildade...eu lembro-me de uma chefe que quando eu estive a fazer o estágio de seis meses dizia

*"admiro o pessoal de Castelo Branco".*

Uma vez eu fui dizer-lhe que me ensinasse. Lembro-me dela me dizer para, se o telefone tocasse, para passar para uma determinada extensão. Bom, eu sabia atender o telefone, sabia fazer uma chamada, mas passar as chamadas pelas extensões não sabia.

*Entretanto, ela ia-se embora e eu disse-lhe "olhe desculpe, mas diga-me como se faz que eu não sei". E ela responde: "É isso que eu admiro em vocês, não sabem e perguntam. É esta humildade...olhe se fosse algumas de cá não passavam a chamada, nem diziam que tinham recebido a chamada, são umas aldrabonas".*

Pronto estes foram os termos usados por uma chefe na altura. Mas tudo isso era ensinado na escola. E como lhe digo era com um rigor, era com cada ralhete quando nos dirigíamos a alguém pelo da cama tanto, era com cada ralhete, não imagina. E isso ajudou-me. Nós tiramos o curso numa idade complicada, E às vezes nem sempre aceitamos bem as coisas. E nessa altura vieram quatro pessoas de Lisboa para cá estudar. E então essas eram as revolucionárias do sítio. Eram as revolucionárias porque nada estava bem, eram muitos mandões, no lar tinham sempre que refilar, o comer não prestava, e depois como tinham vindo de Lisboa, achavam-se mais que os outros, faziam um bocado de mau ambiente. Achavam que nós éramos um bocado criados, passamos por esse papel, e lembro-me que às vezes ralhavam connosco, tentavam meter a guerrilha no lar, mas tinha de ser surda, às escuras sem a senhora se aperceber. Mas depois quando começamos a estudar, as notas, quando elas começaram a ver que realmente nós tínhamos assim um bocadinho mais de capacidades do que elas que tinham vindo de lá. E eu às vezes dizia: mas porque é que vieram para cá com tantas escolas em Lisboa? Ah porque a vossa escola tem

muito boa fama! Mas depois chegaram cá e realmente não conseguiam. Lembro-me que foi assim um bocadinho complicado e então no lar foi uma desgraça com essas senhoras.

**(H.H.): Como era ser enfermeira quando começou a trabalhar?**

**(M.A.G.):** Eram tempos muito difíceis. Por exemplo, recordo que a pessoa não era senhora de contestar uma ordem que fosse dada. Não, isso é verdade! Depois, aqui também enquanto aluna, quando fiz estágio na Misericórdia, havia pessoas que não gostavam, mas eu com elas nunca tive problemas. E aqui parte-se do princípio da educação. A educação não é ser servo de maneira nenhuma, mas é o saber perguntar e o saber agradecer. Eu penso que algumas pessoas, principalmente as colegas que tinham vindo de Lisboa, não sabiam fazer isso. Era assim complicado.

**(H.H.): Quais os aspetos que mais marcaram a sua formação enquanto aluna da Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** Olhe foi a parte humana. A parte humana estava em tudo. E depois eu acho que tínhamos uma cadeira, que não havia noutras escolas, que era de ética, ética dos cuidados de enfermagem. E que se manteve durante muitos anos.

*Eu penso que nos ajudava a ver a pessoa como um todo, porque o doente está em sofrimento, é uma família que está em sofrimento e, portanto, acho que o facto de nós ajudarmos além de prestarmos os cuidados se nós pudermos também ajudar em termos de comunicação. Já na altura de eu ser aluna falava-se muito na comunicação, se andas de má cara muda de cara. Os doentes não têm culpa.*

Eu recordo-me de uma coisa que aconteceu comigo e por aí se revela um pouco esta ideia da humanização. Eu fiquei sem pai pequena, lá fiz a minha ficha de admissão, mas não pedi bolsa, a minha mãe achou que podia pagar e eu não disse nada. Passado um tempo, a chefe da secretaria, D. Maria Amélia, foi ter comigo e disse: olha anda cá...tu não precisas de bolsa? Tu não pediste. Sabes o que é? Sei... até porque nos foi dito inicialmente. Quem não tinha possibilidades ficava com uma bolsa e depois ficava durante dois anos a pagar um x daquilo que a escola nos tinha dado. Eu disse, eu vou novamente perguntar à minha mãe, mas ela disse que não havia problemas, que pagava tudo. Por aí se vê a preocupação que tinham de ir ver os processos e depois de ir perguntar: mas tu não queres? E voltar a explicar... penso que isso é humanização. Lembro-me de outra coisa...de vez em quando tínhamos assim cada ensaboadela...ah, uma outra pessoa que me marcou muito

foi Maria Amélia Cêpa, foi espetacular, de uma exigência, mas espetacular...ralhava connosco, mas defendia-nos por trás muito. Eu acho que aprendi muito dela e que parte daquilo que fiz foi aprendido com ela. Íamos fazer estágio para Lisboa e como disse davam-nos residência, alimentação e ia sempre uma monitora connosco. Esta Amélia Cêpa era a responsável e de vez em quando chegava-nos uma carta dela para nós, para os alunos, e lembro-me de uma carta que ela mandou, uma carta enorme, mas que ela conseguia para cada aluna...havia uma palavra...isto é humanização. Eu penso que isto nos foi muito inculcido, muito mesmo. A humanização dos cuidados, a comunicação dos doentes, e depois eu podia fazer um termo de comparação com outros alunos e que às vezes quando dizíamos, na passagem de ocorrências, o senhor da cama número tal...alguns deles ou olhavam ou sorriam e depois quando chegava a vez deles o número tal... e a responsável lá dizia:

*vocês por acaso não aprenderam com os da escola de Castelo Branco? Pronto, de tal maneira que isto ficou enraizado, muitos de nós ficamos a trabalhar lá nos civis e quando algo corria mal, um aluno foi apanhado a dormir e depois havia sarilho de todos, e nós chegamos ao pé dele e dissemos: nem parecees que és da nossa escola! Desavergonhado! Tínhamos assim uma certa vaidade. Aqui apostava-se muito na humanização dos cuidados.*

**(H.H.): Enquanto aluna que valores e qualidades eram privilegiadas na formação de enfermeiros na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** A família, o ensino à família, já nesta altura se falava muito no ensinar. A prevenção da doença. Os ensinamentos que se faziam. Eu acho que a nossa escola estava assim um bocadinho avançada. Era o facto de termos um diretor espetacular. O dr. Lopes Dias temos de dizer que era muito exigente. Recordo-me numa aula dele de falar que havia aí, nessa altura, uma porção de mulheres prostitutas que ele agarrou e disse não!! Nós temos que agarrar nelas...são umas doentes, umas miseráveis e nós temos que agarrar nestas mulheres! Temos de as vigiar, por causa da saúde pública, por causa da prevenção da doença, e ele era o primeiro a dizer: é um papel nosso a prevenção das doenças. Penso que tudo isso foi inculcido por ele e depois as pessoas que trabalhavam com ele seguiam as mesmas linhas, as mesmas normas, ele muito rígido, uma pessoa muito boa, os

bons alunos ele estava constantemente a elogiá-los e isto, de algum modo ajudava os outros a querer ser também bons alunos. Depois era a unidade, o facto de ele pedir: sejam amigos e era uma família! A nossa escola era uma família, eu sentia-me muito bem na nossa escola. Castelo Branco marcou-me muito, muito, muito... e marcou-me nessa altura, porque eu tinha vivido na Covilhã, o meu pai morreu lá, entretanto o meu irmão foi para a tropa e morreu também...Castelo Branco marcou-me, marcaram-me as pessoas da escola! Depois fui convidada a ir para a escola...

**(H.H.): A disciplina, as regras e a boa conduta eram princípios que estavam presentes na formação de enfermeiros em Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** Estavam presentes, muito presentes! Tanto que quando eu falei na ética, todos esses valores,

*o valor da vida, estava muito presente. Parece impossível, mas já nessa altura se falava que se os doentes não fossem assistidos era eutanásia. Penso que estávamos avançados, e hoje fala-se muito nisso. A vida era um dos valores que era muito focado.*

Uma das coisas que recordei era de tentar saber a religião dos doentes, se queriam sacerdote no fim da vida, acho que nos falavam já na preparação para a morte, de um modo que eu penso, olhando hoje que isto foi há 40 e tais anos acho que estávamos avançados. Hoje é que falamos no ensinar a morrer bem...eu penso que tudo isso, e nós tivemos na altura um padre que era o cônego Anacleto que foi uma pessoa que na altura também me ajudou e marcou muito. Em termos de valores, relacionais, religiosos, aceitação, aceitar os outros, eu acho que foi outra pessoa que me marcou como aluna.

Olhe eu tive na altura, quem foi meu professor foi o sr. Ismael Martins...eu lembro-me que até à primeira frequência falava para ele, bom dia e boa tarde, a partir daí começamos a conversar e sempre mantivemos uma relação muito boa. Ele foi meu professor e era um responsável pela cadeira de enfermagem. Depois tinha a Amélia cepa, outra pessoa espetacular de uma exigência muito grande, mas que ao mesmo tempo eram exigentes, mas considerava-os amigos porque estavam disponíveis, mas não estavam todos, e eu tive a sorte de pertencer a uma turma, porque havia duas turmas A e a B, em que realmente quando nós tínhamos uma dificuldade de qualquer ordem eles ajudavam-nos, eram pessoas disponíveis.

*Havia disciplina, mas havia respeito, depois disso mais tarde eu notei que se perdeu isso um bocadinho, mas ali não me fez mal. Até porque as regras e as normas, uma pessoa vinha habituada de casa a ter regras.*

**(H.H.): A discrição e as boas maneiras eram princípios inculcados na formação de enfermeiras no período do Estado Novo em Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** Muito, muito. A maneira de vestir, a maneira de falar, falar baixo de modo que não se ouvissem gargalhadas, portanto tinha de ser tudo assim. A maneira de vestir, havia muita gente que ficava muito revoltada pela maneira de vestir. Porque, pronto, na altura era a farda, as batas, o comprimento das batas, não se podia andar sem meias, tinha que se andar com meias, mas depois com??? as meias não se podia usar liga tinha de se usar cinto-liga. Comigo nunca aconteceu, ouvi contar muitas histórias, mas comigo nunca aconteceu. Portanto andar fardada impecavelmente, os cabelos, as unhas, é verdade, era assim. Depois quando fui trabalhar que era também dessa exigência, mas já não me custou porque já ia superpreparada.

**(H.H.): A lealdade, a dignidade e a verdade eram princípios que estavam articulados com a formação na Escola de Castelo Branco no período do Estado Novo?**

**(M.A.G.):** Era princípios muito inculcados. E depois sabe, eu acho que nessa altura em que fiz o curso há alguns anos, havia aquela coisa que não se podia casar. E, portanto, havia muitas que não se casavam, mas viviam junto. E eu recordei-me de nos falarem disso. Que o casamento já era permitido, já não era um sacerdócio, já tinha passado essa parte. Mas que o comportamento na escola era importante e se havia assim algumas coisas menos bem eram chamados. E então as que estavam no lar ainda mais, se havia alguma coisa que desconfiassem ou que não estava a correr bem, ah isso eram chamados ao responsável e eram postos os pontos todos nos "is". Tentavam que a gente desse uma imagem da nossa profissão digna, uma vez que até aí houve assim umas coisas assim um pouco...

**(H.H.): Qual era o sentido da bondade e da coragem associada à profissão?**

**(M.A.G.):** Coragem sim. Eu penso que entre bondade e coragem não existe assim uma controvérsia entre as duas.

*A enfermeira pode ser uma pessoa boa. E Aqui bondade é o prestar os cuidados como deveria ser, com dignidade,*

sei lá, nós quando estamos a prestar um cuidado ao doente, eu estou a ajudar o doente com o cuidado que estou a prestar, mas se calhar eu também estou a tirar proveito desse cuidado que estou a prestar ao

outro porque é para mim um crescimento, uma valorização porque estou a aprender, se prestar um cuidado bom, se for boa para aquele doente acho que vou-me sentir realizada na minha profissão. Ser bom acho que é isso. E ser corajosa às vezes é preciso ter muita coragem em muitas situações. Quando...sei lá...em situações em que nós vemos jovens e crianças em estados críticos.

**Eu lembro-me de chorar muita vez, eu chorei muita vez, depois a professora dizia para os alunos, “não é vergonha chorar”. Chorei uma vez, se calhar essa foi a primeira, em que morreu uma criança. E pronto, a gente aí sente-se e diz: “meu deus, eu sou enfermeira, devia fazer tudo e não fui capaz, mas porquê? Uma criança?” Aí temos de ser corajosos até para dar a volta.**

Lembro-me de chorar nessa vez...lembro-me que nós é que fazíamos os telefonemas para os familiares e lembro-me dos pais dizerem se podiam ir...já era tarde e eu disse que sim que podiam. Eu tinha de arranjar coragem e tinha de os preparar a eles. Eu acho que ser bom, uma boa enfermeira não quer dizer que não se tenha de ser ao mesmo tempo corajoso. E acho que o facto de chorar não quer dizer que não se tenha coragem.

**(H.H.): A paciência, o entusiasmo e a alegria também eram princípios que estavam presentes na formação da época?**

**(M.A.G.):** Também. Os professores falavam muito. Ter paciência isso falava-se muito. Isso era mesmo massacre. Paciente com os doentes, com os familiares. Nós éramos muito preparados para isso, levávamos uma ensaboadela mesmo muito grande. Nós estamos ali é para os servir, era muito essa linha. Quanto ao entusiasmo e à alegria, isso é das coisas que eu acho, que aprendi nessa altura e depois tentei transmitir aos alunos, é que os doentes não têm culpa se nós estamos mal dispostos. Os doentes não têm culpa. Todos nós temos problemas e eu também os posso ter e às vezes ainda podiam ser maiores do que os dos doentes. Mas as questões aí não têm culpa dos meus. Temos de os deixar à entrada da porta. Podemos ter momentos em que temos de nos retirar, mas quando estamos com os doentes temos de ter realmente uma disposição para os ajudar a eles. Nós estamos a trabalhar, num serviço que nós escolhemos, e eles estão ali e não escolheram estar ali. Estão ali por circunstâncias da vida, eles estão piores e, portanto, não têm que levar com a nossa cara de má disposição, isso era realmente muito incutido. Mas eu acho que nós quando sofremos na pele determinadas situações sabemos que é importante. Eu lembro-me que, e isso é capaz de ter sido uma das coisas que me levou à escolha da profissão, o meu pai morreu quando eu era pequena,

morreu com um cancro do estômago, e, portanto, ia visitá-lo ao hospital durante 23 meses que ele durou pós operação. E tudo isso eu recorro muitas passagens e que me marcaram. É por isso que eu acho que o facto de sorrir, dar um carinho, falar com a família, eu penso que é importante. Eu recorro-me da minha mãe chorar e de haver uma irmã no hospital e quando nos via entrar ia sempre ter connosco. Houve coisinhas que nos marcam e que eu achei que era importante, enquanto que alguns podiam achar que era seca, eu não achava.

**(H.H.): Quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período do Estado Novo?**

**(M.A.G.):** Gostei imenso do nosso diretor, o dr. Lopes Dias, acho que foi das pessoas que marcou muito. Ele nos exames podia ralhar muito connosco, mas vê que nos fazíamos exames com júri, vinha de fora que era uma escola particular, mas ele, quando alguém estava a brilhar via-se naquele homem uma satisfação, uma alegria, depois aquele abraço final parece que ainda o sinto. Foi uma pessoa que me marcou muito. O sr. Ismael também me marcou muito. A própria D. Branca que as pessoas falavam e que diziam que era muito rigor, e dizerem muita coisa da D. Branca, mas eu gostei muito da D. Branca, ela também era muito exigente, desde o medir se fosse preciso os cantos da cama e se tivesse mal desmancha, mas eu acho que tudo isso contribuiu para que nos tornássemos bons profissionais.

**Se aquelas ligaduras, a espiral não estivesse, voltava-se ao princípio. Até aí um rigor muito grande, mas eu admirei. Eu penso que muito daquilo que eu fui devo a essas pessoas.**

A Amélia Cêpa também foi das pessoas que me marcou muito. Mas acho que estas foram as pessoas que mais me marcaram.

**(H.H.): Enquanto professora, como caracteriza o ambiente da escola de enfermagem de Castelo Branco quando entrou para a escola?**

**(M.A.G.):** Eu cheguei a dizer “não conheço esta escola, esta não foi a minha escola”. A Maria Augusta tinha o marido internado nesta altura e eu vim tomar conta de alunos que estavam a fazer estágio na maternidade, tinha um curso do 1º ano e estava lá um curso do 3º ano. E eu achei que aquilo era uma balda. Começo a ver que cada um fazia o que queria, fazia como queria, montes de roupa no chão...eu começo a ver aquilo e pergunto: “o que é isto? Isto não é assim!” Logo no primeiro dia. Chamei-as logo no fim

do primeiro dia e disse-lhes não quero roupa no chão, há sacos para a roupa, a roupa é para por nos sacos, desculpem lá, mas assim não.

**Era tudo assim na maior. Eu falei nessa altura com a enfermeira-chefe que era a D. Lúcia e ela disse: “ah agora é assim, ninguém lhes pode dizer nada” eu disse: ah não não, tenham paciência, o 25 de Abril também passou onde trabalhei e aquilo também foi uma balda, mas agora...e entretanto lembro-me de reunir com os alunos e aquilo foi uma bomba...”vem para cá esta fulana mandar em nós, vem de Lisboa, isso é que era bom, a gente corre com ela de cá para fora”. Eu disse, isto não é assim, comigo não vai ser assim,**

eu passei...pronto, lembra-me de queixar ao sr. Ismael dizendo que não podia continuar assim, aquilo era uma balda, e ele disse: “pois, tudo tem medo dos alunos agora, eles é que mandam”. Não, não. Desculpe lá senão eu vou-me embora, isto assim não dá. Entretanto, lembro-me também que fui à secretaria e havia duas alunas a mexer em tudo. Elas iam para a secretaria e mexiam em tudo. Também fiquei chocada, estava eu em Lisboa, quando soube que o diretor morreu e foi muito maltratado. Foi muito maltratado, apelidado de fascista. Isso revoltou-me. Eu chego cá e continuam alunos metidos na secretaria a dar volta a tudo. Eu digo, “oh sr. Ismael o sr. Consente uma coisa destas, onde é que já se viu” E então não me podiam ver, eu passei um mau bocado.

**Mas eu entendi que a liberdade não era assim, a liberdade não é querer fazer o que queremos, queremos um curso sem trabalhar, sem estudar, iam alunos para o hospital que aquilo eram...**

desculpem lá e depois quando comecei a dizer roupa no chão? Sabem o que são os sacos? Para que são os carros da roupa, para isso não havia carros. Sabem o que são as infeções hospitalares, vocês por acaso estudaram isso? Lembro-me de uma aluna responder: “Nunca vi nenhum micróbio”. Eu disse: “pois se calhar nunca o viu a voar, eles não têm asas”. Entendi que não devia confessar medo porque foi uma altura muito difícil quando cá cheguei. E depois tudo era fascista. E eu tinha passado essa fase do 25 de Abril quando trabalhei no hospital e passamos muito, desde levarem rádios para ouvir futebol, não havia horas de visitas, não nos obedeciam e apelidavam-nos logo de fascistas e tivemos de contornar esta situação através dos doentes. Eu cheguei aqui e disse: então se nós conseguimos tomar conta de serviços onde havia tanta gente, tanta gente e agora aqui numa escola onde havia meia dúzia de gatos pingados que nem sequer querem estudar, começamos a juntar-nos começamos a ter força e

as coisas mudaram. Entretanto entrou uma turma, e nessa altura havia no plano de estudos três semanas de experiências urbano-rurais, eu fui com eles, tinha uma fama desgraçada e eu fui com eles para as experiências rurais, passávamos todo o dia para lá. Comecei a ter alunos que me começaram a conhecer e a partir daí as coisas mudaram. Mas que eu passei um mau bocado quando cá cheguei, não havia regras, não havia normas, foi complicado...

**(H.H.): Como era a relação com os dirigentes, professores e alunos?**

**(M.A.G.):** A relação entre professores era boa, dávamo-nos muito bem. Quando tínhamos dificuldades ajudávamo-nos uns aos outros passando apontamentos.

**Nessa altura eu considerava que a nossa escola era uma família. Tanto que quando havia assim alguma coisa a gente reunia, fazíamos os almoços na escola, cada um levava a sua coisa, era mesmo uma família. Foi um tempo muito bom.**

Com o diretor também, nunca tive problemas, era uma pessoa que nos ouvia, tínhamos muito trabalho e acho que ele nos compreendia muito bem. Outra coisa que acho que se manteve é que se algum tinha algum problema, alguma dificuldade, não era preciso faltar, combinava-se com os colegas e sempre com o consentimento dele.

**(H.H.): Quais foram as principais alterações que sentiu depois do 25 de Abril (a partir de 1977) na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** Eu penso que o facto de haver especializações ajudou muito porque cada um foi aprofundar os conhecimentos na área que pretendia. Na área que pretendia às vezes não era muito bem assim. No meu caso eu queria muito fazer médico-cirúrgica e era aluna autoproposta tinha de fazer exame a todas as cadeiras, para não ir para lá porque tinha miúdos pequenos. Entretanto sentiu-se a necessidade aqui na escola de haver alguém em saúde materna, aquilo era por uma escala consoante as idades e necessidades, o sr. Ismael Martins disse-me “Alice não pode continuar a fazer médico-cirúrgica tem de fazer saúde materna porque se quiser continuar em médico-cirúrgica aqui na escola passa-lhe um à frente” e eu pensei bom então vou fazer. Esta questão acho que foi importante. No caso dos planos curriculares, por exemplo quando foi introduzida a ideia do processo de enfermagem e colocá-lo em prática. Os métodos de trabalho. O

método mais antigo era aquele método tarefeiro, um só faz parafusos, outro só faz não sei quê...e, portanto, coitado do doente. Aqui sempre se lutou muito ver o doente como um todo. Depois aceitarem-nos no hospital para que os alunos conseguissem implementar o método individual em que os alunos tomavam conta do doente como um todo, acho que isso foi muito bom porque foi uma maneira de humanizar os cuidados. E depois a introdução do processo de enfermagem. Penso que isto valorizou muito a carreira de enfermagem e nos deu uma certa autonomia. Porque havia médicos que quando nós dizíamos que os nossos alunos sabiam isto aquilo e o outro, eles diziam: para quê? Porque sim, eles têm de saber. Havia médicos mesmo aqui, não foi fácil. Eles queriam continuar a mandar mesmo nos nossos alunos. Eu lembro-me de ter pedido estágio para os nossos alunos no hospital e cheguei lá e a primeira vez que ouvi um raspanete na frente dos médicos que também estavam a fazer estágio que me disse: não tens que vir para aqui sem minha autorização. Não tenho que falar consigo..., Mas não os aceito cá...quem é o senhor para não o fazer... Não era fácil nos campos de estágio...eu dizia sempre aos alunos que não podemos andar sempre a bater a pala aos senhores doutores, porque agora já não é assim.

**Já não era o modelo biomédico e os nossos alunos percebiam perfeitamente.**

**(H.H.): Que aprendizagens se valorizaram após o período revolucionário (depois de 1976)?**

**(M.A.G.):** Valorizava muito a execução da técnica,

**o saber fazer, o saber estar, muito o saber estar e depois a parte humana, muito, muito, muito. A comunicação, valorizava muito a comunicação, a boa disposição, estar bem disposto. O enfermeiro triste é um triste enfermeiro**

e se os doentes já estão tristes se há outra pessoa que está igual a eles ou pior que eles, não ajuda nada.

**(H.H.): Como funcionava do ponto de vista organizacional a Escola de Enfermagem de Castelo Branco? Lembra-se de alguns órgãos que existiam nesse período?**

**(M.A.G.):** Assim de repente não me recordo.

**(H.H.): O que diria da importância do Conselho Pedagógico Científico da Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.G.):** Era presidido pelo sr. Ismael, era o diretor que acumulava e todos os assuntos de interesse, e no princípio aquilo que era do pedagógico discutia-se no científico. Isto antes da integração no ensino superior. Já havia este órgão sim senhor.

**(H.H.): Quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período pós-revolucionário?**

**(M.A.G.):** Eram os coordenadores dos anos.

**Era o diretor e os coordenadores dos anos. Tinham um peso grande que até mesmo os professores que lá iam dar aulas, a parte de notas, tudo passava pelos coordenadores,**

mesmo às vezes contratar, os coordenadores tinham uma palavra a dizer.

**(H.H.): Aproveitando o facto de ter frequentado o Lar de Alunas Enfermeiras o que é que recorda mais desse tempo, da vivência nesse espaço?**

**(M.A.G.):** Olhe, para mim foi assim uma experiência... porque vim de casa dos meus pais, e entrar num lar... onde havia muita gente...ficar assim ali. Depois ali havia, depois ali é que eu notei, que havia mais disciplina, mais rigor do que na escola. E depois havia ainda outra coisa, na escola sabia-se tudo o que se passava no lar. Não sabemos como, eu não sei muito bem a articulação que havia com a escola, sei que a gente pagava o lar, mas nunca me apercebi se o lar era da escola. Mas sei que os professores iam lá a comer. Quando havia alguma coisa, ou porque havia mais barulho ou não sei que, lembro-me que a Amélia Cêpa que ia lá fazer reuniões e ralar quando alguém se portava mal ou havia queixas. Portanto a responsável. Ela ia lá muitas vezes almoçar, e a almoçar iam muitas, ela ia quase sempre, ela e a Maria Augusta também iam almoçar. Tinham lá a mesinha à parte, mas sempre ali no controlo, nós estávamos sempre controladas. Nas entradas e nas saídas também havia um controlo apertado. Eu não sei se era às 11 ou meia-noite que fechava o lar, mas julgo que era às 11h, mas já não tenho a certeza.

**(H.H.): Havia alguma roupa específica do Lar?**

**(M.A.G.):** Não, não. Cada um usava a sua roupa normal. Havia regras para quem queria lavar a roupa. A roupa era lavada em tanques, ver se havia algum para lavar se não. Até nisso tínhamos de ter o cuidado do estendal por causa da roupa, para ver se cabia ou não.

**Sei lá...foi também uma experiência...o lar foi das coisas que me marcou menos.**

Não foi das coisas que mais gostei, não.

**(H.H.): Havia algum tipo de hierarquia no interior do Lar?**

**(M.A.G.):** Havia, havia. Havia a responsável do lar que

não fazia nada, anda só a vigiar, essa tinha mesmo papel de polícia. Depois havia uma outra senhora encarregada que também vigiava, mas mandava nas empregadas. E depois havia as empregadas. Portanto havia assim uma senhora que nada fazia, que só vigiava, ou quando chegavam as professoras tocava a campainha para chamar a outra senhora e vinha a empregada. Mas isso nunca achei muita piada. No entanto, no quarto, ainda hoje mantenho relação com essas pessoas que estiveram no meu quarto nessa altura. Ainda nos falamos hoje, veja os anos que passaram. Mantivemos essa amizade.

**(H.H.): Como descreve os quartos?**

**(M.A.G.):** O quarto onde eu estava era bastante grande, nesse quarto estávamos ... eu estava num quarto com sete pessoas. Havia quartos mais pequenos. E portanto, as que estávamos nesse quarto sempre nos demos muito bem. Como lhe digo ficamos amigas. O que teve de bom foi essa parte.

**(H.H.): Lembra-se da existência de instrumentos de controlo das alunas?**

**(M.A.G.):** Parece que havia. Tínhamos um livro, tínhamos. Tínhamos um livro, quando íamos de fim-de-semana assinávamos, até por causa das refeições, provavelmente assinávamos todos os dias, mas já não me recordo bem.

**(H.H.): Recorda-se de algum episódio curioso com as raparigas do Lar?**

**(M.A.G.):** Isso era muito complicado. E então no lar, se ia algum rapaz com as meninas à porta, parece que aquela senhora andava sempre pelas janelas, porque as janelas era assim...dava para a rua.

A senhora andava sempre a vigiar, sempre de um lado para o outro, eu não sei como é que ela via, sei que a sala de espera dela, ela tinha um candeeiro pequenino, e nós estávamos sempre a ver se havia luz, ela estava sempre na varanda, no primeiro andar, onde estava sempre na vigia e, portanto, quando alguns rapazes iam com elas “ficas mais longe senão...nem podiam ir ao lar” Isso era uma guerra. Isso era mesmo, ultrapassava todos os limites. Mas era assim, a regra era assim, isto muito antes do 25 de Abril, dava a sensação que as pessoas não podiam namorar e não viam nisso uma coisa saudável.

Do lar era só gente de fora, mas não me marcou muito, mesmo hoje quando nos encontramos falamos da escola, mas do Lar não.

**Entrevista realizada em julho de 2011.**



Maria Alice Barata Garcia “58º Aniversário da ESALD”  
07 de junho de 2006

# MARIA AUGUSTA MAGALHÃES



Maria Augusta D` Ascensão Marinho de Magalhães nasceu a 22 de julho de 1930, filha de Francisco Martins Marinho e de Maria d` Ascensão Marinho, casada, natural da freguesia de Sarzedas, concelho e distrito de Castelo Branco. Ingressou na Escola de Enfermagem de Castelo Branco (Particular) para realizar o curso de Auxiliar Social, mais tarde, em 1957, frequentou o curso de Auxiliar de Enfermagem transitando, depois, para o curso de Enfermagem Geral. Foi Auxiliar de Monitor na Escola de Enfermagem (particular) a partir de 1963. Transitou para a categoria de Enfermeiro-professor em 1983. De acordo com os dados recolhidos, possuía prática de enfermagem desde os 18 anos de idade no Posto de Assistência Social das Sarzedas.

**Helder Henriques (H.H.):** Gostaria de agradecer o facto de me ter recebido em sua casa para ser entrevistada sobre a sua experiência profissional e a sua ligação à Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Dr. Lopes Dias. Começava esta entrevista perguntando-lhe o seguinte: Na sua perspetiva, o que era a enfermagem no período do Estado Novo?

**Maria Augusta Magalhães (M.A.M.):** A enfermagem nessa altura era quase como um caminhar às cegas, não havia nada nos arredores.

A escola foi aberta, nós éramos um grupo de alunos de, creio, 30 pessoas e tivemos as primeiras aulas num compartimento do Dispensário de Puericultura do dr. Alfredo da Mota.

E nessa altura as pessoas assistiam às aulas com toda a atenção, com todo o entusiasmo, porque não havia nessa altura conceito nenhum de enfermagem sequer, nem prática nenhuma de enfermagem.

A enfermagem era toda praticada por religiosas no hospital, não havia nenhum conceito de enfermagem, extra as irmãs que trabalhavam no hospital. De maneira que fomos muito entusiasmadas para ver se conseguíamos modificar alguma coisa e sermos umas enfermeiras diferentes.

E aí o diretor da escola com os outros médicos, eram quatro que nos davam as aulas, ele sempre foi uma pessoa que dinamizou muito toda esta expansão da enfermagem e do ensino da enfermagem.

**(H.H.):** No fundo o Dr. José Lopes Dias teve um papel de primeira ordem no desenvolvimento da enfermagem nos arredores de Castelo Branco?

**(M.A.M.):** Primordial, primordial. Durante este tempo nós não tínhamos ninguém a orientar-nos. Não havia orientadores, como agora se diz, para o estágio, não tínhamos absolutamente nada.

E uma das vezes que fomos ao hospital, as freiras fecharam-nos a porta e elas não nos deixaram lá entrar. Não queriam a enfermagem laica lá. Nós voltamos à escola, dissemos ao dr. Lopes Dias, ele era o diretor clínico do hospital, abriu a porta e a partir daí elas nunca mais nos proibiram a entrada.

**(H.H.):** Quando começou a trabalhar como era ser enfermeira?

**(M.A.M.):** Eu quando comecei a trabalhar, não fui nunca enfermeira de cabeceira, eu fui trabalhar num centro de saúde na minha terra – Sarzedas – e aí o meu trabalho era

realmente de qualquer urgência e ainda tinha a funcionar um lactário. Era eu que estava a frente dele e fazia pequenos tratamentos, injeções, isso assim... aqui estive cerca de 8 anos. Voltei, mais tarde, à escola para fazer o curso de enfermagem, há episódios que realmente...

não tínhamos monitores nem nada, mas os professores depositavam total confiança em nós, nós éramos responsáveis, sabíamos que não estava ninguém a vigiar-nos ou a ensinar-nos sequer, só a parte teórica que tínhamos na escola, e nós procurávamos fazer tudo aquilo que era necessário.

Era tal a responsabilidade que uma vez o Dr. José Lopes Dias, convidou-me para ir para o concelho de S. Vicente da Beira fazer a vacinação naquelas povoações todas. Eu estive lá quinze dias, estava no Hospital, e ia todos os dias de burro a cada povoação, às vezes chovia, e eu lá ia de um lado para o outro vacinar, fazia a escrita, apanhei numa dessas vezes uma camada de piolhos, e fiz essa vacinação a todos. Depois vim, e o dr. José Lopes Dias, disse-me:

olha Maria Augusta agora vais à delegação de saúde que vais receber o pagamento do trabalho. Eu fui lá e nessa altura pagaram-me 400 escudos. Muito bem. No outro dia chama-me o dr. José Lopes Dias e diz-me assim: “anda cá que hás de ver uma coisa engraçada”. O homem dono do burro, que ia comigo todos os dias porque eu não conhecia os caminhos, enviou um papel assim: “Transporte do burro – 450 escudos”. O burro ganhou mais do que eu, eu recebi 400 e o burro 450 escudos. Eu é que transporte o burro....

Eram assim episódios. De outra vez estivemos, eu e mais duas alunas, houve um surto de febre tifoide perto dos montes da senhora e tiveram de montar uma enfermaria de urgência no antigo liceu velho, onde é agora o museu, fomos para lá, estivemos de quarentena, noite e dia, sempre a trabalhar e a tomar conta deles.

**(H.H.):** Quais foram os aspetos que mais marcaram a sua formação enquanto aluna na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?

**(M.A.M.):** Foi realmente a ansiedade que nós tínhamos de aprender e a proteção que tínhamos, o apoio que tínhamos por parte dos professores que estavam sempre prontos a ensinar-nos e a ajudar-nos. E também a camaradagem entre todos, que nessa

altura era muito boa, éramos muito camaradas uns dos outros, e era um ambiente são...um ambiente sem segundas intenções que não fosse a ânsia de aprender e chegar ao fim com o curso.

**H.H. Outro aspeto importante tem a ver com os valores e com as qualidades que eram privilegiadas ao nível da formação de enfermeiros aqui em Castelo Branco. Já me falou da camaradagem, do princípio da confiança...que outros valores poderíamos acrescentar aqui?**

**(M.A.M.):** Era, era. O de responsabilidade na aprendizagem para a aplicação no futuro desses conhecimentos.

**(H.H.): Como eram vistos e vividos esses valores?**

**Dentro da Escola e nas práticas clínicas? Eram de facto aplicados?**

**(M.A.M.):** Eram aplicados quando podíamos e quando nos deixavam.

**(H.H.): Como é que a negação do casamento às enfermeiras, até 1963, influenciou a formação e a procura das escolas de enfermagem?**

**(M.A.M.):** Não, porque quanto a mim, quando disse que vinha para a escola de enfermagem, lembro-me que uma tia disse-me assim:

*“ó filha olha que depois não te podes casar...”  
Não posso casar? Hei-de casar sim senhora  
se apanhar com quem...”*

não me influenciou nada até porque inicialmente fiz o curso de auxiliar social, só depois fui para a escola de enfermagem fazer o curso geral, a escola era particular, o dr. José Lopes Dias disse-me assim “tu sempre foste boa aluna, podes fazer o curso de enfermagem, o 1 e 2 anos num ano e depois fazes o terceiro, e eu fiz...depois fui para o 3 ano, continuei com boas notas, cheguei ao fim do 3 ano não me deixaram fazer exame, porque não podia ter feito isso, a escola era particular e não podia ter decidido uma coisa dessas. Eu fiquei...nessa altura, como era fim do ano e eu estava preparada para fazer o exame do curso geral o dr. Lopes Dias disse-me: “porque não fazes ao menos o exame do curso de auxiliar de enfermagem?” “Eu fiz o exame completamente derrotada, não chumbei porque não calhou, por que eu nem sabia o que me perguntavam nem nada de tão derrotada que estava e depois pronto fui para casa e no seguinte fui novamente para a escola e fiz o 3 ano novamente, portanto eu tenho 5 anos de aprendizagem do curso de enfermagem.

*Depois no fim de fazer o exame o dr. Lopes Dias disse: “ficas aqui a trabalhar connosco”.  
Fiquei logo a trabalhar na escola.*

**(H.H.): Enquanto professora, como caracteriza o ensino na Escola de Enfermagem de Castelo Branco antes da sua oficialização (1973)?**

**(M.A.M.):** Nós dizíamos as coisas e as alunas obedeciam

cegamente. Não era que nós impuséssemos nada, pelos menos da minha parte, o programa era aquele e elas tinham que o cumprir. Eu tinha turmas de às vezes de 50 alunos, nessa altura do curso de auxiliares de enfermagem. Em que as pessoas tinham de estar...sei lá quantas horas é que ensinava a fazer camas? Que era uma coisa inútil... só que uma dobrinha fosse para além, já não podia ser...só que o canto não ficasse bem...já não podia ser e o ensino era assim. Portanto isso aplicava-se a todas as outras coisas, nós tínhamos que executar aquele programa e as alunas sujeitavam-se a isso, mas sem nunca impor o sentido de que eu mando e tu obedeces. Nada. Era só na perspetiva de as preparar...porque elas depois acabam aqui o curso e iam 6 meses para Lisboa, para os Civis, e veja o que era pessoas saírem daqui com a 4ª classe e um ano de escola para Lisboa e encarregavam-nas com a responsabilidade de enfermarias. Mas mesmo assim, não sei se já ouviu falar de uma enfermeira que era chefe dos Hospitais D. Maria da Cruz Repenicado Dias, ela vinha cá buscar as alunas. Houve um ano em que o Dr. José Lopes Dias disse não, este ano as alunas ficam por aqui...ela veio cá de propósito buscar as alunas, ela queria as alunas da escola de Castelo Branco porque nós dávamos uma boa preparação já por saber que elas depois iam trabalhar para lá.

**(H.H.): Enquanto professora, como caracteriza o ambiente educativo na Escola de Enfermagem de Castelo Branco antes da sua oficialização (1973)?**

**(M.A.M.):** Era bom. Era um bom ambiente. Nessa altura éramos poucos, era eu, era uma tal senhora que já morreu D. Branca, depois foi o Leonel, e a seguir fui eu, e depois foi Amélia Cêpa e o Ismael Martins.

*Era um ambiente quase como família,  
era como família. Um tinha uma  
dificuldade e o outro ajudava.*

Eu hoje precisava de ir aqui ou acolá, olha eu não posso dar hoje esta aula, vê lá se substituis por uma aula tua, este horário...era realmente um ambiente muito bom. Havia muita união entre todos.

**(H.H.): E com o diretor? E os alunos?**

**(M.A.M.):** Com o diretor também. Uma relação muito boa. Uma relação de proximidade. Com os alunos era mesmo uma relação muito próxima tanto que uma vez um aluno disse: “Nós vivemos aqui mesmo como uma família”. Portanto nós não víamos neles pessoas distantes, nem eu sou o professor e tu és o aluno, vivíamos como que uma família. Inclusivamente brincávamos e fazíamos paródias. Era um ambiente quase familiar. Claro, depois começaram a vir alunos

diferentes, porque estes alunos quando começou a escola de enfermagem eram quase todos eles recrutados do Vale da Senhora da Póvoa, que era a terra do diretor, e todos tinham um certo respeito pelo diretor.

**(H.H.): Relativamente à atuação do diretor?**

**(M.A.M.):** O diretor dialogava connosco. E com os alunos, ele era professor, também tinha um relacionamento.

**(H.H.): Tem alguma ideia do Conselho Escolar? Das reuniões que havia nesse órgão?**

**(M.A.M.):** Não havia. Pode-se dizer que já por último é que havia conselho escolar, mas que quase não funcionava.

**(H.H.): Como viu o impacto do período revolucionário pós-25 de Abril na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.M.):** Foi difícil.

*Foi difícil porque os alunos começaram a sentir e a pensar que tinham liberdade, mas não sentiam que essa liberdade colidia com a liberdade do outro que estava ao lado.*

De maneira que aquilo era um quererem impor-se e invadiam a secretaria. Sentavam-se lá na secretaria e perguntavam porque é que era assim e o que estava nos livros e inclusivamente uma das vezes o diretor ia a subir o corredor da escola, e nesse dia tinha lá ido a esposa dela, iam os dois a subir o corredor da escola e uma delas diz assim: "o que é que estes dois andam aqui a fazer? Já deviam ter morrido há muito! Vá daqui para fora." Foi preciso um equilíbrio muito grande e tato da nossa parte para sabermos lidar com eles. Com alguns, não era na totalidade. Eram aquelas mais ousadas, mais revolucionárias é que faziam isso.

**(H.H.): Eventualmente ligadas a partidos políticos.**

**(M.A.M.):** Sim, com certeza. Ligadas a partidos políticos. Recordo-me que uma vez uma delas bateu-me aqui à porta. Então Susana o que é que se passa? Vinha perguntar-lhe...já não sei o que foi. E eu respondi-lhe, mas sempre com cuidado para evitar problemas... Agora que nós soubemos sempre lidar com elas, soubemos, porque não dizíamos "não, não é assim. Dizíamos, bom, vamos lá ver então como pode ser...foi um bocado difícil!

**(H.H.): Quais foram as principais alterações que se deram após o 25 de Abril na Escola de Enfermagem de Castelo Branco?**

**(M.A.M.):** Os planos de estudo alteraram-se muitas vezes. Sobretudo em relação à qualidade das aulas, novos temas, a importância que ganharam a sociologia e a psicologia que passaram a ter muitas horas. Também houve uma altura que foi introduzida uma componente para se fazerem experiências fora da escola, nas aldeias, eu ia com elas para ver os aspetos rurais e assim. De resto, em relação às outras disciplinas só se for o aumento do número de horas.

**(H.H.): Um ano antes da revolução a escola tinha sido oficializada. Não havia um certo receio da escola poder vir a ser fechada naquele contexto?**

**(M.A.M.):** Bem queriam. Diziam que queriam sanear algumas pessoas.

**(H.H.): A psicologia e da sociologia promoveram alterações no que diz respeito à enfermagem?**

**(M.A.M.):** Assim elas aplicassem. Portanto as alunas saiam com uma formação diferente. Depois na aplicação dessa formação notava-se realmente que as enfermeiras eram diferentes. Notava-se que tinham uma formação mais humana, de proximidade aos doentes, mas isso eram aspetos que nós incutíamos na escola, a humanização dos cuidados e a importância de conhecer bem o ser humano.

**(H.H.): Que valores mais se incutiram na Escola de Enfermagem de Castelo Branco? Como foram vividos esses valores?**

**(M.A.M.):** A humanização, a responsabilidade, a dignidade da própria pessoa, o respeito pelo doente.

**(H.H.): Era importante incutir nos alunos essa ideia do respeito pelo doente?**

**(M.A.M.):** Então não era? Se era importante! O doente que está ali é um ser humano. O nosso objeto de trabalho não é o papel, nem é a escrita, nem é uma esferográfica, é o ser humano, portanto temos de ver que temos ali uma vida nas nossas mãos, temos de lidar com ele quanto à doença que tem, mas sobretudo também no aspeto psicológico dessa pessoa.

*A pessoa é composta de uma parte material e uma parte espiritual que tem de ser atendida.*

Isto era muito valorizado ao longo da formação teórica e prática das alunas.

**(H.H.): Seguiu-se algum modelo de aprendizagem depois do 25 de Abril?**

**(M.A.M.):** Não houve um modelo muito diferente. O que aconteceu foi o reforço dessas práticas de ensino. A humanização é um aspeto importante. Outro aspeto é em relação ao doente e aos próprios familiares do doente que também precisam de apoio, que às vezes vem mais desesperados que os próprios doentes. Esse relacionamento também tem que ser feito e que foi muitas vezes vincado no ensino.

**(H.H.): Quem eram as pessoas mais influentes na Escola de Enfermagem de Castelo Branco após o período revolucionário (depois de 1976)?**

**(M.A.M.):** Dentro da escola continuava a ser o diretor, a nível geral, e depois os professores dentro da coordenação das turmas que tínhamos. Eu dava sobretudo a parte de obstetrícia e a parte da

enfermagem obstétrica. Eu era responsabilizada por isso. Estava à frente disso. Gostava muito dessa parte e os alunos também.

**(H.H.): Disse-me que não se recorda de ter sido presidente da Assembleia Geral da Escola, em relação a este órgão que surgiu na legislação não se lembra de nada?**

**(M.A.M.):** Nada, nada. Se me puseram lá foi no papel e eles lá geriam.

**(H.H.): E em relação ao Conselho Pedagógico Científico recorda-se de alguma coisa?**

**(M.A.M.):** Sim, lembro-me. Mas nunca fiz parte dele.

**(H.H.): Voltando à questão do Estado Novo, eu pergunto-lhe: Como vê as ideias de obediência e disciplina na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período do Estado Novo? Eram incutidos estes princípios na formação dos alunos?**

**(M.A.M.):** Obediência e disciplina? Disciplina sim! Obediência aos princípios e à profissão, e aos deveres que essa profissão exigia. Elas conheciam, e lá está a Isabel d' Orey explica isso muito bem, eram esses princípios que geriam e as pessoas obedeciam a esses princípios. E na disciplina também. A obediência hierarquicamente existia, o médico era o médico e a enfermeira era julgada abaixo do médico, como auxiliar do médico. Hoje não é assim. O médico mandava fazer e fazia-se. Agora não.

**(H.H.): Ao longo da sua carreira profissional, um dos livros de referência que teve em conta foi o livro de Isabel d' Orey?**

**(M.A.M.):** Sim. Uma referência.

**(H.H.): A discrição e as boas maneiras eram princípios incutidos na formação de enfermeiras no período do Estado Novo em Castelo Branco? As enfermeiras deviam possuir estas características?**

**(M.A.M.):** Sim, era. Mesmo em relação à farda. Tinham de respeitar essas coisas. A enfermeira nessa altura era vista como uma pessoa que tinha que obedecer a determinados princípios de respeito, de dignidade, de bem fazer e proceder.

**H.H. Relativamente às práticas disciplinares, dentro da escola, as alunas tinham normas, existiam regulamentos, havia problemas em relação a normas?**

**(M.A.M.):** Regulamentos não havia. Mas por exemplo, lembro-me de uma vez de um episódio de uma aluna que namorava um rapaz e depois vieram dizer lá à escola que ela tinha estado até tarde num bar e essa aluna foi logo chamada à atenção.

**Algumas pessoas esperavam da enfermeira um exemplo de virtude e honestidade. Um exemplo para a sociedade.**

**(H.H.): A lealdade, a dignidade e a verdade eram princípios que estavam articulados com a formação na Escola de Castelo Branco no período do Estado Novo? A enfermeira M.A.M. tinha essa preocupação nas suas aulas de vincar estes princípios?**

**(M.A.M.):** Tinha, eu tinha essa preocupação. Era sempre um aspeto que se frisava sempre. Os alunos eram obrigados a aplicá-los no estágio e conscientes daquilo que estavam a fazer. Quer dizer, conscientes de que sabiam que tinha de ser assim. Era isso que se esperava deles. Lembro-me uma vez, estávamos em estágio, e houve um doente que precisou de ir à casa de banho e o aluno andou à procura de uma cadeira e não encontrou. Sabe o que fez? Agarrou naqueles carrinhos de transportar as botijas do gás e levou-o. Foi criatividade.

**(H.H.): A bondade, a coragem, a paciência, o entusiasmo e a alegria eram princípios presentes no quotidiano formativo da Escola de Enfermagem de Castelo Branco no Estado Novo?**

**(M.A.M.):** Paciente com o doente...que se queixa muitas vezes e a enfermeira devia estar preparada para lidar com essas queixas.

**A enfermagem era vista como uma vocação, a enfermeira tem de ter estas qualidades todas e tem de ser alegre,**

não é a enfermeira triste de semblante carregado de incutir pouca esperança ao doente, não ela tem de ser alegre e transmitir essa coragem ao próprio doente.

**(H.H.): Porque é que a enfermeira deveria ser corajosa?**

**(M.A.M.):** Para enfrentar as coisas que aparecessem, porque muitas vezes não tem...quantas pessoas desmaiam etc... e a enfermeira tem de ter força para ajudar o doente na situação em que está e para ver determinadas situações,

**mas sobretudo corajosa para não tirar a esperança ao doente e para lhe incutir coragem para vencer os problemas.**

É por isso que é importante também ser alegre e entusiasta no interior da profissão.

**(H.H.): E aqui em relação à bondade, a enfermeira devia ser um elemento bondoso, segundo Isabel d'Orey, como é que isso se aplicava na prática?**

**(M.A.M.):** Também com os pacientes, porque uma pessoa que não tenha bom fundo, que não seja bondosa, faz mecanicamente as coisas. Uma pessoa bondosa atende a que o doente está a sofrer, atende

a que tem de o respeitar, atende a que lhe faz carinho, animá-lo, dentro da técnica que está a executar deve transmitir essa bondade ao doente.

**(H.H.): No fundo, o que estamos a falar e no seguimento do que disse, é que havia uma disciplina de natureza moral e técnica? Devia ter destreza de mãos, mas também formação moral?**

**(M.A.M.):** Havia. Era muito importante essa relação. E ainda é, mas os valores morais são hoje esquecidos. Uma pessoa bem formada é uma pessoa que respeita estes princípios dentro da profissão.

**(H.H.): Quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período do Estado Novo?**

**(M.A.M.):** O diretor e todos os professores eram considerados.

**(H.H.): Quem eram os professores mais considerados na Escola de Enfermagem de Castelo Branco no período pós-revolucionário?**

**(M.A.M.):** Em termos gerais eram todos bem considerados e os alunos todos respeitavam os professores tal e qual respeitavam o diretor.

**(H.H.): Para terminar, o que é que recorda com mais apreço da sua vivência, experiência, no âmbito da formação antes e depois do 25 de Abril?**

**(M.A.M.):** Lembro-me de muitos episódios e de muitas coisas.

*Recordo-me com saudade de tudo. Porque a minha vida profissional foi toda lá na escola.*

Foi lá que acabei o curso e foi lá que me reformei. Trabalhei sempre na enfermagem, como professora. De maneira que enumerá-las seria difícil. Mas recordo e tenho muitas saudades. Nessa altura nós vivíamos como uma família. Da escola antiga tenho muitas saudades...

**(H.H.): Agradeço, mais uma vez, a sua disponibilidade e a sua amabilidade.**

**(M.A.M.):** Espero ter contribuído para o desenvolvimento do trabalho!

**Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2011, pelas 14.30h.**



Maria Augusta Magalhães - "58º Aniversário da ESALD"  
07 de junho de 2006

# EM SÍNTESE...

Ao longo deste trabalho tivemos oportunidade de ir ao encontro de um projeto institucional e profissional que respondeu a um conjunto de interesses em meados do século XX. Em primeiro lugar, responde à falta de pessoal de enfermagem, particularmente na região da Beira Baixa. Esta necessidade levou a que o médico José Lopes Dias tentasse controlar os mecanismos de formação daqueles que entendia constituírem uma mais-valia para o território. Nasceu, assim, o curso de Auxiliares de Enfermagem, o curso de Auxiliares Sociais e o curso de Enfermagem Geral.

Em segundo lugar, a Escola de Enfermagem de Castelo Branco evidencia de modo objetivo os avanços e recuos no processo de construção de uma jurisdição profissional própria. Se numa primeira fase, percebemos a relevância da medicina junto da enfermagem, percebemos igualmente as estratégias que se foram construindo para que a enfermagem alcançasse maior respeitabilidade profissional e social. Neste âmbito, os saberes da enfermagem foram, gradualmente, ganhando autonomia e o número de professores que eram enfermeiros também ganhou espaço no interior das instituições desta natureza. Em terceiro lugar, realçamos a importância da enfermagem como uma área que respondia à necessidade de implementar um Estado de bem-estar, particularmente, depois da Revolução de Abril de 1974. Neste âmbito, os Enfermeiros caminharam para o aprofundamento da cientificidade daquilo que faziam e alargaram o seu campo de ação através de uma relação profícua com as ciências sociais e humanas criando-se os cuidados de enfermagem. Por fim, os cinco testemunhos que se encontram disponíveis para as mais diferentes análises, constituem um elemento importante que permite a valorização do processo de construção da enfermagem em Portugal,

analisam os seus percursos de vida no contexto institucional da Escola de Enfermagem de Castelo Branco tendo em conta os regimes políticos, as dificuldades mas também a oportunidade que foi estudar e ensinar numa escola com as características de "família" que todos os entrevistados assumem nos tempos em que lá estiveram.

A Escola de Enfermagem de Castelo Branco/ Dr. Lopes Dias revelou-se uma ilha de esperança para aqueles que pretendiam ascender socialmente e que de outro modo tornava-se muito difícil. Assim, José Lopes Dias merece todas as homenagens realizadas e outras que devem reforçar a importância deste homem pelo projeto que construiu, mas, principalmente, pelo contributo inextinguível para o desenvolvimento de toda uma região.



Dr. José Lopes Dias (Arquivo fotográfico da ESALD)



# BIBLIOGRAFIA

ABBOTT, Andrew (1988), *The System of Professions – An Essay on the Division of Expert Labor*, Chicago/London: The University of Chicago Press.

ABBOTT, Pamela e MEERABEAU, Liz (1998), "Professionals, Professionalization and the Caring Professions", in ABBOTT, Pamela e MEERABEAU, The *Sociology of the Caring Professions*, London/ New York: Routledge, pp. 8.

ABBOTT, Pamela e MEERABEAU, Liz, *The Sociology of the caring professions*, 2ª ed., London/New York: Routledge.

ABREU, Wilson Correia de (2001), *Identidade, Formação e Trabalho – Das Culturas Locais às Estratégias Identitárias dos Enfermeiros*, Lisboa/ Coimbra: Educa/ Formasau, pp. 83.

AMÂNCIO, Lúcia (1993), "Género – Representações e Identidades", *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº14, pp. 127-140.

AMENDOEIRA, José (2006), *Uma Biografia Partilhada da Enfermagem: A Segunda Metade do Século XX*, Coimbra: Formasau.

BOURDIEU, Pierre (1985), "The social space and the genesis of groups", in *Social Science Information*, 24, pp.197.

CANÁRIO, Rui (Org.) (2003), *Formação e Situações de Trabalho*, 2ª ed., Porto: Porto Editora.

Debates Parlamentares – Câmara dos Senhores Deputados de 25/03/1947, pp. 1044 (Sublinhado Nosso), [Consultado no dia 31 de Março de 2009].

COLLIÉRE, Marie – Françoise (1989), *Promover a Vida – Da prática das Mulheres de Virtude aos Cuidados de Enfermagem*, Lisboa: SEP.

DIAS, Manuel Lopes (2009), "José Lopes Dias: Um testemunho" in HENRIQUES, Helder Manuel Guerra (Org.), *Penamacor – 800 Anos de História*, Edição da Câmara Municipal de Penamacor, pp. 253-257.

DUBAR, Claude (1997), *A Socialização – Construção das identidades Sociais e Profissionais*, Porto: Porto Editora.

ESCOBAR, Lucília (2004), *O Sexo das Profissões – Género e Identidade Socioprofissional em Enfermagem*, Col. Biblioteca das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento.

ETZIONI, Amitai (1969), *The Semi-professions and their organisation*, New York: Free Press.

FOLGADO, Joaquim, (2006), *O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas*, Tese de doutoramento. Universidade do Minho.

FREIDSON, Eliot (1986), *Professional Powers: A Study of the Institutionalization of Formal Knowledge*, Chicago/London: The University of Chicago Press.

FREIDSON, Eliot (1994), *Professionalism Reborn – Theory, Prophecy and Policy*, Cambridge: Polity Press.

GONÇALVES, Carlos (2006), *Emergência e Consolidação dos Economistas em Portugal*, Porto: Edições Afrontamento.

GONÇALVES, Carlos (2007/2008), "Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento". *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras*, vol. 17/18, pp. 177 – 223.

HENRIQUES, H. M. G. (2014). *Las escuelas y la enseñanza de la enfermería: aprender a cuidar en Portugal en el Estado Novo (1940-1979)*. *Revista Mexicana De Historia De La Educación*, 2(3), 47-71. <https://doi.org/10.29351/rmhe.v2i3.35>

FERREIRA, A. G.; HENRIQUES, H. M. G. (2014). *A renovação da enfermagem em testemunhos sobre o seu ensino nas décadas de 70 e 80 do séc. XX*. *Estudos do Século XX*, nº 14, 297-314.

HENRIQUES, H. (2018). *A Enfermagem em Portugal: formação e identidade profissional – A Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Dr. Lopes Dias (1948-1988)*. Castelo Branco: RVJ Editores.

HENRIQUES, H. M. G. (2012). *Formação, Sociedade e Identidade Profissional dos Enfermeiros – A Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Dr. Lopes Dias (1948-1988)*. Coimbra: Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra (FPCE), 633 págs. (com anexos em CD).

HENRIQUES, Helder Manuel Guerra (Org.) (2009), *Penamacor – 800 Anos de História*, Edição da Câmara Municipal de Penamacor.

HUGHES, Everett C. (1981), *Men and Their Work*, 2ª ed., Westport, Connecticut, Greenwood Press (1ª ed. 1958).

JOHNSON, Terence (1972), *Professions and Power*, Londres: Macmillan.

LARSON, Magali Sarfatti (1979), *The Rise of Professionalism – a Sociological Analysis*, Berkeley/Los Angeles/London: University Of California Press.

LONGUENESSE, Elisabeth (1994), "Introduction (Atelier 2 – État, Institutions, pouvoirs et professions libérales)" in DUBAR, Claude e LUCAS, Yvette (éds.), *Génese & Dynamique Des Groupes Professionnels*, Presses Universitaires de Lille, pp. 129 – 145.

MACDONALD, Keith (1999), *The Sociology of the Professions*, 2ª ed., London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage.

MARTINS, Ismael (1982), *Escola de Enfermagem do DR. Lopes Dias – Subsídios para uma História*, Castelo Branco.

MOZZICAFREDDO, Juan (1992), "O Estado-Providência em Portugal: estratégias contraditórias" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 12, pp. 57 – 89.

NUNES, Lucília Rosa Mateus (2003), *Um Olhar Sobre o Ombro: Enfermagem em Portugal (1881- 1998)*, Loures: Lusociência. PORTELLI, Alessandro "What makes oral history different", in R. Perks e A. Thomson (eds.) *The Oral History Reader*. London: Routledge, 2003, p. 67.

RIBEIRO, Lisete Fradique (1995), *Cuidar e Tratar – Formação em Enfermagem e desenvolvimento Sócio-Moral*, Lisboa: Educa/SEP, pp. 42.

RODRIGUES, Maria de Lurdes (2002), *Sociologia das Profissões*, 2ª ed., Oeiras: Celta Editora.

SILVA, Ana Isabel (2008), *A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SOARES, Maria Isabel (1997), *Da Blusa de Brim à Touca Branca – Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)*, Lisboa: Educa/Associação Portuguesa de Enfermeiros.

WITZ, Anne (1992), *Professions and Patriarchy*, London/New York: Routledge





